



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**ANNE ALENCAR MONTEIRO**

**HOMENS QUE ENGRAVIDAM:  
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE PARENTALIDADES  
TRANS E REPRODUÇÃO**

Salvador  
2018

**ANNE ALENCAR MONTEIRO**

**HOMENS QUE ENGRAVIDAM:  
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE PARENTALIDADES  
TRANS E REPRODUÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Cecília Anne McCallum

Salvador  
2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Monteiro, Anne Alencar

Homens que engravidam: um estudo etnográfico sobre  
parentalidades trans e reprodução / Anne Alencar

Monteiro. -- Salvador, 2018.

137 f.

Orientador: Cecilia Anne McCallum.

Dissertação (Mestrado - Antropologia) --  
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia  
e Ciências Humanas, 2018.

1. Homem Trans. 2. Relacionalidade. 3. Parentesco.  
4. Gravidez. 5. Corpo. I. McCallum, Cecilia Anne. II.  
Título.

**ANNE ALENCAR MONTEIRO**

**HOMENS QUE ENGRAVIDAM:  
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE PARENTALIDADES TRANS  
E REPRODUÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Aprovada em 21 de dezembro de 2018

**Banca Examinadora**

Cecilia Anne McCallum – Orientadora  
Doutora em Antropologia Social pela University of London, Grã-Bretanha  
Universidade Federal da Bahia

Laura Moutinho  
Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Brasil  
Universidade de São Paulo

Felipe Bruno Martins Fernandes  
Doutor em Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de  
Santa Catarina, Brasil  
Universidade Federal da Bahia



Ata da Reunião da Defesa Oral de Dissertação de Mestrado de Anne Alencar Monteiro, intitulada: "Homens que engravidam: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução".

Aos 21 dias de dezembro do ano de dois mil e dezoito, às 09:00h, no auditório do CRH (FFCH), foi instalada a Banca Examinadora da Defesa Oral da Dissertação de Mestrado de Anne Alencar Monteiro, intitulada: "Homens que engravidam: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução". A sessão foi aberta pela orientadora Profa. Cecilia Anne McCallum (PPGA/UFBA), que procedeu à composição da Banca Examinadora formada por ela, Prof. Felipe Bruno Martins Fernandes (PPGA/UFBA) e pela Profa. Laura Moutinho da Silva (PPGAS/USP). Em conformidade com o Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia foi concedido o prazo de trinta minutos para que o mestrando fizesse a apresentação da sua Dissertação. Em seguida, os membros da banca iniciaram suas arguições, para o que dispuseram, individualmente, de trinta minutos. O primeiro arguidor foi o Prof. Felipe Bruno Martins Fernandes (PPGA/UFBA), seguido pelo Profa. Laura Moutinho da Silva (PPGAS/USP); e, finalmente, a arguição da orientadora Profa. Cecilia Anne McCallum (PPGA/UFBA). Finalizadas as arguições, foi concedido um novo prazo de trinta minutos para que o mestrando fizesse a sua réplica. Após a réplica, a Banca se reuniu e considerou a Dissertação intitulada: "Homens que engravidam: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução", como Aprovada. Nada mais havendo a tratar, eu, Profa. Cecilia Anne McCallum (PPGA/UFBA), lavrei a presente ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pelo mestrando.

Salvador/BA, 21 de dezembro de 2018.

Profa. Cecilia Anne McCallum (Orientadora - PPGA/UFBA)

Profa. Laura Moutinho da Silva  
(PPGAS/USP)

Felipe Bruno Martins Fernandes (PPGA/UFBA)

Anne Alencar Monteiro  
(Mestranda)

## AGRADECIMENTOS

A Exu e Ogum, forças ancestrais que me sustentam e abrem meus caminhos. A minha mãe Yemanjá, dona do meu Ori e senhora de mim que reverbera o que há de melhor em meu coração. A meu pai Omolu pela força da terra e por me cobrir com suas palhas. A meu pai Oxalá por me fazer enxergar sempre a beleza da vida nos momentos mais difíceis. Aos Erês, em especial aos do meu barco, que sempre enchem minha vida de alegria e felicidade.

A minha mainha Marta pelo amor, carinho, força, acolhimento, cuidado e apoio nesse caminhar, sem você eu não seria nada. Ao meu painho Leonel pelo carinho, amor e dedicação. A minha irmãzinha Adunni pelos lindos desenhos e pelo chamego de sempre. As minhas tias, em especial a minha tia Márcia, pelos conselhos sobre a vida e pelos momentos alegres e festivos. As minhas avós Geralda e Glória e a minha bisavó Anita pela força e por me ensinarem segredos de sobrevivência. Ao meu “trans-amor” Bruno pelo companheirismo, apoio, fortalecimento e por ser sol nos dias de chuva. Ao meu cãozinho Nino por deitar sempre ao lado da minha mesa durante as longas horas de trabalho. Eu amo vocês!

A minha família de axé, aos meus irmãos de barco em especial a Ivan e Mariana. Com vocês aprendi o verdadeiro significado de irmandade. Sem esquecer da maravilhosa mãe, amiga e irmã Alê Estrela. Yemanjá me presentou colocando vocês na minha vida!

Aos companheiros e companheiras de luta do coletivo De Transs pra Frente: Francisco, Tito, Viviane, Fran, Diego, Milena, Nico, Yuna, Theo, Luciano, Seu Verciah, Dhan. Obrigada a vocês pela oportunidade de traçar estratégias de luta e enfrentamento a transfobia. Juntas somos mais fortes!

As minhas amigas de curso Luana, Maiara e Denise pela generosidade acadêmica. Ao meu amigo Francisco pelos cafés da tarde e pela acolhida nos momentos difíceis. A Bila por me guiar nessa jornada da vida sempre me orientando com sua escuta atenta e acolhedora.

A Cecilia McCallum orientadora e colega que tive o prazer de conviver mais de perto durante a realização dessa pesquisa, obrigada pelo incentivo e

colaboração na minha carreira acadêmica. Ao professor Felipe Fernandes, amigo e companheiro sempre solidário, sem ele esse trabalho não teria nascido. A professora Laura Moutinho por aceitar participar da banca e pelas sugestões e correções que enriqueceram ainda mais esta pesquisa.

As colegas do MUSA/ISC, em especial a Gabriela, Mariana, Elisa e Leonildo que contribuíram para este trabalho com suas sugestões e leitura do textos durante as reuniões de orientação coletiva. A toda equipe do Gira-Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação, pela acolhida e pelas oportunidades de apresentar este trabalho publicamente.

Aos Professores do PPGA/UFBA que também deram suas contribuições a esta pesquisa: Jocélio, Diego, Rosário, Cintia e Moises. Aos funcionários do PPGA/UFBA Livia e Lucas pela constante atenção e disponibilidade.

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Gratidão a todas essas mãos que seguradas a minha fizeram esse trabalho se tornar possível, nesse percurso intenso de tantas trocas, lágrimas e aprendizados, caminhamos lado a lado. Nos momentos de dúvidas e incertezas vocês estavam comigo sempre com olhares atentos, escutas sensíveis e palavras de amor, orientando e guiando cada um dos meus passos e por isso não podia deixar de dizer: obrigada!

## **Trans-parto**

Me pari. Me reinventei.  
Rompi o cordão umbilical  
(cis)hetero-terrorista  
que me acorrentava me afastando de mim  
Fui meu próprio parteiro,  
comi a placenta,  
cuspi, arrotei pra seguir.  
Pari a mim mesmo  
construindo a face que sempre desejei  
Sou ciborgue  
O corpo feito de retalhos  
de ti, de mim, de (nós)...  
Sou eu, um pouco de um montão de gente.

Bruno Santana

## RESUMO

Este é um estudo de caráter etnográfico sobre as dinâmicas relacionais de parentesco que envolve as transformações corporais, a sexualidade e a reprodução para homens trans que passaram pela experiência da gestação. Segue a trilha teórica aberta pelas autoras da abordagem conhecida como “novo parentesco” e da noção de relacionalidade (*relatedness*). A pesquisa de campo lançou mão de três estratégias metodológicas: realização de entrevistas individuais semiestruturadas com oito homens trans; observação participante em espaços de convivência de homens trans na cidade de Salvador, na Bahia; e exploração de sites e mídias sociais na internet. Trata-se de uma pesquisa sobre as relações de parentesco, afinidade e amizade em que os homens trans estão inseridos e das dinâmicas corporais que envolve a transgeneridade, a sexualidade e a gravidez. A etnografia detalha como os percursos não-lineares de “transição de gênero” são pautadas na noção prevalente de corpo plástico. Documenta as nomenclaturas específicas que os homens trans utilizam para descrever o próprio corpo em transição de gênero e sua sexualidade, para mostrar que nesses percursos há uma reclassificação das relações sociais, principalmente daquelas inscritas no âmbito do parentesco. Estar se tornando homem define tanto as novas formas de relacionalidade quanto uma reinterpretação do que se chamava de ‘maternidade’ (*motherhood*). Esses homens trans dão sentido à reprodução e à gravidez como uma experiência que constitui suas masculinidades através da metáfora do cavalo-marinho. Assim, eles rompem a associação direta entre feminilidade-gravidez-maternidade.

**Palavras-chave:** Homem trans; Relacionalidade; Parentesco; Gravidez; Corpo

## ABSTRACT

This is an ethnographic study of the relational dynamics of kinship relations involving body transformations, sexuality and reproduction among transgender men who have passed through the experience of gestation. It follows the theoretical trail opened by the authors of the approach known as "new kinship" and through the notion of relatedness. Field research used three methodological strategies: the realization of semi-structured individual interviews with eight trans men; participant observation in spaces inhabited by trans men in the city of Salvador, Bahia; and the study of websites and social media on the internet. The research concerns kinship, affinity and friendship relations within which trans men are enmeshed and explores the dynamics of the body involving transgenerness, sexuality and pregnancy. The ethnography details how nonlinear paths of "gender transition" are based on the prevailing notion of the plastic body. It documents the specific nomenclatures that trans men use to describe their own transitioning body and their sexuality, to show that in these pathways a reclassification of social relations occurs, especially kinship relations. The process of becoming man defines both the new forms of relatedness and occasions a reinterpretation of what was called "motherhood". These trans men give meaning to reproduction and pregnancy as an experience that builds their masculinities through the metaphor of the seahorse. In this way, they break the direct association between feminity-pregnancy-motherhood.

**Keywords:** Trans men; Relatedness; Kinship; Pregnancy; Body

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01</b>	GuerreirXs.....	22
<b>Figura 02</b>	Homem trans guerreiros.....	23
<b>Figura 03</b>	Perfil dos entrevistados.....	31
<b>Figura 04</b>	Quadro percurso de transição.....	67
<b>Figura 05</b>	Uso do binder.....	70
<b>Figura 06</b>	Uso do packer.....	70
<b>Figura 07</b>	Diferentes tipos de Pump.....	73
<b>Figura 08</b>	Ampolas e caixa de testosterona.....	75
<b>Figura 09</b>	Seu corpo é seu território.....	85
<b>Figura 10</b>	Manutenção do “clote” .....	86
<b>Figura 11</b>	Capa do zine.....	87
<b>Figura 12</b>	Nomeie seu mundo, seu corpo.....	87
<b>Figura 13</b>	Gravidez, identidade de gênero e sexualidade dos homens trans numa perspectiva temporal.....	96
<b>Figura 14</b>	Cavalos-marinhos.....	108

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Os desafios da pesquisa de campo.....	20
1. RELACIONALIDADE: O “NOVO PARENTESCO” .....	39
1.1 Dos clássicos à crítica feminista.....	41
1.2 Parentesco, casa, consideração e pessoa: relacionalidade na Bahia.....	43
1.3 Parentesco não heterossexual.....	45
1.4 Parentalidades Trans.....	51
1.5 Transmasculinidades, corpo e reprodução.....	52
2. CORPOS EM TRÂNSITO.....	57
2.1 “Eu pesquisei no <i>google</i> : é normal uma mulher se sentir como um homem?” .....	62
2.2 “Esse corpo é o corpo que eu queria ter” .....	66
2.3 “Nomeie, se aproprie, se integre a seu corpo” .....	81
2.4 “Eu sou um homem de vagina, eu não sou lésbica, eu não sou mulher” .....	88
3. “O NOME DELE É GUSTAVO E É A MINHA MÃE” .....	93
3.1 “Tudo virou uma bagunça para todo mundo quando engravidei” .....	95
3.2 Cavalos-marinhos.....	106
3.3 Violência familiar.....	109
3.4 “Não transicionamos sozinhos” .....	114
3.5 Ser pai, ser mãe, ser pãe.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	124
GLOSSÁRIO.....	133
APÊNDICE A -Tópico guia para a entrevista.....	134
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	136

## INTRODUÇÃO

Era uma festa de aniversário. A maniçoba, comida típica do recôncavo baiano, enchia a casa com cheiro de comemoração. Junto a essa iguaria fervia em outra panela um delicioso cozido vegetariano, pois como dizem por aí: “nem só de carne viverá o homem”. Todo esse preparativo era recheado de conversas, risadas e boa música, mas algo “destoava” na organização dos festejos. A cena na cozinha naquele dia rompia com os estereótipos de gênero, pois eram os homens trans que preparavam as comidas da festa. Enquanto estes mexiam nas panelas, eu e outras mulheres estávamos organizando a decoração e arrumando os pratos na mesa. Os convidados chegavam pouco a pouco e logo se ouvia o borbulhar de alegria de quatro crianças que invadiram a ampla sala do apartamento. Ora, mas a festa não era de adulto? Sim, era, mas essas crias vieram com seu pai Carlos e sua mãe Tânia, os convidados. Carlos é um homem trans de 36 anos. Aos 20 anos, quando ainda não se autoidentificava como homem, engravidou do Nino, seu primeiro filho que hoje tem 15 anos. Mais tarde Carlos teve uma segunda gestação quando então nasceu a Carol que agora está com 10 anos. Depois de dois casamentos, um com o outro pai do Nino e o segundo com o outro pai da Carol, Carlos conheceu sua atual esposa, a Tânia, pela internet e estão juntos há 9 anos. Com a Tânia vieram mais dois filhos gestados por ela e que Carlos considera como seus: o Pedro de 10 anos e a Bruna de 09 anos. Atualmente, moram todos juntos na mesma casa em um bairro periférico de Salvador.

Durante a festa as crianças roubaram a cena dos adultos muitas vezes. Elas interagiam entre si e com outros convidados. Dançavam, corriam, comiam, brincavam. Em meio a esta balbúrdia meu olhar estava atento às interações e relações estabelecidas entre Carlos, Tânia e seus filhos e filhas. Eles e elas se conectavam por olhares, toques corporais e na grande maioria das vezes por conversas. Tudo muito regado ao afeto, respeito, segurança. Carlos, com seu jeito um pouco tímido, convidava em segredo algumas crianças a se “comportarem”, falando baixinho em seus ouvidos. Seus olhares se entrecruzavam. Por vezes as crianças chamavam Carlos de pai, de uma forma

bastante tranquila, outras vezes o chamavam de mãe na mesma tranquilidade e Carlos sempre atendia aos chamados da mesma maneira.

No decorrer daquela tarde festiva, Carlos pega o cavaquinho trazido por ele e inicia uma roda de samba com as outras pessoas na casa. Uma alegria, adultos e crianças cantando e sambando! Foi durante esta cena que percebi uma relação bastante íntima entre Carlos e suas filhas e filhos. Ele convoca as crianças para fazerem uma apresentação de dança para os adultos. Sua companheira dá o tom da apresentação escolhendo as músicas e organizando a coreografia. Demos muitas risadas e aplaudimos as crianças. Mas apesar do clima festivo e da alegria que pairava no ar, Tânia utilizava nomes e pronomes femininos para se referir a Carlos. Observei que o mesmo não a corrigia, mas soltava um sorriso sem graça quando outras pessoas escutavam. Quando os outros homens trans que estavam na festa perceberam isso logo puxaram papo com Tânia a fim de orienta-la a tratar Carlos no masculino. Apesar de toda a argumentação, Tânia seguiu afirmando que para ela ainda era difícil aquela situação e que ainda tinha muita resistência. Mas, já quase no fim da festa por um momento Tânia chamou Carlos por seu nome masculino, alguém percebeu e fez questão de evidenciar esse ocorrido que foi festejado e aplaudido. Os homens trans que estavam ali presentes foram encorajar ainda mais a Tânia a continuar nesse caminho. Assim, o aniversário segue regado a muito barulho, música e diversão.

A situação vivenciada por Carlos e por outros homens trans que serão apresentados ao longo desse texto demonstra como o percurso de transição de gênero envolve outras pessoas, como por exemplo, filhos e filhas, companheiras e companheiros, amigos e outros membros da família. Esta dissertação trata das dinâmicas relacionais de parentesco que envolve as transformações corporais, a sexualidade e a reprodução para homens trans que passaram pela experiência da gestação, seguindo a trilha teórica aberta pelas autoras da abordagem conhecida como “novo parentesco” e da noção de relacionalidade ou conectividade (derivado do termo em inglês *relatedness*), a partir das críticas feministas ao paradigma clássico da antropologia (FONSECA, 2003). O estudo da parentalidade realizada aqui se tornou possível através da noção de relacionalidade, por esta permitir desenssencializar o parentesco ao focar nos

seguintes aspectos: comensalidade, casas, criação de pessoas e parentes, temas abordados no primeiro capítulo.

Esta dissertação traz o argumento, pautado numa investigação etnográfica, de que ao analisarmos o parentesco e a reprodução a partir das identidades transmasculinas, constatamos que a relacionalidade e a gravidez compõem o percurso de “transição de gênero”. A transgeneridade é relacional, uma vez que, o processo de transição de gênero envolve também uma (re)criação das relações, ao passo que esses homens trans recriam seus corpos, eles estão cuidando de suas relações sociais. Assim, estar se tornando homem define tanto as novas formas de relacionalidade quanto uma reinterpretação do que se chamava de “maternidade”. Trate-se, em suma, de um trabalho de análise etnográfica em que os dados produzidos em campo somados à articulação teórica demonstram como os homens trans que engravidaram elaboram as dinâmicas relacionais que envolve as transformações corporais, a sexualidade e a reprodução.

Para tanto, a presente dissertação foi dividida em três capítulos centrais, além desta introdução e das considerações finais.

O primeiro capítulo tem como objetivo situar o escopo teórico em que a problemática central desta pesquisa está inserida. Primeiramente é abordado os principais estudos no campo da Antropologia das relações de parentesco e dos estudos de gênero, bem como os debates em torno da noção de relacionalidade. Apesar desses estudos trazerem contribuições relevantes para o campo sobre parentesco não questionam a heteronormatividade e nem a cisgêneridade. Assim, argumento sobre a relevância teórica de se pensar o parentesco para além das vivências normativas de sexualidade e de gênero, o que nos leva aos estudos sobre homoparentalidades e parentalidades trans. Contudo, a noção de homoparentalidade faz, majoritariamente, referência a identidade sexual (gay ou lésbica) dos pais/mães ou dos cônjuges, o que não dá conta das transmasculinidades. Durante a pesquisa de campo constatei que alguns homens trans ao estarem em relacionamentos sexo-afetivos com mulheres (em sua maioria com mulheres cisgêneras) se identificaram enquanto heterossexuais, o que não corresponde, portanto, a ideia da homoparentalidade. Assim, o campo das parentalidades trans permite explorar o parentesco para

além das discussões que envolvem as questões do casamento e filiação de gays e lésbicas, incluindo a perspectiva da reprodução para além do modelo binário de gênero, como é o caso dos homens trans que engravidaram.

Por sua vez, o segundo capítulo, intitulado “Corpos em trânsito”, apresenta a descrição e a análise do processo de transição de gênero que envolve as masculinidades dos homens trans. Sinalizo que essa construção de gênero tem como ponto de partida a autoidentificação com a categoria homem. Portanto, os homens trans fazem intervenções em seus corpos com o intuito de moldá-lo de “fora para dentro”, ou seja, busca-se moldar o corpo por fora para que ele corresponda ao que existe por dentro: a identificação à categoria homem. O que possibilita, portanto, a construção de uma masculinidade que não é pautada exclusivamente no pênis. Essas experiências são marcadas por diferentes formas de modificações corporais, em que a “transição de gênero” é atravessada por leituras racializadas e sexualizadas dos corpos, o que tornam as experiências trans mais complexas, dinâmicas e diversas, baseadas em uma noção de corpo plástico e flexível. O conteúdo abordado neste capítulo discute a maneira como os homens trans nomeiam suas genitálias. Observo que há uma necessidade de marcar discursivamente a materialidade de seus corpos para que possam existir, por exemplo, homens de “buceta”. A maior parte dos homens trans com os quais mantive diálogo não demonstraram uma rejeição explícita a genitália, diferente dos seios apontado por eles como sendo o causador de muito desconforto. É importante notar que não é a rejeição ou aceitação de suas genitálias que os fazem homens, tampouco o gênero de seus parceiros ou parceiras sexuais. Assumir uma identidade masculina, segundo a visão dos homens trans, não significa que você precisa manter relações sexuais com mulheres. O gênero do parceiro ou parceira não implica no fato deles se considerarem enquanto homens. O que está em jogo, na verdade, é a forma como essa relação é denominada. Vale ressaltar que, apesar desta dissertação ter um capítulo inteiro dedicado a análise sobre o corpo, a vida dos homens trans não está resumida as modificações corporais, apesar de ocupar um lugar central de suas vivências. A presente pesquisa, ao focar no parentesco e na reprodução a partir das transmasculinidades, contribui para pensar teoricamente a existência

das pessoas trans para além das questões que envolvem, por exemplo, hormônios e cirurgias.

O terceiro capítulo trata das relações entre reprodução, parentesco e masculinidade focando as relacionalidades em torno da gravidez e da transgeneridade a partir do ponto de vista dos homens trans envolvidos nesta pesquisa. Com base nas narrativas que serão apresentadas fica evidente que mesmo não se identificando como homens quando engravidaram essa experiência faz parte do processo de masculinização, demonstrando que a transgeneridade não envolve só aspectos ligados as transformações corporais, mas que ela também está inserida nos modos relacionais ligados ao parentesco e a reprodução. Esses homens trans dão sentido à reprodução e à gravidez como uma experiência que constitui suas masculinidades através da metáfora do cavalo-marinho. Assim, eles rompem a associação direta entre feminilidade-gravidez-maternidade.

Nas considerações finais, retoma-se os principais assuntos que foram discutidos ao longo desta dissertação. Assim, concluo a análise sobre as dinâmicas relacionais que envolve as transformações corporais, a sexualidade, o parentesco a reprodução para os homens trans que passaram pela experiência da gestação. Por fim, apresento um glossário que poderá ser consultado ao longo da leitura deste texto pois contém o significado dos principais termos que ouvi em campo e que são amplamente utilizados pelas pessoas trans.

Este trabalho se inspirou no diálogo entre a Antropologia e os estudos de gênero, campo que está atravessado pelas questões feministas. Essa relação gerou reflexões que perpassam por temas clássicos na antropologia, como o debate entre natureza e cultura nas teorizações sobre as categorias “mulher”, “sexo” e “gênero”; o diálogo entre militância e produção de conhecimento e as questões acerca da relatividade e distanciamento crítico na prática etnográfica (HEILBORN, 1992). A literatura feminista notou que a distinção entre os sexos esteve presente desde os estudos clássicos sobre parentesco, tendo sido discutida, de modo geral, como um fato que perpassava as relações sociais pesquisadas, mas não problematizaram as diferenças entre homens e mulheres (SUÁREZ, 1997). Porém, autoras importantes presentes nas principais escolas antropológicas se debruçaram sobre o gênero e a sexualidade. Destaco, por

exemplo, a produção das antropólogas Margaret Mead (2000), Ruth Landes (1967), Gayle Rubin (1993) e Marilyn Strathern (2006) que constituem referências significativas para o campo antropológico feminista. No Brasil, os estudos de gênero na antropologia iniciam-se nos anos de 1970 e 1980 com as primeiras produções que abordavam as questões femininas e das mulheres e ao longo do tempo o campo foi sendo consolidado no país (GROSSI, 2010). Gradualmente, ao longo da década de 1980, o termo mulher, utilizado como uma categoria descritiva, foi sendo substituído pelo termo que gênero ganhou o status de categoria analítica das relações entre os sexos (SCOTT, 1990). Essa mudança colocou no centro os aspectos relacionais e culturais entre feminino e masculino, rejeitando, portanto, o determinismo biológico presente nos termos sexo ou diferença sexual.

Segundo Henrietta Moore (2012), os debates sobre gênero como uma categoria de análise prosseguiram até o fim da década de 1980, quando houve uma virada teórica que teve como consequências três desdobramentos. O primeiro é resultado da crítica feita por feministas negras, *chicanas* e do “Terceiro Mundo”, que chamaram atenção pelo modo em que na literatura feminista a categoria mulher era homogênea, universal e excludente e era reduzida a imagem da mulher branca e de classe média. Para Moore (2012), o segundo desdobramento foi uma crítica ao gênero como uma relação direta entre gênero, agência e personalidade. A obra base desse argumento para a Antropologia é “O gênero da dádiva” de Marilyn Strathern (2006):

A ampla obra de Strathern não apenas criticou as teorias marxista-feministas da dominação masculina, mas também, através de uma discussão das diferentes lógicas das economias de bens e mercadorias, desenvolveu uma teoria poderosa de personalidade e agência baseada em "categorias e teorias culturais indígenas". Usando a noção de 'dividual', Strathern procurou construir uma teoria do indivíduo sexualmente constituído e multiplicado que é produzido através de relações de troca dentro de uma rede de consanguíneos (parentes de sangue) e afins (parentes por casamento). Diferentemente do indivíduo ocidental autônomo, o divíduo é dependente e interdependente, criado através de transações com outros, pela circulação de presentes concebidos como partes de pessoas. Nessa perspectiva, os seres sexuados são produzidos apenas através de conjuntos concretos de práticas, significados culturais e estruturas de poder. Dentro da economia transacional descrita por Strathern para a Melanésia, masculinidade e feminilidade

são relações e não categorias, sua diferenciação uma da outra apenas temporária e como consequência da agência. (MOORE, 2012, p. 217, tradução nossa)<sup>1</sup>

Para Strathern, o que diferencia homens e mulheres não é uma suposta masculinidade ou feminilidade de seus órgãos sexuais, mas o que se fazem com eles. Não há uma relação necessária entre gênero e órgão. Ou seja, falo e mama, não formam a base para a diferença sexual e a identidade não necessariamente anda junta com as partes corporais. É justamente essa ideia de que o corpo não forma a base sólida para a identidade que levantou várias questões sobre relações entre identidade de gênero e identidade subjetiva, estas são as questões que nortearam a terceira vertente que teve inspirações das revisões pós-estruturalistas do sujeito e pela teoria psicanalítica (MOORE, 2012). Essa ênfase do gênero como um processo de estruturação da subjetividade fundamentou a teoria da performance que tem Judith Butler como uma das principais teóricas e que serviu de influência para o chamado “giro queer” do início dos anos de 1990 nas humanidades e nas ciências sociais (HOWE, 2015). Uma variedade de estudos sobre sexualidades não-normativas circulou sob aquilo que veio a ser conhecido como teoria queer. Nesse período, na Antropologia os estudos sobre sexualidades gays e lésbicas estavam buscando institucionalização dentro da disciplina. Segundo Moore (2012), neste período os debates entre o feminismo e a teoria queer ganharam força resultando num esforço dos teóricos queer para delinear a sexualidade e a prática sexual como domínio de sua investigação, deixando o gênero como foco da teoria feminista. Este ponto levantado pela autora é interessante, pois durante a realização do exercício de revisão bibliográfica que compõe esta dissertação não consegui localizar pesquisas na linha dos estudos queer que tratassem a reprodução como tema central de suas análises. O campo antropológico sobre

---

<sup>1</sup> Strathern's wide-ranging opus not only critiqued Marxist-feminist theories of male dominance but also, through a discussion of the differing logics of gift and commodity economies, developed a powerful theory of personhood and agency based on 'indigenous cultural categories and theories'. Using the notion of the 'dividual', Strathern sought to build a theory of the multiply constituted gendered individual who is produced through relations of exchange within a network of consanguines (blood relatives) and affines (relatives by marriage). Unlike the autonomous Western individual, the dividual is dependent and interdependent, created through transactions with others, by the circulation of gifts conceived of as parts of persons. From this perspective, sexed beings are only produced through concrete sets of practices, cultural meanings and structures of power. Within the transactional economy Strathern describes for Melanesia, masculinity and femininity are relations rather than categories, their differentiation from each other only temporary and as a consequence of agency.

reprodução é marcado por duas perspectivas diferentes: uma que é a partir dos estudos clássicos sobre família e parentesco, e a outra que tem como base o campo interdisciplinar dos estudos de gênero com forte influência da teoria e dos movimentos feministas (GROSSI, 2010).

Assim, neste estudo se entende a gravidez como constituída socialmente, em conformidade com o consenso da literatura nas ciências sociais da saúde<sup>2</sup>. Se inspira na perspectiva antropológica em que a reprodução não é compreendida como um fenômeno puramente biológico, mas é pensada dentro de contextos culturais mais amplos que envolvem relações de gênero, sexualidade, geração, classe, raça, acesso à saúde, relações de poder, processos globais, políticos e econômicos (GROSSI, 2010). Contudo, essa literatura tende a não tratar da população trans, gays ou lésbicas, demonstrando assim, uma lacuna no tema. Além disso, como já demonstrado anteriormente, esta pesquisa se baseia na perspectiva da relacionalidade que nos permite olhar para os conceitos e práticas que constituem as relações de parentesco não como pertencendo a um domínio isolado, mas como articulados com outros modos de (re)constituir relações, no caso, transformações identitárias a partir das modificações corporais. Em suma, aqui buscamos pensar o parentesco a partir das transmasculinidades.

Na tentativa de dar conta das vivências e experiências dos homens trans utilizei três estratégias metodológicas para fazer a atividade de campo: a realização de entrevistas individuais semiestruturadas com oito homens trans; observação participante em espaços de convivência de homens trans na cidade de Salvador, na Bahia; e exploração na internet através de sites e das mídias sociais. Todo o processo de pesquisa de campo durou um ano e meio e aconteceu entre os meses de Setembro de 2016 e Abril de 2018<sup>3</sup>. Discutirei ao longo desta introdução as questões éticas e metodológicas que subsidiam a pesquisa e apresentarei os desafios da pesquisa de campo a partir da minha

---

<sup>2</sup> A exemplo das pesquisas de Heilborn et al. (2002), Vieira et al. (2017), Rezende (2015).

<sup>3</sup> As entrevistas formais semiestruturadas foram realizadas em 2018 após a provação no Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (CEP/ISC/UFBA). Contudo, por se tratar de uma pesquisa de caráter etnográfico a observação participante foi feita antes e depois da realização das entrevistas.

convivência junto aos homens trans. Realizei observações participantes durante os eventos organizados pelo coletivo Transgredir que ocorrem pelo menos uma vez por mês. O Transgredir é um coletivo político, “trans ativista” que reúne o maior número de homens trans em Salvador. Minha aproximação com os homens trans ocorreu anteriormente ao início desta pesquisa, mas considero o começo da atividade de campo durante a parada LGBT de Salvador em setembro de 2016 quando acompanhei um trio elétrico com o tema da visibilidade trans. Desde então busquei acompanhar os homens trans de forma sistemática não só em eventos políticos, mas também no seu cotidiano, o que inclui acompanhá-los através da internet.

### **Os desafios da pesquisa de campo**

Um dos principais desafios ao tratar sobre transmasculinades no Brasil está na sua recente visibilidade no cenário político e social do país, pois umas das principais ações que marcam a mobilização coletiva desse grupo data de 2012 com a fundação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) (ÁVILA, 2014; NERY E FILHO, 2013). Esse cenário vem sendo gradualmente modificado a partir da grande veiculação midiática sobre o tema.<sup>4</sup> Particularmente no ano de 2017 novelas retrataram personagens trans, incluindo um homem trans que engravidou. Programas de TV passaram a fazer reportagens e a tratar sobre o tema com mais recorrência.<sup>5</sup> A imagem das transmasculinidades vem sendo construída no país, não só por esses personagens, mas também a partir de homens trans que emergiram na cena pública como João Nery, Thammy

---

<sup>4</sup> Não é novidade que a mídia brasileira influencia na construção da imagem de pessoas trans, a modelo Roberta Close, por exemplo, ganhou destaque nos meios de comunicação do país nos anos de 1980, ampliando a nível nacional o debate sobre a transexualidade (LEITE JUNIOR, 2008).

<sup>5</sup> Não quero aqui reforçar a ideia de que ter personagens LGBT's na mídia é sinônimo de “progresso” ou de “inclusão social”, muitas vezes os veículos de comunicação acabam reforçando estereótipos. O argumento desenvolvido no texto não está direcionado ao conteúdo que tem sido transmitido, mas visa destacar que algumas décadas atrás não se ouvia falar de maneira tão ampla sobre a existência de homens trans no Brasil e que esse cenário vem sendo modificado. O impacto dessa visibilidade precisa ser avaliado com mais cautela.

Miranda e Tarso Brant<sup>6</sup>. Contudo, o meu interesse e curiosidade na temática das transmasculinidades não ocorreu através da mídia. Minha aproximação com os homens trans aconteceu anteriormente ao início da pesquisa. Ao me deparar em um momento da minha vida com a possibilidade de conviver afetivamente com um homem trans me senti impulsionada a pesquisar sobre o assunto. Na época, em 2013, me recordo que não encontrei textos ou artigos sobre o tema, principalmente no campo da Antropologia. Mas, foi durante o “I Encontro de Homens Trans do Norte e Nordeste” organizado pela Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), que ocorreu em João Pessoa na Paraíba em 2013, que conheci outros homens trans com os quais mantive contato, incluindo o famoso João W. Nery. Essa viagem foi fundamental para mim, pois conheci também namoradas, namorados, amigos e amigas de homens trans, com os quais pude conversar bastante e aprender com suas experiências. Foi o primeiro espaço em que consegui observar mais de perto a vida cotidiana daquelas pessoas. Voltei deste encontro com outras perspectivas, porém ainda cheia de incertezas.

De lá para cá mantenho contato diário com homens trans principalmente da cidade de Salvador. Vou junto com eles à encontros, palestras, protestos políticos, almoços, “baladas”, festas de aniversário. Eles também frequentam a minha casa, almoçamos juntos, rachamos o dinheiro da cerveja ou da pizza no fim de semana, vamos à praia, ao teatro ou nos vemos num fim de tarde para tomar um café. Acredito que muito do que me é dito nos espaços que frequento é resultado da nossa amizade. Contudo, apesar dessa minha convivência, antes de iniciar este estudo eu não tinha tido contato com nenhum homem trans que havia engravidado. Essa pesquisa é resultado de um intenso movimento de estranhar essa familiaridade que eu já tinha com os homens trans e, ao mesmo tempo, me familiarizar com aspectos de suas vidas que até então eram pouco comentados: as questões sobre gravidez, reprodução e a possibilidade de constituírem uma família. Gilberto Velho (1981) ao analisar as implicações de se

---

<sup>6</sup> João W. Nery ficou conhecido na comunidade LGBT como “o primeiro transhomem operado” do Brasil, ou seja, ele foi um dos primeiros a passar por cirurgias para masculinizar seu corpo. João Nery foi ativista da causa trans, seus livros autobiográficos como “Viagem Solitária” inspiraram a história de muitos homens trans no país, sendo muitas vezes chamado de pai pelos homens trans mais novos. Thammy Miranda é, dentre outras coisas, ator e modelo e já era famoso na cena pública brasileira antes da sua transição de gênero. Tarso Brant é ator e modelo trans que atuou em uma novela contando sua história como homem trans.

fazer uma etnografia em um campo que consideramos familiar observa que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido.” (VELHO, 1981, p. 126), ou seja, mesmo que estejamos imersos em um campo com o qual temos uma familiaridade, nem sempre conhecemos o ponto de vista e visão de mundo dos diferentes sujeitos em um determinado contexto. Embora eu esteja familiarizada com o campo de pesquisa no qual investigo, ele não me é totalmente conhecido.

Volto à 15ª Parada LGBT da Bahia em Setembro de 2016. Nesse momento aguicei o olhar para os temas da pesquisa e coloquei em prática o exercício da sistematização das experiências vividas no diário de campo. Escolhi iniciar o campo pela Parada LGBT pois historicamente é um espaço político importante para esta população. Nesse evento tive a oportunidade de acompanhar o trio do grupo “Mães pela Diversidade”<sup>7</sup> que saiu nas avenidas do centro de Salvador com tema “Guerreirxs” (ver figura 01) um projeto fotográfico que tinha como objetivo visibilizar a luta política dos homens trans na cidade.

**Figura 01 - Guerreirxs**



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/guerreirxs/photos/a.177377779358946.1073741827.177372726026118/181914415571949/?type=1&theater>>. Acesso em: 04 fev. 2018

O trio chamava atenção não só por ter sido decorado com 8 fotos de 1,80m com homens trans representando guerreiros míticos de diferentes épocas e culturas (ver figura 02), mas também por aglomerar familiares de LGBT's que estavam ali reivindicando os direitos de suas filhas e filhos e em especial das causas trans. Acompanhei todo o percurso em cima do trio e pude perceber a

<sup>7</sup> Durante a realização da pesquisa esse grupo mudou o nome para “Famílias pela diversidade”

euforia e a emoção dos homens trans ao se verem representados pela primeira vez em uma Parada LGBT na cidade. Era quase impossível manter uma conversa naquele espaço. O som alto só era amenizado para dar lugar as vozes de protesto. Durante suas falas os homens trans ressaltaram a necessidade de ocupar espaços públicos e políticos utilizando as frases de efeito: “Homens trans existem”, “lutamos pela nossa visibilidade”, “existir e resistir”, “queremos respeito e o direito de existir”. Essas frases foram repetidas inúmeras vezes no microfone e ecoavam nas ruas do centro da cidade.

**Figura 02** - Homens trans guerreiros



Fotógrafa: Adelayá Magnoni. Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2017/03/homens-trans-se-tornam-guerreiros.html>>. Acesso em: 04 fev. 2018

Depois do evento voltei para casa refletindo sobre a necessidade política de marcar a existência dos homens trans naquele espaço. Considero que isso deve-se em parte por conta da entrada recente dos homens trans no movimento político LGBT brasileiro. Segunda Ávila (2014) essa entrada começa timidamente em 2005 e, gradativamente, vai se consolidando, primeiro em 2011 com a criação do Núcleo de Apoio a Homens Trans (NAHT) e logo em seguida em 2012 com o surgimento ABHT, mencionada anteriormente. Uma parte dos homens trans que tenho dialogado fazem parte do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) fundado em 2013, porém, em Salvador a mobilização do IBRAT ainda é tímida e quase inexistente. Nesses anos acompanhando os homens trans não presenciei nenhuma atividade organizada pelo IBRAT, sendo assim, concentrei minhas observações nos eventos do coletivo Transgredir.

Foi a partir desse coletivo que pude conviver com diferentes pessoas trans e percebi que no movimento de tentar compreender o que é ser um homem trans que acabei me tornando “cisgênera” e, nesse sentido, desnaturalizei muitos aspectos da minha própria feminilidade. Foi durante um dos eventos de comemoração da Semana da Visibilidade Trans que pude perceber na prática como as pessoas são classificadas de acordo com suas identidades de gênero:

Chego ao teatro cumprimento as poucas pessoas que já haviam chegado. Hoje acontece o encerramento da semana da visibilidade trans, que começou suas atividades desde a sexta-feira. Subo as escadas que dá acesso ao local das atividades e sou logo escalada para ajudar na arrumação do espaço, pois diferente dos outros dias que foram ministradas palestras e oficinas, todas abertas ao público geral, hoje terá um desfile de encerramento com homens e mulheres trans como modelos. Não demora muito e os meninos trans que já começavam a se aglomerar em pequenos grupos descem para o térreo para iniciarem a oficina. Eu, a namorada e a irmã de um homem trans, a fotógrafa e uma das organizadoras do evento, os funcionários do museu, ou seja, todas as pessoas cis, ficamos no andar de cima tentando organizar as cadeiras para que formassem uma passarela. Quando as cadeiras já estavam mais ou menos organizadas sou requisitada para descer e ficar na portaria, organizando a entrada das pessoas que chegariam para o evento. Minha tarefa era basicamente a de selecionar e classificar as pessoas segundo aquele grupo: Pessoas cis sentariam e esperariam a hora do desfile começar, homens trans seriam encaminhados para uma salinha ao fundo onde estava

acontecendo a oficina, mulheres trans e travestis subiriam para o camarim para se produzirem para o desfile. Fiquei na função de porteira selecionando as pessoas por um bom tempo. (Trecho diário de campo, Semana da Visibilidade Trans, 2017)

Além desse evento, outras atividades foram organizadas pelo coletivo. As pessoas trans e travestis tinham acesso gratuito, diferente das pessoas cis que pagavam a entrada no esquema “pague quanto puder”. Muitas vezes fiquei na bilheteria liberando a entrada das pessoas que chegavam. As categorias cis e trans são amplamente utilizadas no cotidiano dessas pessoas e são demarcadoras de espaços e relações.<sup>8</sup> É a partir desse lugar de mulher cis que minhas relações em campo são construídas e portanto precisei aprender um novo vocabulário que é específico desse grupo. Outros termos, além desses, são utilizados pelos homens trans e serão explicados nos capítulos dois e três, e podem ser encontrados no glossário.

Durante a pesquisa de campo percebi que há poucas discussões que falam sobre família, gravidez ou reprodução, o que suscita muitas dúvidas e por conta disso tive dificuldades em conhecer homens trans grávidos ou que tinham engravidado. Em uma de nossas conversas Samuel, homem trans, estudante universitário, de 23 anos e que nunca engravidou, organizou uma oficina de “ginecologia natural” voltada para pessoas transmasculinas e conta o porquê não abordaram esses temas durante a oficina<sup>9</sup>:

Não falamos sobre gravidez, reprodução ou direitos reprodutivos. Acho que nós homens trans ainda lutamos por coisas muito básicas como poder usar um banheiro, um nome, em acesso a saúde, sabe? [...] Mas na oficina não discutimos nada sobre isso. Mas é algo que me interessa pensar para esse segundo módulo. Essa foi uma discussão que ficou latente para ser abordada em outra oficina, foi o tempo também, só tivemos duas horas.

---

<sup>8</sup> Ainda existem outras categorias como pessoas cis-aliadas, que seriam as pessoas que não se identificam enquanto trans, mas que mantem uma relação de parceria, amizade e comprometimento afetivo e político com a população trans. Outras categorias também mesclam identidades de gênero com sexualidade como no caso de homem transviado ou pessoa transviada. Essa categoria é muito utilizada por homens trans que mantem práticas sexuais com outros homens (trans e cis) e que possuem uma performance de gênero que não reitera a masculinidade hegemônica.

<sup>9</sup> Para mais detalhes sobre a oficina elaborada por Samuel ver capítulo dois.

A invisibilidade do tema relatada por Samuel por parte dos próprios homens trans que ainda lutam por direitos considerados mais básicos dificultou meu acesso a determinadas informações.

As pessoas trans possuem divergências quando o assunto é “homem grávido”. João Nery (2011) descreve em um dos capítulos de sua autobiografia um encontro que teve com seus amigos homens trans no qual puderam discutir sobre esta questão, nas palavras do autor: “Eu estava mais interessado em conhecer a opinião deles sobre a última bomba em relação aos trans: ‘os homens grávidos’. Amadeus disse que nunca tinha ouvido falar e pediu detalhes.” (NERY, 2011, p. 316). João Nery (2011) descreve as diferentes opiniões de seu colegas trans: “continuo achando o homem grávido uma aberração” (p. 323); “não consigo imaginar um homem dando à luz! É tão intimamente associado à maternidade! [...] acho o máximo da feminilidade.” (p. 318); “Quando li a notícia o primeiro impacto foi de surpresa e achei o cara muito corajoso. Jamais engravidaria mas fiquei feliz em saber que os trans jovens estão assumindo seus desejos ousando mais na desconstrução do gênero [...]” (p.318). Dentro da comunidade de pessoas trans falar sobre gravidez de homens trans ainda é algo recente e não há um consenso sobre o tema.<sup>10</sup> Contudo, o foco desta pesquisa não estava em analisar tais contradições. O meu interesse de investigação estava voltado para compreender como os homens trans que passaram pela experiência da gestação elaboravam tal experiência a partir de suas vivências transmasculinas, sem perder de vista as relacionalidades que contornavam essa gravidez.

Ao iniciar a pesquisa surgiu o impasse de onde realizar a pesquisa de campo, pois os grupos de homens trans são dinâmicos e dispersos, ou seja, eles se encontram em contextos distintos e pontuais como rodas de conversas, palestras, eventos acadêmicos, festas e paradas LGBT, em hospitais e ambulatórios voltados para atender as demandas da população trans. Além disso, esse grupo é espalhado geograficamente o que torna a internet um

---

<sup>10</sup> Contudo, observo também que há um interesse crescente entre os homens trans sobre o tema, por exemplo, há uma página no *Facebook* intitulada “Um homem trans feminista” que compartilha notícias, pensamentos e fomenta o debate sobre questões relativas às transmasculinidades, gravidez, aborto e reprodução e conta com aproximadamente mil seguidores.

ambiente central para se tecer relações e foi através dela que pude extrapolar esses limites, o que me permitiu entrar em contato com homens trans de vários estados do Brasil. Por conta dessa dinâmica da minha inserção no campo tentei negociar com os homens trans da cidade de Salvador para visitar suas casas para realizar a observação participante nesse espaço, mas não obtive respostas positivas e precisei buscar diferentes estratégias metodológicas para dar conta da produção dos dados<sup>11</sup>.

A atividade de campo envolveu a observação participante nos espaços de sociabilização de homens trans na cidade de Salvador/BA e exploração na internet a partir do uso das mídias digitais<sup>12</sup> acessando páginas, perfis, grupos no *Facebook* e no *Instagram*, canais do *Youtube*, sites que produzem notícias sobre homens trans e conversas pelo *Whatsapp*<sup>13</sup>. Realizei, também, entrevistas do tipo semiestruturadas e individuais que foram gravadas a partir da autorização prévia do entrevistado.

Toda entrevista é um processo social, ou seja, é um momento de interação em que ocorrem trocas de ideias e de significados, estando entrevistador e entrevistado engajados na produção do conhecimento (GASKEL, 2002). Ao realizar uma entrevista individual a cosmovisão do entrevistado é explorada ao máximo e de forma detalhada. Assim, foi feito o esforço de permitir que o entrevistado ficasse à vontade para que pudesse estabelecer uma relação de confiança e reciprocidade. Por se tratar de uma pesquisa de caráter etnográfico a escolha pela entrevista qualitativa justifica-se pela possibilidade de fornecer

---

<sup>11</sup> Sobre as consequências dessas escolhas metodológicas para a análise dos dados ver a discussão acerca dos estudos sobre relacionalidade e casas apresentada no primeiro capítulo.

<sup>12</sup> Esta pesquisa compreende as mídias digitais como sendo “[...] uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material. Há formas muito diversas de se conectar em rede e elas se entrecruzam diversamente segundo a junção entre tipo de acesso e equipamento usado. Por exemplo, é possível conectar-se por meio do uso de rede de telefonia fixa, *wi-fi* ou rede celular assim como essas formas de conexão podem se dar por computadores de mesa, portáteis, celulares ou tablets. É muito diferente acessar a rede por meio de um computador fixo em uma *lan house* usando linha telefônica ou acessá-la com o uso de um *smartphone* pela rede celular. Dentre os elementos que variam destacam-se a frequência de acesso, a mobilidade, a velocidade da conexão e o tipo de redes em que o usuário se insere.” (MISKOLCI, 2011, p.12)

<sup>13</sup> O *Youtube*, *Facebook*, *Instagram*, *Whatsaap* são espaços de relacionamentos virtuais onde ocorre formas de interação que permitem ter conversas coletivas, privadas e o compartilhamento de áudios, vídeos ou fotos.

dados para obter “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações [dos entrevistados], em relação aos comportamentos pessoais em contextos sociais específicos.” (GASKEL, 2002, p.65). Para conduzir o processo de realização da entrevista foi utilizado um tópico guia (ver Apêndice A) criado a partir do referencial teórico e do contato preliminar com o campo. O tópico guia teve como finalidade atender aos objetivos da pesquisa e foi organizado em forma de um conjunto de “títulos de parágrafos” que traziam uma relação de itens para serem abordados. Contudo, o tópico guia foi utilizado com certa flexibilidade para respeitar a dinâmica da narrativa do entrevistado.

Por entender que qualquer método de pesquisa possui limites e a entrevista sozinha não permite dar conta das dimensões sociais do cotidiano (FONSECA, 1999), busquei minimizar tais limites combinando diferentes metodologias. Nesse sentido, utilizei a observação participante que compõe um dos fundamentos principais do exercício etnográfico. A observação participante foi baseada na aproximação e interação com as pessoas, no registro dos dados em diário de campo, nas conversas informais e na análise do resultado dessa nova imersão cultural (BERNARD, 2006). A observação participante ocorreu em espaços de sociabilização de homens trans na cidade de Salvador/BA. Acompanhei eventos políticos e paradas LGBT's, principalmente as atividades organizadas pelo coletivo político Transgredir que atualmente agrega o maior número de homens trans na cidade. Esses espaços forneceram informações sobre contextos mais gerais que tangem as experiências e vivências dos homens trans me permitindo ampliar o olhar para além das questões sobre reprodução e gravidez.

Acompanho esses homens trans, também, no ambiente virtual. A observação foi feita levando em consideração que vivemos atualmente um contínuo *on-offline* e que não só consumimos, mas também compartilhamos e criamos novos conteúdos através do uso das mídias digitais (MISKOLCI, 2016). Além disso, essa pesquisa leva em consideração que ao fazer etnográfico digital:

[...] há muito os antropólogos entenderam que não é possível tomar como ponto pacífico que todo o material de observação e análise da pesquisa deva vir exclusivamente da relação interpessoal presencial entre pesquisador e pesquisados. Não era assim antes da internet, uma vez que jornais, documentos oficiais, registros variados de ação dos e/ou sobre os sujeitos

estudados faziam parte do mosaico de materiais de pesquisa, e faz menos sentido ainda insistir nessa ideia a partir do momento em que a internet faz parte da vida dos sujeitos estudados, uma vez que ações e relações realizadas fora e dentro dela se articulam em revezamentos sucessivos, nos obrigando a conduzir a observação em diferentes espaços e articulá-los analiticamente. (RAMOS; FREITAS, 2017, p. 10)

Foi nessas observações virtuais que pude perceber que a internet tem um papel importante no processo de auto identificação dos homens trans e pode ser considerada como um importante espaço de sociabilização para este grupo (aprofundarei este ponto no capítulo dois) e, assim penso que minha pesquisa não poderia assumir outro campo que não fosse, também, o virtual. Utilizei os meus perfis pessoais para acessar as mídias sociais (que tem caráter de grupos fechados), pois por se tratar de uma pesquisa etnográfica e como tal visa a interação e a confiança entre as pessoas da qual depende todo o processo de criação de dados, um perfil criado somente para a pesquisa poderia trazer um ambiente de desconforto e desconfiança sobre quem sou e sobre os meus objetivos, o que poderia inviabilizar a realização da pesquisa. Todos os colaboradores da pesquisa que aceitaram ser adicionados em minha rede virtual foram informados previamente sobre os objetivos e sobre os procedimentos metodológicos. Ao proceder com essa investigação, foi solicitada autorização para realizar a observação, sempre me colocando à disposição para esclarecer qualquer dúvida.

Esse estudo foi realizado tendo como base os aspectos éticos das pesquisas qualitativas do tipo participante que envolve seres humanos, tais como:

[...] a busca de interlocução e diálogo, visando compreender o sentido e os significados da experiência de outros próximos ou distantes; distribuição democrática de lugares de escuta, fala e decisão entre pesquisadores e interlocutores; disposição para negociar e refazer pactos ou contratos de trabalho entre pesquisadores e interlocutores; empenho no esclarecimento, fidelidade, respeito e solidariedade às formas de viver dos colaboradores e cuidado em suas transposições para texto ou outros modos de inscrição; antevisão e preocupação com eventuais efeitos políticos e ideológicos nocivos à imagem pessoal e social de interlocutores individuais ou coletivos; abertura para, sempre que possível, revisar com colaboradores transcrições de relatos orais e de observações, bem como de textos interpretativos; atribuição de créditos aos interlocutores;

discussão sobre a pertinência do sigilo e sobre as formas de divulgação de resultados. (SCHMIDT, 2008, p.52)

Por se tratar de uma pesquisa de caráter etnográfico foi respeitado também os direitos das populações que são objeto de pesquisa presentes no Código de Ética da antropóloga e do antropólogo elaborado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 2012). Além disso, tendo em vista as especificidades do campo digital, este estudo se baseou no guia de ética da *Association of Internet Researchers* (AOIR) que define como princípios éticos fundamentais para esse tipo de pesquisa tais como: levar em consideração a vulnerabilidade dos colaboradores e a responsabilidade do pesquisador; evitar danos aos participantes respeitando as especificidades de cada contexto virtual; toda informação digital envolve pessoas individuais e a tomada de decisão ética precisa atender aos contextos específicos; ao tomar decisões éticas os pesquisadores devem equilibrar os direitos dos sujeitos com os benefícios sociais da pesquisa; questões éticas podem surgir e deverão ser abordadas em todas as etapas da pesquisa e da sua publicação (MARKHAM; BUCHANAN, 2012).

Tendo em vista que a técnica de observação participante prevê necessariamente a interação e conversas informais entre a pesquisadora e os participantes, os aspectos relevantes sobre o estudo foram apresentados oralmente, em momento oportuno ou quando solicitados pelos participantes. Nesse sentido, as observações (virtuais e presenciais) foram realizadas a partir da autorização oral dos homens trans.

Além disso, foi respeitado os princípios éticos estabelecidos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e, em conformidade com esta resolução, o projeto foi encaminhado e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (CEP/ISC/UFBA) e consta com registro na Plataforma Brasil através do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 80280117.9.0000.5030. Assim, buscando preservar a identidade das pessoas que colaboraram com essa pesquisa, foi utilizado nomes fictícios para os homens trans e para todas as pessoas que eles citaram. O nome dos grupos e coletivos que eles fazem parte também foi alterado. Aos homens trans que

concordaram em participar da pesquisa sendo entrevistados apresentei de forma detalhada o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice B).

Oito homens trans foram os protagonistas desta pesquisa: sendo seis que engravidaram antes da “transição de gênero”, ou seja, engravidaram quando ainda se reconheciam como mulheres, um que engravidou enquanto homem trans e um que nunca gestou. A maioria são homens trans heterossexuais entre 22 e 43 anos, sendo três se autodeclarando como negro, dois como pardo e três como branco. A maioria possui ensino médio completo, três estão na faculdade e um já é fisioterapeuta (ver figura 03).

**Figura 03** – Perfil dos entrevistados

Nome	Idade	Raça*	Escolaridade	Ocupação Profissional
Breno	27	Pardo	Ensino Médio	Desempregado
Marcelo	43	Negro	Ensino Médio	Cobrador de van/Aposentado
Carlos	36	Pardo	Ensino Médio	Desempregado
Júlio	22	Branco	Superior incompleto	Desempregado/Abandonou a faculdade
Vitor	30	Branco	Superior incompleto	Call Center/Estudante de Direito
Gustavo	25	Negro	Superior completo	Fisioterapeuta
Leo	43	Negro	Ensino Médio	Desempregado
Samuel	23	Branco	Superior incompleto	Estudante de psicologia

\*Raça autodeclarada

As entrevistas foram realizadas em 2018 de forma presencial e virtual, foram gravadas e realizadas mais de uma vez para que eu pudesse obter informações mais profundas e detalhas. Todas as falas aqui transcritas foram extraídas dessas entrevistas e foram levemente editadas com o objetivo de eliminar vícios linguísticos característicos da oralidade como por exemplo: “aí”, “né”, “tipo assim”, entre outros. A edição buscou não alterar o conteúdo narrado pelos entrevistados, preservando a veracidade das informações aqui apresentadas. Selecionei uma ou duas narrativas para guiar e exemplificar a análise evitando o excesso de informações repetidas, sem com isso perder a

riqueza dos detalhes e as contradições presentes nas falas. Apresento agora um pouco mais das vidas e experiências desses homens trans que contribuíram para a construção desta pesquisa.

**Vitor** tem 30 anos, nasceu em São Paulo onde morou até os 13 anos, em seguida foi morar com sua mãe no Paraná por conta do emprego dela. Filho de pais separados e caçula de três irmãos, Vitor faz faculdade de direito pela manhã e trabalha pela tarde em uma empresa. Ficou grávido da sua filha Luana quando tinha 18 ou 19 anos. Nesse período ele ainda não se autoidentificava como homem trans. Hoje sua filha tem 12 anos e o apoia em sua transição. Vitor começou a terapia hormonal entre 2015 e 2016, faz uso de binder<sup>14</sup>, e sonha com a mastectomia/mamoplastia masculinizadora<sup>15</sup>. Atualmente mora com a mãe e a filha em São Paulo.

**Breno** tem 27 anos e mora em Feira de Santana, uma cidade próxima a capital da Bahia. Aos nove anos foi morar com o pai e a madrasta em Minas Gerais, pois sua mãe, Lúcia, estava desempregada. Retornou com 16 anos quando a situação financeira de sua mãe melhorou. Breno possui cinco irmãos, filhos da sua mãe, sendo ele o filho mais velho. Atualmente desempregado, Breno vive dos “bicos” que faz como ajudante de pedreiro. Engravidou aos 17 anos, mas pariu aos 18 quando já era “de maior”, na época ele ainda não se identificava enquanto homem trans, mas como lésbica. Para “criar” a filha Ana, de 10 anos, Breno conta com a ajuda financeira da mãe, com o auxílio do Bolsa Família e com a contribuição de 100 reais por mês do outro pai da Ana, com o qual ele não tem muita proximidade. Usa testosterona<sup>16</sup>, ou simplesmente “T”, há mais ou menos 4 meses, usa o binder apesar de ter tido, nas palavras dele, “a sorte de ter peitos pequenos”. Conheci o Breno através de um homem trans de Salvador que nos apresentou virtualmente. Conversamos pelo *Whatsapp*

---

<sup>14</sup> O binder é um colete ou faixa feito de tecido elástico que comprime e esconde o tamanho dos seus seios.

<sup>15</sup> A mastectomia é a retirada parcial ou total dos seios, comumente realizada no tratamento de câncer de mama. Já a mamoplastia masculinizadora é a cirurgia que visa masculinizar o tórax a partir da retirada dos seios, o que atende melhor ao objetivo dos homens trans e pessoas transmasculinas. Assim, ao longo do texto optei em utilizar a expressão mamoplastia masculinizadora, contudo não alterei as expressões utilizadas pelos colaboradores da pesquisa.

<sup>16</sup> A maioria dos homens trans utilizam diferentes fármacos à base de testosterona que podem ser Deposteron®, Durateston®, Androgel®, Nebido®. Para mais detalhes sobre o uso da testosterona e as modificações corporais feita pelos homens trans ver o capítulo dois.

antes de nos encontrar. Na ocasião de nosso encontro, Breno estava segurando uma caixa com duas ampolas de testosterona e tinha acabado de injetar a terceira. Percebo que começa a nascer um bigode ralo em seu rosto e que sua voz era um pouco rouca, sinal de que começava a aparecer os primeiros efeitos da T. Na tentativa de fugir do sol escaldante, sentamos em uma mesa debaixo das árvores que fica em uma praça localizada no mesmo bairro em que Breno mora. Ele foi muito solícito e conversamos muito. Perdemos a noção do horário e ele teve que ir às pressas levar a filha na escola que já o esperava em casa.

**Júlio** é um homem trans de 22 anos. Morou a vida inteira em uma cidadezinha que fica na zona norte de São Paulo. Filho de pais separados, tem três irmãos, dois por parte de mãe e um por parte de pai. Se identifica como Júlio há mais ou menos 4 anos, fez o uso do Androgel® durante dois meses e meio, mas parou, nesse intervalo engravidou do Davi que está com um pouco mais de um ano. Tem oito meses que o Júlio voltou com a terapia hormonal, pois ele esperou o Davi parar de mamar para começar a fazer o uso da Durateston®. Cursava faculdade de Ciência da Computação, mas teve que abandonar por conta da gestação e ainda não conseguiu retornar ao mercado de trabalho. Apesar das dificuldades financeiras Júlio conta com uma rede de apoio da família:

Eu morava com a minha avó eu morei com ela até os meus 20 anos de idade. Aí quando eu engravidei eu tive que morar com a minha mãe para ela me dar um auxílio porque minha avó já é de idade, hoje ela tem 83 anos. Então, eu precisaria de alguém que tivesse mais disposição fisicamente. Como eu havia falado eu sai [da casa da mãe] com oito meses de vida do Davi e fui morar sozinho, sem nada eu peguei minhas coisas e simplesmente sai. Tinha acabado minha licença maternidade e como se diz eu voltei a trabalhar e fui demitido em Janeiro, ai atualmente estou desempregado. Ai eu saí sem nada, na casa da minha avó eu tinha minha cama, meu guarda-roupa. Ai minha família desde então me ajudou, tudo que eu tenho na minha casa, geladeira, fogão, sofá, eu ganhei o que eu investi dentro da minha casa foi a TV, o armário e uma cama. O berço, guarda-roupinha pro Davi eu também ganhei. Graças a Deus eu tenho uma família incrível, eu tenho amigos que eu posso contar pra quando eu precisar.

Júlio conta ainda que apesar de morar em uma cidade pequena do interior ele gosta muito de lá e que não se imagina morando em outro lugar. A trajetória de Júlio é um pouco diferente das demais, além dele ser o único que engravidou

depois da transição de gênero ele tem alta miopia e usa aparelho auditivo. Nas palavras dele:

Eu sempre fui problemático, eu sou deficiente auditivo visual. Eu tive uma infância que eu sofria muito *bullying* porque eu uso óculos de tampinha de garrafa. Na época eu não usava aparelho auditivo, então as pessoas tinham que falar gritando comigo. Foi uma época bem difícil. Entrei em depressão entre meus 8 e 10 anos, eu não queria ir mais pra escola. Em 2010 eu perdi minha visão do olho direito por descolamento de retina. Eu fiquei afastado da escola durante um ano e meio, eu não ia para a escola, mas fazia as atividades em casa.

Durante umas de nossas conversas Júlio começa a me contar que deseja muito fazer a mamoplastia masculinizadora, mas é um sonho ainda distante de se tornar realidade, pois ele não tem dinheiro suficiente. Pergunto a ele se ele deseja em fazer mais alguma outra cirurgia, ele me responde: “Sim, para consertar meu olho direito, por ser torto por conta do estrabismo”. O Júlio me conta que o Davi também tem alta miopia e já usa óculos. Conheci o Júlio através das redes sociais quando vi um comentário dele em post do *Facebook* dizendo que tinha um filho.

**Marcelo** é um homem trans negro de 43 anos. O conheci em Setembro de 2016 durante uma roda de conversa organizada pelo coletivo Transgredir. Marcelo nasceu em Minas Gerais, mas passou sua infância e adolescência no Morro da Providência no Rio de Janeiro. Engravidou aos 23 anos e apesar de só ter gestado o Joaquim, ele assume também os dois filhos, Vanessa e Fábio, de sua companheira Rosana:

A gente tem essa relação mesmo de pai e mãe. Não tem isso de que se foi ela que gerou ou foi eu. É filho nosso. Até porque o pai deles não é presente, não se mete em nada, não vai lá. Por exemplo, as vezes eu falo: “olha Rosana você fale para seu filho...” Ela diz: “Como se o filho fosse só meu né? Não é seu filho também não?” Eu digo: “você entendeu o que quis dizer... você dê um jeito nesse seu filho”. [...] Então é assim a nossa relação lá em casa a gente não tem essa divisão de que aqui o filho é meu e o filho é seu. Eu cobro dela como qualquer outro pai faria.

Ele se preocupa muito com a questão da sexualidade dos filhos, pois são todos adolescentes, Joaquim tem 16 anos, a Vanessa tem 15 e o Fábio tem 14. Ele conta que procura ter uma conversa verdadeira e aberta com os filhos para “não fazerem coisa errada na rua”. Conta todo orgulhoso que a menina quando

menstruou pela primeira vez o chamou e não a mãe, sendo ele que a ensinou a usar o absorvente. Ele tem muito receio de que Vanessa apareça grávida ou que os meninos engravidem alguém, pois seria um custo financeiro a mais que ele teria que se responsabilizar. Marcelo é aposentado por questões de saúde, mas complementa a renda trabalhando como “cobrador de van” (um transporte público alternativo que roda em alguns bairros de Salvador) e Rosana não trabalha. Na época em que conheci o Marcelo ele morava junto com a companheira e os três filhos em um bairro popular de Salvador, eles se separaram por um tempo, mas estão morando juntos novamente. Ele nasceu em Minas Gerais mas foi para o Rio de Janeiro ainda bebê onde passou a maior parte de sua vida morando no Morro da Providência. Resolveu se mudar para Salvador quando conheceu a Rosana através de um site de relacionamentos na internet. Marcelo tem pouco mais de um ano que começou a transição, mas tem poucos meses que faz uso da testosterona. Marcelo é do Candomblé e tem muita fé em Ogum. Atualmente está tentando frequentar um terreiro, mas disse que tem dificuldade de encontrar uma casa que não o obrigue a usar saia.

**Gustavo** tem 25 anos, se autodeclara enquanto negro. Engravidou antes da transição e tem uma filha de cinco anos chamada Manu e atualmente mora só com ela. Ele é formado em fisioterapia e trabalha em uma UTI neonatal. Ele gosta muito da sua profissão e diz que quando a Manu nasceu teve medo de dar os primeiros banhos dela e que contou com a ajuda da mãe, da prima e da avó. Mas que hoje, por conta do trabalho, ele consegue pegar um bebezinho que cabe na palma da mão. Gustavo nasceu em São Paulo e mora lá até hoje:

Eu nasci aqui em São Paulo mesmo, na capital. Minha avó teve um tempo que chegou a morar com minha mãe e meu pai, mas aí depois ela viajava muito, tinha um namorado que a família era de campinas ela viajava para lá, mas ela sempre tentava estar por perto. Mesmo depois da transição ela sempre falou que eu e meu irmão sempre foram os queridinhos dela, só que naquela época meu irmão era criança [...] quando eu era pequeno minha mãe mudava muito de casa e eu não tinha tempo para fazer amizade, para ter vínculo. [...] Meu irmão quando nasceu até mais ou menos cinco anos de idade ele morou com minha avó e minha tia. Eu também fui criado pela minha avó e pela minha tia, então a gente não tinha muito contato, depois que minha tia faleceu, porque minha mãe trabalhava o dia inteiro e eu ficava o dia inteiro sozinho, aprendi a me virar sozinho.

Gustavo nunca utilizou o binder, tem pouco mais de um ano em testosterona, começou fazendo o uso do Androgel® e depois migrou para a Durateston®.

**Leo** tem 45 anos mora também em São Paulo, passou a infância em um sítio localizado no interior. Possui duas irmãs e um irmão, sendo ele o filho mais velho. Atualmente desempregado, Leo sobrevive das vendas de seus artesanatos. Ele é pai da Priscila e avô da Camila. Quando Leo tinha 19 anos ele foi vítima de um estupro coletivo que acabou ocasionando na gestação. Na época ele ainda não se identificava enquanto homem trans, mas como lésbica. Hoje Leo mora sozinho, mas conta que já foi casado com uma mulher quando a Priscila era criança. Quando a Camila, sua neta, nasceu ela morou um tempo junto com ele e sua filha, depois a Priscila resolveu mudar:

Quando a Priscila tinha uns seis anos, eu morei com uma mulher que tinha três filhos. A gente morou junto durante quatro anos e era tranquilo. Éramos uma família. A gente trabalhava, as crianças iam para a escola. Na época eu ainda não me identificava como homem trans. Até hoje eu tenho contato com um dos filhos dela e ele me chama de pai. Com ela eu não tenho mais contato porque o nosso rompimento foi bem complicado, depois eu não morei mais com mais ninguém. Morei uma vez só com essa mulher. A Priscila sempre soube da minha orientação sexual e da minha identidade de gênero. Depois morou sempre só eu e a Priscila. Depois eu a Priscila e a Camila. E agora eu sozinho. [...] Quando a Priscila resolveu morar só com a Camila ela mudou pra bem longe de mim [tom irônico] um quarteirão, ela mora a um quarteirão de mim. A minha família é toda do interior, a família que eu não considero família. Então perto de mim mesmo na mesma cidade tem a minha irmã mais nova, mas ela mora na Zona Sul é longe de onde eu moro, mas perto de mim mesmo só a minha filha e a minha neta.

Leo faz uso da testosterona desde 2013, porém devido a problemas de saúde precisou parar por dois anos com os hormônios, mas já retomou. Conseguiu fazer a mamoplastia masculinizadora em 2015 através do processo transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS). Conheci o Leo em Março de 2018 durante as atividades voltadas para pessoas trans no “Fórum Social Mundial” que ocorreu em Salvador. Durante a estadia do Leo na cidade nós conversamos muito, contei a ele sobre a minha pesquisa e ele mostrou muito interesse em participar. Por conta da dinâmica das atividades não consegui realizar a entrevista com ele pessoalmente, mas depois que ele foi embora continuamos mantendo contato pelas redes sociais.

**Carlos** tem 36 anos, nasceu em Salvador, mas foi para São Paulo quando ainda era bebê. Ele passou uma parte da infância e da adolescência na antiga Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (Febem) e fugiu de lá quando tinha 15 anos e foi para a casa de sua mãe. Contudo, Carlos não se adaptou a rotina de sua mãe e foi morar com os vizinhos e depois com alguns parentes. Depois de um tempo sua mãe saiu do interior de São Paulo e foi morar na Zona Sul e Carlos ficou morando lá com sua avó. Como dito anteriormente no início desta introdução, Carlos conheceu a Tânia pela internet e eles estão juntos há 9 anos. Na época em que eles começaram a namorar Carlos morava no litoral de São Paulo e Tânia no Rio de Janeiro, por conta das dificuldades financeiras eles resolveram morar em Salvador. Tânia trabalha como cuidadora de idosos e é dela que vem todo o sustento da família, pois Carlos está desempregado, mas faz alguns “bicos” como ajudante de pedreiro ou em alguma oficina concertando refrigeradores. Conheci o Carlos em Agosto de 2017 em um evento organizado no Centro Estadual Especializado em Diagnóstico, Assistência e Pesquisa (CEDAP). O evento foi aberto ao público e tinha como objetivo discutir questões familiares com pessoas trans. Carlos chegou um pouco atrasado nesse dia e o que me chamou atenção foi que ele estava com a esposa e as quatro crianças, pois não é comum ver crianças presente em eventos voltados para população trans. Durante a roda de apresentação Carlos se identificou enquanto homem trans e pai, dizendo que estava no início da transição e tinha ido ali aprender mais sobre o assunto. Mas a fala que arrancou aplausos foi a de Nino, que se apresentou como filho do Carlos dizendo que a mãe dele agora iria passar por mudanças e que apoiaria, e que agora ela seria o pai dele. Depois que terminou o evento me dirigi a Carlos, falei sobre a minha pesquisa e desde então começamos a conversar.

**Samuel** o único entrevistado que não passou pela experiência da gestação, nasceu no interior da Bahia, mas veio morar em Salvador quando começou a estudar Psicologia na UFBA. Ele tem 23 anos, se autodeclara enquanto branco, divide casa com uns amigos, é vegetariano e do Candomblé. O conheço a mais ou menos quatro anos e nos tornamos amigos desde então. A escolha em fazer a entrevista com ele se deu porque ele organizou uma oficina intitulada “Oficina de Ginecologia Natural Transmasculina” que ocorreu durante

o evento em comemoração à Semana da Visibilidade Trans organizado pelo coletivo Transgredir nos dias 27, 28 e 29 de Janeiro de 2017. Essa oficina será melhor descrita no segundo capítulo.

Além dos homens trans que foram entrevistados e apresentados acima, outros homens trans aparecerão ao longo do texto. Esses são os que tive contato nos eventos do coletivo Transgredir ou em outros espaços de sociabilização, ampliando o escopo dos dados de campo. Suas histórias foram narradas com o objetivo de ampliar e contextualizar as vivências e experiências transmasculinas. Assim, esta pesquisa contou com a colaboração de uma pluralidade de homens trans, com pontos de vistas diversos.

Espero, com o que segue, conduzir o leitor nessas vivências transmasculinas a partir da minha experiência junto aos homens trans. Contudo, antes de iniciarmos a análise mais detalhada dos dados que foram produzidos em campo foi necessário explorar - no capítulo que segue - uma abordagem teórica baseada na crítica feminista aos estudos “clássicos de parentesco” para mostrar como se constrói as identidades dos homens trans e as relacionalidades que contornam as experiências corporais e reprodutivas.

## 1. RELACIONALIDADE: O “NOVO PARENTESCO”

Esta pesquisa tem forte inspiração teórica nos estudos sobre relacionalidade resultado dos desdobramentos da crítica feminista aos ditos “clássicos” da antropologia do parentesco. A perspectiva da relacionalidade busca desessencializar o parentesco, dando ênfase aos aspectos culturais e sociais, principalmente aqueles ligados a esfera do cotidiano (trabalho doméstico, comensalidade, casas, criação dos filhos, troca de nomes, amizade, conjugalidade, reprodução) superando os pressupostos biologizantes (CARSTEN, 2004). Inicialmente, este capítulo demonstra o percurso teórico dos estudos sobre parentesco na Antropologia, para tanto, sigo o caminho de recontar essa história inspirada na ênfase dada por Carsten (2004), remontando as principais linhagens teóricas que constituíram esse campo: a teoria da descendência e a teoria da aliança, passando pelo corte feito por Schneider (2016) e suas consequências e intersecções com o campo dos estudos de gênero e feminista, no qual a noção de relacionalidade assume um lugar central nas análises inserindo, desta forma, novos temas à agenda antropológica. Em seguida, abordaremos as pesquisas sobre relacionalidade na Bahia a partir das noções de casa, consideração e pessoa. Apesar desses estudos trazerem contribuições relevantes para o campo sobre parentesco não questionam a heteronormatividade e nem a cisgêneridade. Assim, argumento sobre a relevância teórica de se pensar o parentesco para além das vivências normativas de sexualidade e de gênero, o que nos leva aos estudos sobre homoparentalidades e parentalidades trans.

A partir de uma revisão da literatura sobre homoparentalidades e parentalidades trans, mostro que os estudos sobre homoparentalidades estão marcados, sobretudo, pelas discussões que giram em torno da filiação (adoção e novas tecnologias reprodutivas) ou da conjugalidade (“polêmica do casamento gay”). Contudo, a noção de homoparentalidade faz, majoritariamente, referência a identidade sexual (gay ou lésbica) dos pais/mães ou dos cônjuges, o que não dá conta das transmasculinidades. Durante a pesquisa de campo constatei que alguns homens trans ao estarem em relacionamentos sexo-afetivos com mulheres (em sua maioria com mulheres cisgêneras) se identificaram enquanto

heterossexuais, o que não corresponde, portanto, a ideia da homoparentalidade – a diversidade da identidade sexual dos homens trans é explorada no capítulo dois.

Além disso, é pertinente salientar a crítica que Bourcier (2018) faz a maioria dos debates sobre o direito ao casamento e a filiação gay e lésbico – mas não trans. Segundo o autor, esses debates privilegiaram o alinhamento entre sexo biológico e gênero, reforçando o sistema sexo/gênero binário fundamentado na diferença sexual. Com isso, esta pesquisa se alinha a perspectiva de Bourcier ao afirmar que:

Somos obrigados a constatar que a possibilidade aberta pelos trans de viver sexos diferentes e identidades de gênero que questionam radicalmente o dualismo da diferença sexual, inclusive no que diz respeito a esfera da reprodução, é totalmente incompatível com o modelo binário heterogenerificado endossado por gays e lésbicas a fim de se integrarem na instituição do casamento e tecerem um perfeito amor com a nação. (BOURCIER, 2018, p. 10)

Portanto, pensar o campo das parentalidades trans para além das discussões que envolvem as questões do casamento e filiação de gays e lésbicas pode abrir um leque de possibilidades para se pensar a reprodução para além do modelo binário de gênero. Portanto, tratar o parentesco a partir das identidades não normativas de sexualidade e de gênero pode incluir a reprodução e a gravidez como elemento que constitui não só as relacionais, mas o próprio percurso de transição de gênero, como é o caso dos homens trans que engravidaram - tema tratado no terceiro capítulo.

Assim, para dar conta da análise dos dados produzidos em campo que serão apresentados nos capítulos dois e três, foi necessário explorar, nesse primeiro capítulo, a literatura antropológica sobre parentesco e estudos de gênero e sexualidade, buscando situar a perspectiva da relacionalidade, da homoparentalidades e das parentalidades trans, que serão melhor descritas a seguir.

## 1.1 Dos clássicos à crítica feminista

O tema do parentesco acompanha a Antropologia desde o seu surgimento. Segundo Carsten (2004), os chamados estudos “clássicos” abordavam o tema a partir de duas perspectivas diferentes: a teoria da descendência/filiação e a teoria da aliança. Para o funcionalismo e o estrutural funcionalismo britânico, o parentesco aparece como fio condutor perpassando as principais teorias que envolvem questões de trocas econômicas, organização política e religiosa. Com isso, a linhagem e a descendência se tornaram fundamentais para compreender o parentesco como constituinte da estrutura política dessas sociedades e fornecia a base para pensar a continuidade social (CARSTEN, 2004). O estruturalismo, com forte influência de Levi-Strauss (1982), inaugura um ponto de vista distinto ao da filiação e descendência, olhando para as relações de alianças. A partir da universalidade do tabu do incesto e das particularidades das regras de exogamia são construídos laços de parentesco, reciprocidade, aliança e troca, sendo a principal delas a “troca de mulheres” feita pelos homens nas relações de casamentos e aliança. Assim, as mulheres tornam-se “super-dávias”, visto que nenhum outro presente oferecido nessas trocas poderia ser mais valioso uma vez que elas eram necessárias para garantir a continuidade do grupo através da procriação (CARSTEN, 2004). Esta noção, além de ser alvo das críticas feministas<sup>17</sup>, foi repensada pela geração de novos antropólogos e antropólogas com forte inspiração nos estudos de gênero e em diálogo com as teorias de Schneider (2016) trazendo mudanças significativas nas pesquisas sobre o tema.

A principal contribuição de Schneider (2016, p. 127) reside no fato de demonstrar que “o parentesco não é uma teoria sobre a biologia, mas a biologia serve para formular uma teoria sobre o parentesco”, ou seja, as concepções

---

<sup>17</sup> Uma das mais pertinentes críticas feminista a noção de troca de mulheres foi elaborada por Gayle Rubin (1993). A autora questiona as formulações baseadas no marxismo tomando como ponto de partida as principais teorias de Levi-Strauss e Freud, apontando para o androcentrismo presente nesses trabalhos. Alternativo a essas análises a autora lança o conceito de sistema sexo/gênero, no qual envolvem as noções de identidade de gênero, os papéis sociais de homens e mulheres, assim como a procriação e a sexualidade. Assim, para Rubin (1993), o gênero é um produto das relações sociais de sexualidade, sendo o parentesco e a divisão sexual do trabalho criadores da reciprocidade sexual entre homens e mulheres, instaurando uma heterossexualidade obrigatória.

sobre aquilo que seria biológico são concepções culturais que servem para reformular as ideias sobre parentesco. Nessa perspectiva, o parentesco é visto como um sistema cultural composto de símbolos e de unidades independentes que podem ser explicadas a partir de seus próprios termos (KUPER, 2002). Além disso, o autor denuncia o etnocentrismo presente nas “teorias clássicas” revelando que os termos utilizados (por exemplo: genealogia, filiação e família) são criações culturais específicas de europeus e norte-americanos e não das próprias sociedades pesquisadas (KUPER, 2002). Assim, Schneider (2016) contribui para a mudança dos estudos de parentesco possibilitando pensá-lo não como uma entidade isolada, mas em relação a outros domínios sociais. Os significados atribuídos as relações de parentesco derivam de uma série de domínios culturais que inclui religião, classe social, etnicidade, noção de pessoa, nacionalidade e gênero (YANAGISAKO; COLLIER, 1994). É nesse sentido que para Yanagisako e Collier (1994) gênero e parentesco se constroem mutuamente e não podem ser tratados analiticamente separados um do outro, pois se realizam juntos em sistemas culturais particulares.

Assim, novas perspectivas aos estudos clássicos de parentesco foram inseridas pelas antropólogas feministas que já estavam questionando a dicotomia entre sexo (natureza) e gênero (cultura) e repensavam a universalidade da categoria “mulher”. Segundo Claudia Fonseca (2003), a partir da afinidade intelectual entre Schneider e outras antropólogas feministas, como Yanagisako e Strathern, surgiu uma coalização estratégica de ideias entre os campos de gênero e parentesco. Essa nova perspectiva aos estudos de parentesco ocasionou na mudança de vocabulário com a introdução da noção de conexão, conectividade ou relacionalidade (termo originado do inglês *relatedness*) proposta por Carsten (2000; 2004) para distanciar a discussão da oposição analítica entre biologia e cultura. A ideia de relacionalidade parece ir além da transmissão de substancialidade (principalmente pelo sangue) como formadoras da relação de parentesco o que permitiu a mudança de ênfase nas pesquisas a partir da incorporação de novos temas como a questão da adoção, da homoparentalidade e do uso de novas tecnologias reprodutivas (FONSECA, 2003; PISCITELLI, 1998). Assim, a perspectiva da relacionalidade abre a possibilidade para pensar o parentesco interseccionado com outros temas. Esta

pesquisa dialoga com o campo que ficou conhecido como “novo parentesco” a partir da noção de relacionalidade e da abordagem feminista, uma vez que articula o parentesco a constituição da identidade de gênero dos homens trans a partir das suas experiências com a gravidez e com seus familiares, temas que serão abordados nos capítulos dois e três.

## **1.2 Parentesco, casa, consideração e pessoa: relacionalidade na Bahia**

Essa “nova” perspectiva teve ecos significativos no contexto das pesquisas desenvolvidas no Brasil, sobretudo na Bahia. Esses trabalhos ressaltam a ideia de configuração de casas e o princípio de parentesco da consideração (em contrapartida ao princípio de sangue) apontadas por Marcelin (1999). A casa, segundo a perspectiva do autor, não é somente um bem individual, uma coisa ou uma propriedade. Nenhuma casa existe como uma entidade isolada voltada pra si mesma, ela só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas em inter-relação com as outras casas formando, assim, uma configuração de casas. Essa configuração existe dentro de uma rede de parentesco que é identificada a partir dos parentes de consideração. Considerar alguém um parente tem relação com a proximidade do convívio cotidiano na configuração de casas. Quando esse convívio não é frequente é enfatizado o princípio genealógico, traduzido como parente de sangue. As relações de parentesco fazem sentido dentro de uma determinada dinâmica de relações em que uma pessoa pode ser, ou não, considerada um parente a partir do cuidado e do convívio cotidiano e da sua circulação dentro da configuração de casas. Essas duas noções (de configuração de casas e parentes de consideração) são recorrentes em pesquisas desenvolvidas na Bahia.

Ainda no contexto baiano, na região do Baixo Sul do Estado, a pesquisa de Pina-Cabral e Silva (2013) enfatiza as noções de consideração e de criação de crianças. Consideração, para os habitantes dessa região, dá significado e valida as relações entre pessoas.

Trata-se de uma atitude vaga e largamente implícita, mas com portentosas implicações. Essencialmente, o que está sendo comunicado quando as pessoas registram a consideração dos

outros para com elas – e, está claro, quando elas próprias planejam as suas vidas no sentido de considerar outrem- é que a relação que existe entre elas foi atualizada, foi validada, “existe mesmo”, não ficou só em potência. A pessoa que tem consideração dá sinal de que a outra é parte constituinte da sua edificação afetiva e identitária. (PINA-CABRAL; SILVA, 2013, p. 25)

Assim, consideração implica em mutualidade sob pena da relação esvair quando não se dá a devida atenção. A consideração é um elemento central na vida dessas pessoas, pois ela pode criar relações de parentesco onde não existia anteriormente, assim fala-se em pai/mãe de consideração, avós de consideração, irmãos de consideração, primos de consideração. O parentesco por consideração não tem a mesma confirmação material das relações de parentesco ditas “verdadeiras”, mas o laço de criação (principalmente das crianças) decorrente dessas relações de consideração são fundamentais para a constituição da pessoa (PINA-CABRAL; SILVA, 2013).

Seguindo esta trilha teórica, outras pesquisas foram realizadas na Bahia e analisam as noções de consideração, casa, parentesco e pessoa. McCallum e Bustamante (2011) analisam as questões que envolvem parentesco, gênero e individuação em Prainha um bairro de baixa renda de Salvador. Sob a luz dos dados etnográficos, as autoras argumentam que o aspecto relacional da configuração de casas existe a partir dos princípios parentais de sangue e de consideração. As autoras fazem ainda uma crítica ao modelo estrutural-funcionalista presente na literatura sobre o tema e advogam a favor de uma perspectiva teórica que analise o parentesco de forma processual a partir da categoria “casa”. O cuidado infantil também é central para compreender essas relacionalidades pois envolve não só parentes (de consideração ou de sangue), mas, também, profissionais de saúde e de educação, sendo o cuidado assim percebido como a construção de projetos de pessoa (BUSTAMANTE, 2009; BUSTAMANTE; MCCALLUM, 2010; 2011).

Assim, vimos que as pesquisas sobre relacionalidade enfatizam o cotidiano sobretudo a partir das noções de consideração e da dinâmica das casas. A minha pesquisa, embora tenha se inspirado nessas etnografias, não deu conta de explorar esses aspectos, deixando uma lacuna para futuras pesquisas nessa temática. Pude perceber, após a realização da atividade de campo, que a minha preocupação inicial era encontrar os homens trans que haviam gestado ou que

estavam grávidos. Com isso, não consegui estabelecer uma proximidade que me permitisse fazer a observação no cotidiano de suas famílias no interior das casas. Então, precisei lançar mão de outros recursos metodológicos como a utilização de entrevistas e a observação nos espaços de convivência desses homens trans, incluindo a internet. Consequentemente, a análise dos dados, apresentada nos capítulos dois e três, está centrada no percurso de modificação corporal desses homens e nas suas experiências em lidar com a gestação, com a sua família e a transição de gênero.

### **1.3 Parentesco não heterossexual**

As famílias constituídas por casais de gays e de lésbicas e as famílias compostas por pessoas trans constituem o que é comumente chamado de nova configuração familiar, “o aumento do número de famílias formadas por pais/mães homossexuais, travestis e transexuais tem se tornado não apenas um fato social, como também um fato socioantropológico, requerendo uma revisão das nossas convicções tradicionais” (ZAMBRANO, 2006 p. 123). Contudo, a ideia de que as “famílias gays” seriam modelos novos ou alternativos de família é questionável pois, pressupõe um modelo hegemônico de referência, ou seja, tratar das famílias LGBT’s como tipos alternativos de família acaba enfatizando a ideia de que há uma forma hegemônica de família que serve como base para diferenciar as demais e é justamente a partir dessa crítica que Kath Weston (1991) delineou as formas como gays e lésbicas estabeleceram redes familiares que não se baseavam em relações biológicas ou “sanguíneas”. Em sua etnografia na área da baía de São Francisco na Califórnia, Weston analisa como a revelação da homossexualidade (“sair do armário” para a família de origem) pode significar, em um primeiro momento, o abandono do parentesco em que gays e lésbicas estariam ligados ao status de “sem família”. Entretanto, essas pessoas reivindicaram uma forma particular de família definida como escolhida ou criada em oposição a família biológica ou de sangue que comporia a heterossexualidade. O elo biológico que constitui as relações familiares heterossexuais é tão simbólico quanto aquele que é escolhido ou criado por gays e lésbicas. Assim, segunda a autora:

[...] Ao retrabalhar os materiais familiares simbólicos no contexto de relações não procriativas, lésbicas e gays nos Estados Unidos formularam uma crítica do parentesco que questiona os pressupostos sobre a incidência da biologia, genética e união heterossexual no sentido da família. E eles fizeram isso dentro de sua própria cultura. Ao contrário de Schneider, eles não propuseram desconstruir o parentesco como um domínio privilegiado, ou discordar de representações culturais que apresentam o biológico como um "fato" material independente do significado social. O que a ideologia de parentesco gay desafia não é o conceito de procriação que informa o parentesco nos Estados Unidos, mas a crença de que apenas a procriação institui parentesco e que os laços "não biológicos" devem ser legitimados segundo um modelo biológico (como a adoção), ou qualquer aspiração a status de parentesco deve ser abandonada. (WESTON, p. 34, 1991, tradução nossa)<sup>18</sup>

Assim, lésbicas e gays deslocam a ideia de que a procriação deva ser o centro privilegiado do parentesco, tornando o parentesco heterossexual como mais uma forma específica de significar a família e não a única.

Saindo do contexto estadunidense analisado por Kath Weston (1991) e indo para o brasileiro, a temática da parentalidade de casais do mesmo "sexo" ganhou destaque no país aproximadamente no início dos anos 2000 a partir do movimento político LGBT e da veiculação midiática através da polêmica em torno da "adoção e casamento gay", popularizada e denominada no país como homoparentalidade (TARNOVSKI, 2002). Segundo Uziel, Mello e Grossi (2006), este debate ganhou folego no país após a apresentação do projeto de Lei nº 1.151/95, da então deputada Marta Suplicy, que visava instituir a união civil entre pessoas do mesmo sexo no país, desde então a ideia de "família homossexual" ganha espaço nos debates públicos brasileiros disputando espaço no campo de lutas políticas entre modelos de conjugalidades e parentalidades socialmente legítimos. O termo homoparentalidade foi cunhado por integrantes da Associação de Pais e Mães Gays e Lésbicas (APGL) da França, em meados dos anos de 1990 e parece remeter-se à homossexualidade dos pais ou das mães, mesmo que este universo apresente contextos bem diversos (UZIEL;

---

<sup>18</sup> By reworking familiar symbolic materials in the context of nonprocreative relationships, lesbians and gay men in the United States have formulated a critique of kinship that contests assumptions about the bearing of biology, genetics, and heterossexual intercourse on the meaning of family in their own culture. Unlike Schneider, they have not set out to deconstruct kinship as a privileged domain, or taken issue with cultural representations that portray biology as a material "fact" exclusive of social significance. What gay kinship ideologies challenge is not the concept of procreation alone constitutes kinship, and that "nonbiological" ties must be patterned after a biological model (like adoption) or forfeit any claim to kinship status.

MELLO; GROSSI, 2006). Apesar de reconhecer o caráter político e histórico que este termo traz para o movimento LGBT, sobretudo, na luta pela conquista de direitos e legitimidade desta população, o termo pode trazer algumas armadilhas e alguns limites.

O campo teórico nesta temática começou a consolidar-se a partir dos anos de 1990 e 2000 com as pesquisas que passaram a destacar a questão da conjugalidade e da parentalidade entre gays e lésbicas (GROSSI, 2003). Dossiês organizados por Miriam Grossi, Anna Paula Uziel e Luiz Mello (2006; 2007) reúnem artigos de vários campos acadêmicos sobre conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas, trans e travestis em contextos regionais distintos. No que se refere a antropologia, as temáticas abordadas nos estudos sobre famílias gays e lésbicas dialogam com diferentes pesquisadores e pesquisadoras dos estudos sobre parentesco. Contudo, segundo Grossi (2003), os temas explorados não parecem diferentes dos temas abordados por outras pesquisas (a exemplo de adoção individual ou dupla filiação, famílias monoparentais, novas tecnologias reprodutivas e seus impactos na organização familiar, conjugalidade e filiação). Entretanto, vale salientar que as famílias compostas por gays e lésbicas deixaram de ser invisíveis na literatura sobre parentesco.

No contexto europeu, Miguel Vale de Almeida (2007) se destaca no campo político e acadêmico na defesa do casamento entre pessoas do “mesmo sexo”. Para Almeida, o casamento é um símbolo em disputa na esfera política e em cada contexto cultural o casamento pode assumir um significado diferente. Dessa forma, “o casamento em si não é um conteúdo e nem uma relação. É uma das formas contratuais que podem recobrir ou não determinados conteúdos relacionais” (ALMEIDA, 2007 p.162). Nesse sentido, o casamento deve ser encarado como um símbolo em disputa que pode significar inclusão, cidadania e reconhecimento. Segundo Almeida, as famílias formadas por casais do “mesmo sexo” colocam em xeque a questão da procriação e da reprodução o que torna, ainda mais evidente que o parentesco é social, pois o casamento de lésbicas e gays torna evidente a separação entre procriação e casamento e entre produção da criança e reprodução biológica. Uma vez que os casais homossexuais são considerados como estéreis e mais instáveis acabam

colocando em xeque a ideia do casamento como sendo a relação entre a complementaridade entre os sexos, em que a figura da criança aparece como algo a ser preservado.

Ainda no contexto europeu, Butler (2003) reflete sobre o debate ocorrido na França a respeito da legalização do casamento entre homossexuais. A autora chama atenção para as ambivalências da legitimação do casamento gay, afirmando que a interferência do Estado circunscreve o campo das sexualidades em termos de casamento que por sua vez é pensado em termos de legitimidade. A busca pela legitimação acarreta zonas de exclusão que podem gerar hierarquias entre homossexuais legítimos e ilegítimos, nesse sentido, assumir uma posição contra ou a favor do casamento gay é de fato se submeter ao jogo da legitimação do Estado. Além disso, a autora chama atenção para algumas narrativas que emergiram durante o debate Francês que retomam a heterossexualidade como universal e fundante do parentesco e de acordo com essa perspectiva aqueles que entram no parentesco não heterossexual só farão sentido se assumirem uma posição dual entre o papel da mãe ou do pai. Para contestar tais posicionamentos Butler (2003), em diálogo com o campo da antropologia do parentesco, observa que:

[...] os laços de parentesco que vinculam as pessoas umas às outras podem ser nada mais nada menos que a intensificação de laços comunitários, que podem, ou não, ser baseados em relações sexuais exclusivas ou duradouras [...] Nesse sentido, as relações de parentesco atingem fronteiras que põem em questão a distinção entre parentesco e comunidade, ou que chamam por uma concepção diferente de amizade. Isso se constitui numa “ruptura” do parentesco tradicional que não somente desloca o lugar central das relações biológicas e sexuais de sua definição, mas confere à sexualidade um domínio separado daquele do parentesco, permitindo também que um laço durável seja pensado fora da moldura conjugal e abrindo o parentesco a um conjunto de laços comunitários que são irreduzíveis à família. (BUTLER, 2003, p. 255)

Nesse sentido, o parentesco não está reduzido a sexualidade e, sobretudo, nem sempre foi tido enquanto heterossexual. O parentesco também não está reduzido a laços biológicos difusos e duradouros, o que nos permite ampliar o olhar para incluir no escopo os conflitos, descontinuidades e rupturas que podem fazer parte do processo de constituição de novas formas de ‘família’. Nesse

ponto a discussão antropológica sobre parentesco e comunidades LGBT's aponta em novas direções teóricas.

A literatura sobre o “novo parentesco” tem focado principalmente nos laços que unem os grupos de parentes e não nos rompimentos e separações. Essa é uma das críticas feita por Carsten (2014) ao dialogar com a noção de “mutualidade do ser” proposta por Marshall Sahlins (2013). Para Carsten, ao enfatizar somente lado positivo do parentesco, as pesquisas nessa área podem contribuir para disseminar uma impressão romantizada da família como sendo um espaço sem conflitos. Contudo, ao considerarmos as questões familiares que envolvem pessoas gays, lésbicas, trans e travestis o conflito, a violência e o abandono estão presentes e são evidenciados. Don Kulick (2008), em seu relato etnográfico sobre as travestis em Salvador, demonstra como o conflito com a família é um dos momentos decisivos para que as travestis, ao assumirem suas identidades, passem a viver nas ruas da cidade. Quando algum membro da família “descobre” que elas, ainda muito jovens, estão mantendo relações sexuais com homens, geralmente mais velhos, as expulsam de casa. No entanto, não é apenas nas famílias de “origem” que ocorrem esses tipos de relações, nas famílias que são “escolhidas” também podem haver conflitos. Claudia Fonseca (2008) analisa a especificidade de um casal de lésbicas em que o conflito ganha centralidade, se contrapondo às discussões que colocam em evidencia a noção de amor, proposta por Schneider (2016), como uma solidariedade difusa e duradoura imperante das relações de parentesco. Não é novidade afirmar que o conflito faz parte das relações de parentesco, mas nas definições dessas relações é inerente a ideia que elas vão durar pra sempre prevalecendo a paz e o amor em detrimento do conflito (FONSECA, 2008). De maneira semelhante, a minha pesquisa revelou que os conflitos com a família são centrais nas narrativas dos homens trans, fazendo parte do processo de autoidentificação da transmasculinidade - esse aspecto será explorado em mais detalhes no terceiro capítulo. Por ora, nos interessa aqui argumentar que a análise sobre o conflito familiar pode levar ao questionamento de concepções naturalizadas sobre o amor e solidariedade que envolvem o parentesco e que esse tema é recorrente quando se trata de famílias LGBT's.

Essa violência familiar é caracterizada por Schulman (2010) de homofobia familiar e perpassa a experiência do “assumir-se” ou do “sair do armário” ante os familiares, nas palavras da autora:

Existem duas experiências que a maioria dos homossexuais compartilha. Uma é a de “assumir-se”, processo de interrogação pessoal em oposição à expectativa social, que não tem quaisquer paralelos na vida heterossexual. A segunda experiência comum é que fomos, cada um de nós, em algum momento de nossas vidas, inferiorizados por nossas famílias simplesmente, mas especificamente, por causa de nossa homossexualidade. Essa experiência é, por sua vez, espelhada pelo sistema legal e pelas estruturas sociais dominantes, através das quais as pessoas gays devem viver, assim como nas artes e nas indústrias de entretenimento, as quais selecionam e controlam nossas representações. (SCHULMAN, 2010, p. 69)

O que caracteriza a particularidade da homofobia familiar é justamente o fato de uma pessoa ter que revelar publicamente a sua identidade sexual (SCHULMAN, 2010). Durante a pesquisa de campo percebi que os homens trans que assumiam uma identidade lésbica antes da transição de gênero também vivenciaram esse momento de “saída do armário” para algum membro da família e essa experiência também estava marcada por violências e conflitos (ver capítulo 03). Assim, os estudos sobre homoparentalidades revelam aspectos pertinentes ao campo do parentesco como a questão do conflito, o que corrobora com o que Carsten (2014) aponta de que a família também é uma lugar de dor, dificuldade e sofrimento.

Apesar das experiências dos homens trans com suas famílias terem aspectos em comum com as de lésbicas e gays, como a questão da homofobia familiar, a ideia de homoparentalidade não contempla de fato as vivências trans, pois, como mencionado no início desse capítulo, a noção de homoparentalidade faz referência a identidade sexual dos pais/mães ou dos cônjuges, sendo que os homens trans podem considerar suas práticas e identidades sexuais enquanto heterossexuais, o que não corresponde a ideia da homoparentalidade, daí a necessidade de trabalhar a especificidade das parentalidades trans.

## 1.4 Parentalidades trans

O conceito de “homoparentalidade” definindo a configuração familiar formada por casais do mesmo “sexo” é insuficiente quando se trata de pessoas trans, pois como salienta Zambrano (2006, p.128):

Travestis e transexuais apresentam especificidades em sua construção identitária e, conseqüentemente, na sua relação de parentalidade. [...] As travestis e transexuais se consideram “mulheres” e mantêm relações sexuais com homens, percebidas por elas como heterossexuais e não homossexuais. Da mesma forma, quando constroem uma relação de parentalidade, na maioria das vezes, o fazem ocupando o lugar “materno” e não “paterno”.

Fernanda Cardozo (2006; 2007), a partir de sua pesquisa realizada com famílias de travestis e mulheres transexuais, aponta que “[...] há uma operacionalização de uma duplicidade de gênero das travestis quando se tomam as nomações, terminologias de parentesco e as atribuições que lhe cabem na economia familiar” (CARDOZO, 2007, p.241). Por exemplo, no caso das travestis que possuem filhos as terminologias com que suas posições são definidas em relação as crianças não são fixas e são possíveis de negociação. A autora conclui afirmando que não só a identidade de gênero é performativizada, mas a posição na organização e na estrutura de parentesco também é performativizada, atualizada e negociada contextualmente pelas travestis, uma vez que essas travestis podem assumir o papel de irmãs ou desempenhar o papel tradicionalmente ligado a maternidade.

Souza (2013), analisa as concepções de paternidade através da comparação entre transgêneros no Canadá e Brasil. A autora realizou entrevistas e observações de campo com famílias canadenses compostas por mulheres trans e seus filhos biológicos frutos de relações conjugais anteriores ao transito de gênero. Seu foco de análise está nas concepções de paternidade que perpassam essas relações. No Canadá, as mulheres trans (diferente do caso brasileiro), não reivindicam e nem desejam ocupar o lugar de mães, pois esses sujeitos continuaram se autodenominando como pais, mesmo se auto identificando enquanto mulher. Assim, a paternidade é considerada um fato a priori e a transexualidade é vista como algo que ocorreu depois, sendo estas

consideradas como identidades distintas de uma mesma pessoa. No caso canadense, a questão da transgeneridade é vista como uma “escolha” pessoal que não deve afetar as relações de paternidade apontando para a primazia do referencial biológico nas relações de parentesco. Nesse contexto, assim como a identidade de gênero, a paternidade aparece como um elemento no qual os transgêneros têm que lidar performaticamente através de negociações na relação com os filhos. As pessoas trans, além de performativizarem um gênero, também o fazem nas relações parentais, através da negociação da maternidade feita pelas travestis no Brasil, no caso analisado por Zambrano (2006), e pela paternidade feita pelos transgêneros no Canadá analisados por Souza (2013). Souza (2013) conclui afirmando que é necessário refletir sobre os caminhos que os pais/mães transgêneros, transexuais e travestis negociam a sua maternidade e paternidade a partir de suas performatividades de gênero e dos lugares que ocupam nas relações parentais. Por isso, a existência discursiva das parentalidades trans torna-se fundamental para demonstrar as suas especificidades.

As pesquisas sobre parentesco e transgeneridade apontam a necessidade da utilização da expressão “parentalidades trans” como forma de marcar essa configuração familiar específica, diferenciando-a de “homoparentalidade”. O significado de transgeneridade, a forma como se assume a conjugalidade e a relação dessas questões com a garantia dos direitos dessas pessoas são aspectos demonstrados nas pesquisas em que o parentesco está diretamente ligada a esses temas.

### **1.5 Transmasculinidades, corpo e reprodução**

Partimos do pressuposto de que a relação entre sexualidade, gravidez e reprodução não são consequências diretas da biologia. Malinowski (1983) já demonstrou que o ato sexual para os habitantes da Melanésia não está ligado a procriação e a gravidez, mas envolve economia, política, cosmologia e as

concepções sobre o corpo.<sup>19</sup> Além disso, Mauss (2003) em seu texto clássico sobre as técnicas corporais demonstra como as diferentes técnicas sobre o nascimento e a obstetrícia são derivadas de atributos socioculturais. O fato é que o modelo de reprodução que se baseia na natureza e que cria uma continuidade direta entre reprodução social, concepção fisiológica e intercuro sexual é o modelo euro-americano (STRATHERN, 1995)<sup>20</sup>. Nesse sentido, a gestação não deve ser compreendida como um fenômeno puramente biológico no qual a cultura deixa suas marcas, mas compreender que as explicações que “naturalizam” a gravidez e a reprodução são fruto de elaborações culturais. A gravidez também deve ser pensada dentro de um contexto que envolve relações de poder, relações de gênero, acesso à saúde, pois, como nos mostra Rezende (2015) o processo reprodutivo é um importante elemento que conecta as pessoas tanto no ambiente doméstico como em espaços públicos, o que inclui o Estado através das práticas de saúde. Contudo, o foco da presente pesquisa não estava em analisar essas relações mais amplas com o Estado e as políticas de saúde, mas o meu esforço analítico, demonstrado nos capítulos dois e três, visou dar conta da maneira como os homens trans, a partir das suas transformações corporais de masculinização, vivenciam e compreendem a gestação, a reprodução e as relações de parentesco.

No que se refere a relação entre transmasculinidades e gestação a análise de Hérault (2011) traz aspectos importantes para se pensar a relação entre parentesco, gravidez e transgeneridade. A autora argumenta a partir da vivência de Thomas Beatie, um homem trans que gestou seus filhos, em solidariedade a sua esposa que não podia engravidar. O caso ganhou destaque na mídia internacional, chamando atenção para a constituição corporal de Thomas e o uso que ele faz da mesma, pois ele já havia iniciado a reposição hormonal,

---

<sup>19</sup> Malinowski (1983) aponta caminhos para se compreender a gravidez, a procriação e o ato sexual afastados do reducionismo biológico ao demonstrar que para os “nativos” o ato sexual não tem relação direta com a procriação, pois uma mulher só engravida quando recebe um presente (o filho) de um espírito antepassado que fez parte da sua família materna.

<sup>20</sup> Marilyn Strathern (1995) observa o impacto das novas tecnologias de reprodução na sociedade euro-americana e a polêmica da “Síndrome de Nascimento Virgem” em torno da apropriação feminina dessas novas tecnologias. As mulheres, ao procurarem a tecnologia para serem mães, estão negando o ato sexual que compões a base da família, pois esta é formada a partir do relacionamento conjugal, que é também sexual, assim permitem repensar a relação entre natureza e cultura e a noção do parentesco como sendo uma construção social de fatos naturais.

realizado a mamoplastia masculinizadora e mudado legalmente a sua identidade antes de engravidar. Além disso, nas entrevistas divulgadas, Thomas afirma que será o pai da criança e Nancy, sua companheira, será a mãe. Hérault analisa, também, a autobiografia escrita por Thomas e afirma que diferente de outros escritos desse tipo, ele narra sua vida não somente através das mudanças corporais, mas a partir de uma grande rede de relacionamentos que envolve seu pai, seus irmãos e sua companheira. A transgeneridade de Thomas aparece como mais um capítulo dessa história, não como sendo o mais importante, o verdadeiro foco de sua escrita está na sua família.

Além disso, Hérault (2011) mostra como a ideia e as noções sobre transgeneridade também afetam as questões de reprodução. A ideia da transgeneridade como uma doença traz a noção de “correção” do corpo, o que levou a buscas incessantes por transformações corporais mais estéticas do que funcionais. Porém, a barreira técnica não é o único freio que as pessoas transexuais encontram para terem filhos. O que se encontra nesses casos é a busca pelo cumprimento das normas de gênero que se aplicam a esses corpos. No caso dos homens trans muitos não são estéreis, mas o uso dos seus órgãos reprodutivos significa uma transgressão ao gênero escolhido, uma gravidez pode ser vista como ato incompatível com sua identidade masculina. A gravidez é vista como uma antítese ao que é ser homem, ser um homem é não engravidar. Contudo, para Thomas a sua gravidez não significou para ele ser “menos homem” e nessa visão, a gravidez em um corpo transmasculino é visto como mais uma possibilidade de existência e não como uma deficiência, doença ou aberração. Com isso, a partir do olhar de Hérault (2011) a gravidez de Thomas mostra que a testosterona, a mastectomia e o útero podem ser úteis para transformar um homem em um marido e em um pai, ou seja, ele simplesmente usa o potencial do seu corpo para tecer relações comuns de gênero e parentesco.

No Brasil, os estudos sobre gravidez e reprodução ligadas as transmasculinidades ainda são pouco exploradas, pois as pesquisas sobre homens trans tendem a focar aspectos ligados a construção de suas

masculinidades, acesso a saúde e movimentos políticos<sup>21</sup>, com exceção do artigo de Peçanha (2015) em que ele discute a necessidade dos serviços de saúde atenderem as especificidades que um corpo trans grávido exige. Contudo, as suas análises não focam na forma como esses homens trans vivenciam seu corpo grávido ou capaz de engravidar e como eles elaboram as relacionais que contornam essa gravidez, demonstrando uma lacuna no tema.

Ainda no contexto brasileiro, algumas pesquisas sobre reprodução e transgeneridade (o que inclui homens e mulheres trans) debruçam-se sobre os direitos reprodutivos uma vez que o chamado “processo transexualizador”<sup>22</sup> do SUS pode comprometer a capacidade reprodutiva dessas pessoas de maneira irreversível. Angonese (2016) analisa o direito reprodutivo da população trans demonstrando que os documentos públicos brasileiros (principalmente na Política Nacional de Saúde Integral LGBT publicada em 2010) não trazem de forma clara e específica a reprodução de pessoas trans, tratando o assunto de forma ampla e generalizada. De acordo com a autora, há uma invisibilidade das questões relativas a reprodução nas políticas públicas voltadas para LGBT’s em comparação com as políticas e campanhas voltadas para as mulheres em que a gravidez e a reprodução já são pressupostas e até mesmo imperativas. Nesse sentido, a condição reprodutiva das pessoas trans constitui uma particularidade que, segundo Barboza (2012) põe em risco os seus direitos reprodutivos, pois a realização de determinadas cirurgias acarretam na perda da capacidade reprodutiva dessas pessoas e nenhuma ressalva é feita quanto a possibilidade de preservação de seus gametas, gerando assim, o que a autora chama de “castração simbólica”, pois não é levado em consideração a possibilidade das pessoas trans terem filhos através das técnicas de reprodução assistida, utilizando seu próprio material genético. Contudo, a autora enfatiza os aspectos biológicos que constitui o gênero e a reprodução deixando de lado aspectos sociais (para além da relação com o Estado) na abordagem desse tema.

---

<sup>21</sup> Ver as pesquisas de Ávila (2014), Silva (2017), Nonato (2015), Almeida (2012).

<sup>22</sup> Segundo Vergueiro (2015) o processo transexualizador no SUS “é o único ambiente supostamente dedicado à atenção e cuidado específicos a pessoas trans na saúde pública brasileira. [...] O ‘Processo Transexualizador’ é a base para a atenção específica às populações trans no sistema público de saúde (SUS), e é significativamente fundamentado em perspectivas patologizantes sobre a diversidade de identidades de gênero.”

Buscamos neste primeiro capítulo apresentar o campo dos estudos feministas em que este trabalho se baseia. Buscamos, também, demonstrar que o olhar sobre o parentesco e a reprodução relacionado com as transmasculinidades é o que diferencia a presente pesquisa dos estudos aqui citados. Apontamos não só as lacunas presentes, mas as especificidades dos estudos sobre parentalidades trans em relação as pesquisas sobre homoparentalidades, uma vez que a noção de homoparentalidade, ao focar na sexualidade, não dá conta das vivências e experiências trans, sobretudo ao que se refere as modificações corporais que podem ser realizadas a partir da transição de gênero, que serão analisadas no capítulo a seguir.

## 2. CORPOS EM TRÂNSITO

Minha masculinidade  
Transviada  
Se forja é nas gentilezas  
Trans-vejo  
Uma buceta masculina  
Destruindo a normatização  
Meu corpo  
Pura revolução  
Tito Carvalhal (2017, p. 53)

Neste capítulo apresento a descrição e a análise do processo de transição de gênero que envolve as masculinidades dos homens trans. Sinalizo que essa construção de gênero tem como ponto de partida a autoidentificação com a categoria homem. Portanto, os homens trans fazem intervenções em seus corpos com o intuito de molda-lo de “fora para dentro”, ou seja, busca-se moldar o corpo por fora para que ele corresponda ao que existe por dentro: a identificação a categoria homem. O que possibilita, assim, a construção de uma masculinidade que não é pautada exclusivamente no pênis.

Nesse percurso identitário os homens trans recusam o determinismo biológico que compõe o sistema sexo/gênero binário, apesar de terem como referência a materialidade de seus corpos. Essas experiências são marcadas por diferentes formas de modificações corporais, em que a “transição de gênero” é atravessada por leituras racializadas e sexualizadas dos corpos, o que tornam as experiências trans mais complexas, dinâmicas e diversas, baseadas em uma noção de corpo plástico e flexível.

O conteúdo abordado neste capítulo discute a maneira como os homens trans nomeiam suas genitálias. Observo que há uma necessidade de marcar discursivamente a materialidade de seus corpos para que possam existir, por exemplo, homens de “buceta”. A maior parte dos homens trans com os quais mantive diálogo não demonstraram uma rejeição explícita a genitália, diferente dos seios apontado por eles como sendo o causador de muito desconforto. É importante notar que não é a rejeição ou aceitação de suas genitálias que os

fazem homens, tampouco o gênero de seus parceiros ou parceiras sexuais. Acredito que o sentido êmico da expressão “transição de gênero” refere-se as múltiplas possibilidades que uma pessoa tem para se opor ao gênero imposto ao nascimento utilizando seu próprio corpo, não há um lugar exato para se chegar, mas um processo que está sempre em movimento de (des)construção, em que a linguagem e a imagem fazem parte desse percurso.

Breno sintetiza esse argumento quando pergunto a ele o que é ser um homem trans:

No momento me ver enquanto homem, para mim, já foi o suficiente. [...] Aí é a mesma coisa que perguntasse: “o que é pra você ser uma mulher cis?”. Entendeu? É tipo isso: você se sente desse jeito, você é bem desse jeito. [...] Eu me sinto normal, agora eu me sinto normal. As pessoas que não me acham normal, mas eu me sinto normal então, está super tranquilo pra mim. No começo é bem difícil para você mesmo, pra gente mesmo é difícil. Então, para quem está no meio convivendo, que sempre está acompanhando sabe que são histórias e vivências diferentes. Sempre vai ter uma coisa em comum que é o fato de você se aceitar e aí a partir do momento que você se aceita é a hora de você se abrir pra o mundo e que o mundo entenda do jeito que quiser, se você se aceitou o mundo que se exploda.

A resposta dada por Breno ao meu questionamento condensa aspectos importantes sobre as vivências e experiências de homens trans que gostaria de destacar. O primeiro refere-se “ao fato de você se aceitar”, ou seja, a autoidentificação enquanto homem é o imperativo para que uma pessoa possa ser considerada enquanto tal. Nesse sentido, a categoria “homem trans” se refere às pessoas que foram inicialmente assignadas como “mulheres” no nascimento a partir da observação de suas genitálias, mas que, no curso da sua constituição como sujeitos, se opõem a essa determinação e se autoidentificam enquanto homens. Como Breno também sinaliza, essa experiência é marcada por histórias e vivências diferentes, ou seja, o processo de “transição de gênero” não ocorre de forma linear, nem homogênea. Cada homem trans utiliza ou não o que há disponível para compor seu gênero. Desse modo, não podemos afirmar que todos os homens trans finalizam (se é mesmo que existe um fim) sua transição com a realização de cirurgias ou que a ingestão de hormônios deva ser o primeiro passo para começar essa transformação.

Ainda analisando a narrativa de Breno de que “são histórias e vivências diferentes” é pertinente pontuar que essa diversidade também é atravessada

pelos próprios marcadores sociais da diferença como raça/cor, idade, classe, orientação sexual, origem geográfica e outros, como já sinalizado por Guilherme Almeida (2012) e que também observamos durante esta pesquisa. É nesse sentido, que estes marcadores vão aparecendo ao longo deste capítulo como parte da dinâmica corporal vivenciada pelos homens trans. Cabe considerar que a perspectiva dos marcadores sociais da diferença e, conseqüentemente, da interseccionalidade é adotada aqui não como um somatório de fatores que causam exclusão, mas trata-se de marcadores que operam no e através do corpo de forma relacional e situacional (MOUTINHO, 2004; 2014). Assim, como afirma Piscitelli:

A proposta de trabalho com essas categorias [interseccionalidades e/ou categorias de articulação] é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. É importante destacar que já não se trata da diferença sexual, nem da relação entre gênero e raça ou gênero e sexualidade, mas da diferença, em sentido amplo para dar cabida às interações entre possíveis diferenças presentes em contextos específicos. (PISCITELLI, 2008, p. 266)

Algumas narrativas presentes nas próximas páginas apresentarão essas nuances, sobretudo, no que diz respeito aos aspectos raciais na construção corporal dos homens trans. Além dessas diferentes produções corporais, os homens trans também utilizam diversas nomenclaturas para se autoidentificarem e reivindicarem seu lugar no mundo. Segundo Almeida (2012), tais experiências se caracterizam por uma diversidade de expressões como: homem trans, transhomem, transman, FTM (sigla original do inglês *female-to-male*), transexual masculino e homem transexual. A minha pesquisa revelou uma diversidade semelhante, sendo “homem trans” a expressão mais utilizada pelos participantes desta pesquisa. Assim, a categoria “homem trans” utilizada aqui não deve ser tomada de forma homogênea e nem essencializada.

Além disso, essas experiências são marcadas por diferentes formas de modificações corporais, em que a materialidade do corpo aparece como aspecto relevante na transição de gênero. O debate sobre a materialidade do corpo em relação a distinção sexo/gênero, natureza/cultura não é algo recente na história dos estudos de gênero. A intenção aqui não é a de retomar a genealogia desses dualismos, esforço já realizado por Anne Fausto-Sterling (2001), aqui pretendo refletir sobre os sentidos que os homens trans possuem sobre seus próprios

corpos e a construção de suas masculinidades. Segundo a autora mencionada “À medida que crescemos e nos desenvolvemos, nós, literalmente e não só “discursivamente” (isto é, através da linguagem e das práticas culturais), construímos nossos corpos, incorporando a experiência em nossa carne mesma.” (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 59). Retomar o debate sobre a materialidade dos corpos a partir do gênero, não implica em reforçar o dualismo sexo, enquanto matéria natural, e gênero, enquanto construção sócio histórica, a matéria mesma já nos chega contendo noções pré-existentes sobre o próprio gênero (FAUSTO-STERLING, 2001). Segundo Butler (2001), a diferença sexual muitas vezes relacionada as diferenças materiais dos corpos, não só funciona como uma norma, “mas é parte de uma prática regulatória que produz os próprios corpos que governa.” (BUTLER, 2001, p. 153). Os homens trans, nesse sentido, ao produzirem suas identidades masculinas adotam como referência a materialidade de seus corpos que produz e ao mesmo tempo é produzido pelo ato de nomeação, pelas transformações corporais, pelas práticas sexuais e, conseqüentemente, pelo próprio processo reprodutivo – aspecto que será discutido no terceiro capítulo.

Assumir uma identidade masculina, segundo a visão dos homens trans, não significa que você precisa manter relações sexuais com mulheres. O gênero do parceiro ou da parceira não implica no fato deles se considerarem enquanto homens. O que está em jogo é a forma como essa relação é denominada. Por exemplo, se um homem trans se relaciona afetiva e sexualmente com uma mulher cis essa relação é identificada enquanto heterossexual e não é compreendida enquanto uma relação lésbica, pois não se tratam de duas mulheres. O mesmo ocorre com o casal entre um homem trans e uma mulher trans, pois este também é considerado enquanto heterossexual. Já um relacionamento que envolva dois homens trans ou um homem trans e um homem cis é considerado enquanto gay ou homossexual. A lógica que define o gênero e a sexualidade entre os homens trans não está baseada na ideia da penetração como observado por Kulick (2008). Segundo este autor, o sistema binário de classificação dos gêneros no Brasil pode ser descrito da seguinte maneira: de um lado teríamos os homens que são aqueles que “comem”, os que penetram durante o ato sexual. Do outro lado teríamos aquelas pessoas que “dão”, as que

são penetradas durante o ato sexual (mesmo que às vezes comam), tais pessoas seriam os “não-homens”, ou seja, as mulheres e as travestis. Nas palavras do autor:

Esse sistema binário implica que todos aqueles indivíduos – do sexo feminino e do sexo masculino - cujo desejo é o de serem penetrados pertencem à mesma categoria classificatória: eles ocupam o mesmo lado no quadro do binarismo de gênero. Em outras palavras, eles compartilham o mesmo gênero. (KULICK, 2008, p. 239)

No caso dos homens trans não observei essa divisão entre penetrar e ser penetrado ou “comer” e “dar”. Durante nossa conversa Samuel relata a forma como ele lida com seu corpo e sua sexualidade em que os filmes pornô de homens trans que circulam pela web o ajudou a perceber outras possibilidades de prazer:

Eu me relaciono com homens também e muito com homem cis e de pensar, por exemplo, que eu vejo as bichas assustada quando eu falo muita buceta, falo mesmo. Hoje para mim é importante falar. Eu gosto de causar alguma desestabilização. Por exemplo, transando eu adoro falar e faço questão de falar buceta de homem. Mas o outro prefere não falar e para mim era muito estranho ter uma parte do meu corpo que eu tinha que me relacionar sem falar. E como isso interfere nessa relação do prazer e do desejo, para mim isso está muito relacionado. Isso de não poder falar me afetava muito, pois antes era algo que poderia ser dito, depois do processo de masculinização parece que não se fala mais, aí ficou um limbo. E a pornografia trans, de homens trans que a gente acha na internet me ajudou muito em perceber outras possibilidades. Compartilho com meus amigos e com meus parceiros. Porque só me mandam “pornô de duas bichas cis”, eu disparo logo minha *playlist* trans preferida.

Entre os homens trans há uma reivindicação pela masculinidade em que a vagina, o útero, a gravidez, as sexualidades - gay, heterossexual, bissexual, pansexual - possam fazer parte do que é ser um homem. Inclusive, o pertencimento a masculinidade é explicada como algo que está presente desde a infância, no que detalho a seguir.

## 2.1 “Eu pesquisei no *google*: é normal uma mulher se sentir como um homem?”

Se perceber enquanto homem não é um processo simples e fácil. Os homens trans relatam que desde a infância já sentiam “algo diferente”, mas que não entendiam muito bem o que essa diferença significava. A fase da infância e da adolescência é marcada por um sentimento de confusão por não saber ao certo o que acontecia, mas a certeza de que em alguma medida - seja por preferirem brinquedos e brincadeiras considerados de menino ou por não gostarem de usar saia, vestido ou lacinho no cabelo- não se “encaixavam no grupo feminino”. Gustavo, por exemplo, descreve sua infância como sendo marcada por um sentimento de exclusão, confusão e diferença:

Desde que eu era pequeno, eu acho que como a maioria dos homens trans, eu sempre me sentia diferente. [...] Até os cinco anos de idade eu era filho único e no quintal onde eu morava, que era da família do meu pai, a maioria das crianças que conviviam ali eram homens, os meu primos. Eu lembro que pelo fato de eu ser filho único, o netinho preferido da vovó, eu ganhava muito brinquedo que naquela época era considerado caro, era muita boneca e eu não gostava das bonecas. Então, eu deixava as minha primas brincando com as bonecas e ia brincar com meus primos de polícia e ladrão, de jogar bola. Minha mãe ficava brava, porque ela falava que aquilo era errado, que eu não tinha que ter aquele tipo de comportamento. Hoje em dia conversando com ela, ela sempre falou que desde muito pequeno ela colocava saia e eu não gostava e tirava, ela colocava lacinho no cabelo e eu não deixava, eu nunca deixei. Assim, eu não entendia muito bem o que acontecia comigo. Eu só sentia que alguma coisa era diferente.

Marcelo tem lembranças similares:

Na minha infância eu não lembro em nenhum momento que fosse assim bem tranquilo pra mim, porque eu sempre me via diferente dos meninos e das meninas. Na verdade nem tanto dos meninos, eu me via diferente das meninas que brincavam comigo na época da escola. [...] Como eu te disse, minha infância foi muito de altos e baixos, porque as meninas de lá de onde eu morava sempre faziam chacota, eu sofri muito bullying na infância, lá no morro, porque desde pequeno eu sempre tive os trejeitos muito masculino e as crianças me chamavam de moleque macho, me chamavam de sapatão, me colocavam pra correr. Na época eu era muito bobinho, eu tinha medo. As vezes tinha 3 ou 4 meninas assim quando minha tia me pedia para comprar alguma coisa na rua, aí quando eu olhava elas me colocavam pra correr: ‘saí daqui sapatão’, tomavam meu dinheiro. [...] Eu lembro que na minha infância eu nunca fui de ter muitos amigos, eu ficava mais dentro de casa com minhas

primas, porque na rua eu sofria muito *bullying*, tinha vergonha, eu não entendia direito o porquê estava acontecendo aquilo, então foi um período bem traumático pra mim.

Mas apesar desses momentos de confusão, violência e frustração eles também buscavam estratégias para reverter essa situação. Leo, por exemplo, conta que quando era criança ia em uma missa católica aos sábados e que sua mãe comprou para ele um vestido colorido e cheio de babados que ele odiou, nas palavras dele:

Eu estava sofrendo muito com aquela situação, eu estava me sentindo ridículo com aquela roupa. Aí eu lembrei que em frente a minha casa tinha um campinho onde a gente jogava bola e eu lembrei de um menino que era briguento. Aí eu peguei e fui lá pro campinho com a minha roupa nova, fui na janela, na porta da casa dele, no portão e comecei a xingar ele, eu falava: “Pedrinho viadinho, dá o cuzinho” uma coisa bem homofóbica, mas eu não entendia, tinha oito ou nove anos. E aí esse menino saiu alucinado querendo me pegar e a gente rolou no meio do campinho de terra, ele rasgou toda a minha roupa e eu fiquei muito feliz, muito feliz. Eu cheguei pra minha mãe e falei: “mãe olha o que o Pedrinho fez na minha roupa tão linda que a senhora fez pra mim” [tom irônico] e acabei não indo na missa, então eu tinha alguns artifícios que eu precisava para me livrar dessa coisa, desse gênero que não me pertencia.

A infância do ponto de vista desses homens trans foi uma fase repleta de incertezas, um momento marcado pela confusão de não saber o que se é, mas também marcado pela criatividade em construir estratégias de sobrevivência frente as violências sofridas. Apesar disso, o desconforto com o corpo e o desejo de modificá-lo não aparece nesse período da vida, só vem à tona na adolescência quando o crescimento dos seios e a menstruação aparecem como validando a feminilidade por eles negada. Por exemplo, para Leo:

A adolescência chegou e aí foram momentos assim complicados e a minha menstruação ela veio muito precoce, eu menstruei com nove anos de idade, então assim eu estava na minha infância e as mudanças corporais me deixaram muito pra baixo. Eu deixei de ser a criança feliz pra ser o adolescente rebelde, pra ser o adolescente amargurado.

Para Vitor também foi assim:

Na parte da adolescência eu tive algumas pequenas complicações com relação a essa questão do próprio corpo, como isso estava se desenvolvendo, porque começam a ter as características e as alterações mais notórias, então eu já comecei a ter uma postura mais envergada para poder esconder os seios. Sem ter noção do porque eu estava fazendo isso no momento que eu estava fazendo isso, então hoje eu já

compreendo. Inclusive eu tenho a coluna torta pra caralho. Hoje eu compreendo esse comportamento melhor. Da pré-adolescência para a adolescência eu sofri pra caralho na escola, porque usava cabelo curto, a minha voz foi sempre meio grossa. E daí eu era zoado, ficavam me chamando de Maria João, mulher macho e era realmente para constranger, para humilhar.

Nesse sentido, a medida em que as mudanças corpóreas na adolescência são percebidas pelos outros, são também alvo de violências e frustrações. Com o passar dos anos, o sentimento de não pertencimento a feminilidade vai sendo potencializado até o momento em que esses homens trans passam a ter acesso às informações sobre a transmasculinidade e isso ocorre principalmente através da internet. A internet funciona, desta forma, como um espaço importante no processo de autoidentificação. É o que diz Breno ao relatar sua “descoberta”:

Quando eu fiz 25 anos eu falei: ‘rapaz vou começar a pesquisar isso aí.’ Aí foi quando... eu nunca fui muito ligado a rede social, aí foi quando eu comecei a ter... tinha os bofinhos<sup>23</sup>, como dizem os meninos, que começavam a adotar nomes masculinos e tal. Aí eu: ‘Qual a pretensão que vocês tem de adotar nomes masculinos? É porque vocês gostam de ser tratados no masculino?’ Algumas pessoas me diziam que era só pelo fato de gostar mesmo do nome, mas que não tinha problema nenhum em ser tratado no feminino. Mas eu falei assim: ‘vocês não conhecem alguém?’ Aí foi uma pessoa ligando a outra até que eu consegui falar com um rapazinho e ele: ‘nossa cara eu achei que eu estava perdido no mundo.’ Eu falei: ‘rapaz, eu tive a mesma sensação e por aí deve ter mais outros sentindo a mesma coisa que a gente.’ Foi aí que a gente começou a conversar. Eu conheci esse menino nas redes sociais, foi até através de um grupo do *Facebook*, eu nem me recordo o nome do grupo, porque sou péssimo de memória e também a gente perdeu o contato, mas foi ele que me ajudou bastante, creio eu também que ajudei ele bastante, porque a gente trocava experiência, porque a gente não se sentia assim... uma mulher.

Descobrir, através da internet, que existem pessoas que compartilham as mesmas experiências que você e que existe uma comunidade maior na qual você se identifica é um percurso comum que eu ouço com certa frequência entre os homens trans. Poderia aqui citar vários exemplos, mas trago o de Júlio que

---

<sup>23</sup> A expressão “bofinho” refere-se ao termo “bofe” que dentre outros como maria-homem, macho-fêmea, maria-joão, caminhoneira e bombeira é utilizado no contexto brasileiro para se referir as lésbicas masculinizadas, ou seja, pessoas que se auto definem como mulheres lésbicas e assumem condutas associadas ao masculino (vestimentas, atitudes, performance corporal e a sexualidade) mas que não fazem referência a transgeneridade (SOARES, 2016).

através do *Google*<sup>24</sup> teve o primeiro contato com as palavras transgênero e transexual:

A princípio eu me reconhecia como lésbica quando eu tinha 15 para 16 anos. Aí depois eu cortei meu cabelo com 18 anos e eu via que eu queria mudar mais, mas eu não sabia o que era porque eu não me sentia como uma mulher, eu me sentia como um homem. Eu via coisas no espelho e eu falava: “Esse não é você.” Quando eu cortei o cabelo e eu vi que não era só aquilo, eu não sabia o que era e eu não conhecia a palavra transgênero na época. Então o que eu fiz? Eu pesquisei no *Google*: “É normal uma mulher se sentir como um homem?” Aí veio essa palavra transexual. Aí eu fui pesquisando mais, fui aprofundando no assunto e vi que estava me enquadrando.

Até mesmo para os homens trans mais velhos a internet pode ser fundamental para o acesso a determinadas informações como é o caso de Leo que tem 43 anos e foi o mais velho dos entrevistados:

A minha transexualidade ela veio tardia, pros modelos de hoje né? É... então é, ela [a filha] estava com, acho que com 13 anos, quando eu decidi que eu, quando eu decidi não, quando eu descobri o que eu era, porque eu também tive o processo de descobri o que eu era. Porque eu sempre me identifiquei como uma lésbica masculinizada, mas eu não me encaixava naquela coisa lésbica, porque quando eu ia nos encontros de lésbicas, os assuntos de lésbicas não encaixava comigo. E eu lembro que uma travesti, finada travesti Kátia, falou assim: “você não é lésbica, você é um FTM”. Eu falei: “que porra é essa?”. Ela pegou e falou assim: “procura na internet FTM nos sites da Espanha. “Nem falava nada brasileiro. Ai eu fui e comecei a ler e eu falei: “cara, sou isso! É isso que eu sou!” Foi nesse momento que eu falei: “cara, me encontrei de verdade! eu sou isso, eu sou FTM!”.

A internet funciona também como um meio de trocas de experiências, um espaço para construção de redes de afeto e acolhimento. Samuel conta que antes de realizar sua mamoplastia masculinizadora ele assistiu vários vídeos no *Youtube* sobre os resultados e os procedimentos de realização desse tipo de cirurgia. Essas e outras informações circulam através de grupos no *Facebook*, no *Whatsapp* e de vídeos no *Youtube*. É comum encontrar vídeos e relatos que ensinam como aplicar hormônios, quais os efeitos das diferentes marcas de testosterona, eles mostram os resultados de suas cirurgias, ensinam truques

---

<sup>24</sup> Site de busca e pesquisa rápida pela internet. Através do *Google* é possível buscar informações sobre um determinado assunto inserindo palavras ou frases chave de busca.

para urinar em pé utilizando o *Packer*<sup>25</sup>, mostram os pelos de suas barbas e as mudanças em sua voz. Esses espaços virtuais possuem um caráter pedagógico fundamental no processo de transição, que serve de exemplo para outros homens trans mais novos<sup>26</sup>. Os homens trans ganham mais espaços na internet em comparação as mulheres trans. A medida em que seus corpos vão se “masculinizando” eles percebem que não precisam mais editar os vídeos e as fotos tapando os mamilos. Para as mulheres trans e travestis seus vídeos podem ser censurados por mostrarem o resultado de seios “feminilizados” a partir da injeção do silicone, assim os homens trans possuem uma maior autonomia corporal *on-line*, em que o ciberespaço funciona como um lugar que múltiplas pedagogias trans são compartilhadas (CAMPBELL, 2017). Fica evidente, também, que é através desses espaços virtuais que o processo de transição se torna público. Ao construírem uma espécie de diário *on-line* mostrando as mudanças físicas através de vídeos no *Youtube*, o corpo assume um caráter relacional, pois as transformações corporais só fazem sentido se forem publicizadas para que outros homens trans possam participar desse processo. A transgeneridade não está desassociada das relações com os outros. A revelação pública da identidade de gênero tem impactos significativos na relação com outros, principalmente com a família, esse assunto será analisado no terceiro capítulo. Assim, a partir do momento de “descoberta” na internet os homens trans podem modificar seus corpos pautados em diferentes técnicas que são descritas a seguir.

## 2.2 “Esse corpo é o corpo que eu queria ter”

Modificar o corpo com base nas relações de gênero e sexualidade no Brasil é uma prática comum em diferentes grupos sociais que o fazem por diferentes

---

<sup>25</sup> Prótese peniana, para mais detalhes sobre o *Packer* e outras técnicas de modificações corporais ver o tópico 2.2 deste capítulo.

<sup>26</sup> A expressão “mais novos” não deve ser interpretada a partir da idade de vida, mas a partir do tempo de transição.

motivos<sup>27</sup>. A trajetória de modificações corporais descritas a seguir é um “tipo ideal” das transformações realizadas pelos homens trans. A pesquisa revelou que eles escolhem dentre essas possibilidades a que mais corresponde aos seus desejos subjetivos e a expectativa social de masculinidade, sendo pouco provável que um só homem trans adote todas essas modificações. Tais modificações estão resumidas no quadro abaixo (Figura 04).

**Figura 04** – Quadro percurso de transição

<b>“Se aceitar”: Momento da autoidentificação enquanto homem</b>			
Internet	Roupas e acessórios masculinos	Hormonização  Fármacos à base de testosterona: Deposteron®, Durateston®, Androgel®, Nebido®  Aparecimento dos pelos, engrossa a voz, aumento da libido, desenvolvimento do “clitóris”, redistribuição da massa corporal, interrupção da “monstruação” (contraceptivo) Pump	Cirurgias  Mamoplastia masculinizadora
	Corte de cabelo		
	Binder		Redesignação sexual
Escolha do nome social	Packer		
	Minoxidil		
	Hipertrofia muscular		
<b>“Histórias e vivências diferentes”: Percurso não linear</b>			

Assim, descreverei a seguir as técnicas corporais apontadas no quadro anterior. Tomarei como ponto de partida as experiências que os participantes dessa pesquisa tem ao construir corporalmente suas masculinidades baseada em uma concepção de corpo “plástico” e flexível, tal qual explicada por Carlos em sua metáfora do corpo como casa:

Eu tenho isso para mim, meu corpo é minha casa se eu estou incomodado com alguma coisa na minha casa eu vou lá e mudo, troco de lugar para que eu me sinta bem dentro da minha própria casa. Então é a mesma coisa da cirurgia e do hormônio.

O desejo de Carlos em realizar mudanças que masculinize seu corpo está pautado em uma interpretação do corpo plástico. Essa perspectiva não é

<sup>27</sup> A exemplo das pesquisas de Bento, 2017; Iriart, Chaves e Orleans, 2009; Kulick, 2008; Sanabria e Edmonds, 2016.

exclusiva das transmasculinidades, mas corresponde a uma visão popular mais ampla em que, segundo Sanabria e Edmonds (2016, p. 105), “as ontologias médicas e populares brasileiras enxergam o corpo como consideravelmente plástico – suscetível a mudanças e aperfeiçoamentos”. Esse argumento é típico de alguns homens trans que compreendem a transgeneridade como um “estar no corpo errado” ou “nasci com a mente de homem, mas o corpo de mulher”, nesse sentido o corpo como erro é passível de mudanças e intervenções para ser corrigido. Outros homens trans, principalmente aqueles ligados aos movimentos sociais, rebatem essa interpretação invertendo a lógica: “Não nasci em um corpo errado, mas em uma sociedade errada que não compreende o meu corpo e não o legitima como masculino”, como me explicou o Samuel. Aqui as mudanças corporais só fazem sentido se vierem acompanhadas das mudanças sociais. E por mais distintas que pareçam essas interpretações, elas podem ser acionadas pela mesma pessoa em diferentes momentos da vida, como demonstra Breno:

Tem pessoas que tem uma disforia tão grande com o corpo que chegam ao ponto de não querer deixar ser tocado, de ficar se reprimindo, de achar que está no corpo errado. Eu tinha isso para mim, mas hoje eu sou mais tranquilo. Hoje eu fico sem a camisa na frente da minha namorada, hoje eu tenho mais liberdade com meu próprio corpo, porque não adianta você ficar se martirizando. Você já nasceu desse jeito, já está vivendo em uma sociedade que está pouco se fudendo para saber se você está bem. Então, se você próprio ficar se prendendo é complicado.

Sanabria e Edmonds (2016) ao analisarem a prática das cirurgias plásticas e das terapias hormonais sexuais por mulheres e por profissionais de saúde argumentam que não há uma separação clara entre as intervenções médicas e os tratamentos estéticos, higiênicos e eróticos que prometem melhorar a vida e a autoestima feminina, assim tais terapias “às vezes, são usadas com o intuito de moldar o corpo reprodutivo e sexual de dentro para fora” (SANABRIA; EDMONDS, 2016, p.195). Em contrapartida, parafraseando os autores, os homens trans fazem intervenções em seus corpos com o intuito de molda-lo de fora para dentro, ou seja, busca-se moldar o corpo por fora para que ele corresponda ao que existe por dentro: o pertencimento a categoria homem. Não são as transformações corporais que definem a masculinidade desses homens, mas é o sentimento subjetivo de pertencimento ao gênero masculino que

justifica, em certa medida, as intervenções corporais realizadas. Mas, ao mesmo tempo, os homens trans buscam moldar seus corpos para corresponder às expectativas sociais do que é ser um homem e isso é exemplificado no desconforto que a maioria dos homens trans tem com o seios.

Os seios para a maioria dos homens trans aparecem como uma parte do corpo não desejada, pois pode fazer referência a feminilidade. Júlio, por exemplo, usa o binder (figura 05) porque se sente incomodado com seus seios, pois o fazem se “sentir feminino”. Isso fica evidente, também, quando muitos deles se referem aos seios como “intrusos” reforçando a ideia de que eles não deveriam estar ali. Como narra Carlos:

Sempre me via... sempre odiei minhas partes [aponta para os seios] nunca gostei, eu andava feminino por causa dos parentes mesmo, usava roupa de mulher assim igual a você, mas eu achava esquisito. [...] Se isso aqui [aponta novamente para os seios] não sumir eu vou arrancar. Quero andar sem camisa na praia, cheio de pelo aqui.

Marcelo justifica de forma semelhante:

Eu uso [o binder] que é pra disfarçar mais [os seios]. Até porque o meu é grande. Então colocar, ajeitar eles direitinho, deixar os intrusos bem disfarçado, de ladinho assim [faz gestos com as mãos como se estivesse empurrando os seios em direção as axilas]. Com o binder deixa eles mais retinho. Incomoda bastante porque aperta e você querendo disfarçar você aperta mais e acaba dando dor na coluna. Às vezes você também se assa por causa do calor e do elástico. É bastante incomodativo.

Leo e Vitor começaram a usar o binder logo quando se autoidentificaram como homem trans:

Leo: Eu sempre tive muita mama e isso me incomodava muito. Quando eu comecei a investigar, pesquisar o que era se um homem trans, um FTM, que foi assim que eu conheci o termo. Eu comecei a procurar as coisas que eles faziam, mesmo eu já sendo muito masculino. Aí eu comecei a usar o binder. Como eu tinha muito peito eu sempre usei duas, três camisetas para esconder, porque eu não sabia que podia existir o binder e aí quando eu descobri eu comecei a usar o binder.

Vitor: Uso o binder mesmo antes de começa a usar a T, foi logo quando tive esse insight sobre ser trans.

Além do binder, muitos homens trans fazem uso de uma prótese peniana que eles chamam de Packer (figura 06). Os Packers são fabricados em vários tamanhos, estilos, materiais e servem para fazer volume na roupa, para urinar em pé, para ter relações sexuais e podem ser facilmente adquiridos em lojas

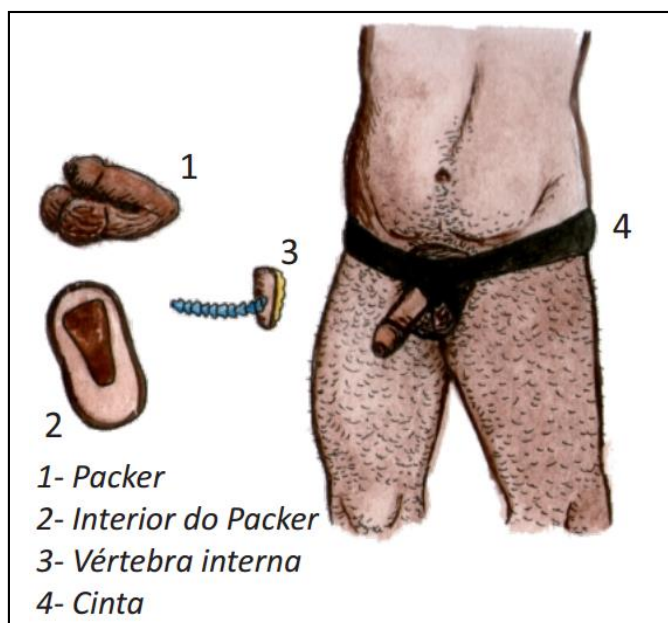
virtuais ou em sex shops. Alguns homens trans chegam a fazer o Packer com meias emboladas e dobradas para que simulem o volume do pênis entre as roupas.

**Figura 05** - Uso do binder



Fonte: Cartilha de Saúde do Homem Trans e Pessoas Transmasculinas. Disponível em: <<http://redetransbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Cartilha-Homens-Trans.pdf>>. Acesso em: 31 de jan. 2018

**Figura 06** - Uso do Packer



Fonte: Cartilha de Saúde do Homem Trans e Pessoas Transmasculinas. Disponível em: <<http://redetransbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Cartilha-Homens-Trans.pdf>>. Acesso em: 31 de jan. 2018

Durante as minhas observações na internet visitei uma dessas lojas virtuais criada por um homem trans que comercializa produtos para homens trans. Nesta loja, os packers são vendidos por tamanhos e tonalidades de cor de pele distintas. Segundo a classificação que consta no site os packers podem ser brancos, pardos e negros. O packer classificado como negro tinha a seguinte legenda: “*The monster packer (negão do whatsapp)*”. A expressão “negão do whatsapp” faz referência a uma foto que “viralizou” nas redes sociais em que mostrava um homem cis negro exibindo um pênis de tamanho exagerado. Nesse sentido, a figura estereotipada do homem negro hipersexualizado com pênis avantajado (PINHO, 2005) é utilizada como referência as transmasculinades negras, exemplificada na obtenção de um packer negro e grande. Assim, os modos como se constroem as masculinidades trans são atravessados por modos como se constroem corpos racializados.

Usar o Packer pode também servir como estratégia para evitar possíveis violências. Para Carlos, por exemplo, usar o packer em banheiros públicos é uma questão de segurança:

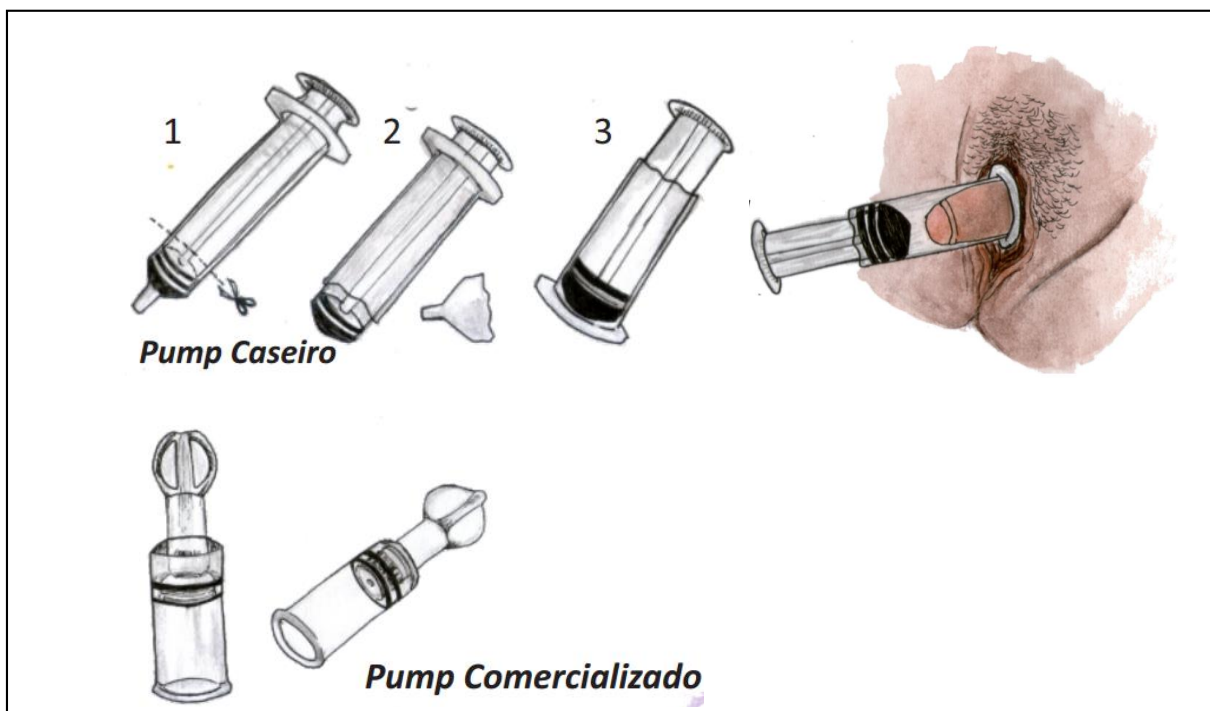
Eu entro no banheiro masculino. Quando eu fui aqui no teatro eu fui no banheiro masculino, ninguém ficou me olhando. E para disfarçar como eu não tenho packer mijei rápido e sai, para os outros não pensarem que eu estou assim [se agacha de cócoras]. Foi rápido, porque eu tenho medo de agressão. Mas o packer eu estou esperando e mais pra frente eu vou comprar e vou usar, porque pra mim é perigoso ir no banheiro assim.

Marcelo também aponta a necessidade de usar o packer no dia-a-dia do trabalho como cobrador de van para trazer mais conforto e segurança:

Não uso packer porque ainda não comprei. Não é nem porque eu não goste. Eu até preciso, converso muito com Tânia: “eu preciso comprar um packer. Nem que for pra mim usar no trabalho”. [...] hoje eu to precisando, é uma necessidade hoje eu ter um packer principalmente na rua. Você vai usar um banheiro, aí toda vez que eu vou no banheiro tenho que ir no reservado, eu não vou no mictório. Às vezes eu estou ali na rua trabalhando, tipo assim, dia de domingo que deu um determinado horário não tem nada aberto para você usar um banheiro. No trajeto que eu faço não é todo bar que deixa você ir. As vezes há a necessidade de você fazer na rua. Aí imagine eu desse jeito ter que me abaixar. É complicado, pode ter violência. No meu caso está sendo muito complicado, eu vou ter que comprar nem que for pra esse caso, para eu poder usar na rua, eu sinto necessidade, mas ainda não comprei.

A utilização do packer como estratégia de segurança também é vista como necessária quando se adquire a “passabilidade cis”, ou seja, quando um homem trans é lido socialmente como um homem cisgênero. Durante um dos eventos organizado pelo coletivo Transgredir em 2016. Carine recrutou os homens trans presentes naquele momento para compor uma mesa que debatesse sobre masculinidades. Como forma de fomentar o debate ela lançou as seguintes perguntas: “Quais os privilégios da passabilidade cis e qual é a coisa boa em ser um homem trans?” Os oito homens trans presentes responderam que ter vivenciado a masculinidade depois de ter vivenciado a feminilidade é um aspecto positivo, pois com isso eles tinham noção do medo e da violência que uma mulher sofre em nossa sociedade machista. Sobre esse ponto eles concordaram unanimemente e por isso não houve muito a ser debatido. Já no quesito “privilégios da passabilidade cis” questões interessantes foram colocadas quando eles começaram a relatar as situações nas quais perceberam que estavam sendo lidos como homem cis. Algumas delas me chamaram a atenção justamente por demonstrar a racialização dessas masculinidades. Igor, um homem trans negro de mais ou menos 30 anos, começa dizendo que esses privilégios esbarram em situações específicas como nas abordagens policiais que ao fazerem a “revista” podem perceber que não “tem nada entre as pernas” o que os colocaria em situações de violência. Igor complementa sua fala afirmando que, assim como ele, os homens trans negros estariam mais vulneráveis nesse tipo de situação, pois, nas palavras dele, “os jovens negros de periferia estão na mira da polícia”. Com isso ele diz que não pode “se dar o luxo” de sair de casa sem o packer porque sabe que ele enquanto homem negro tem mais chances de ser abordado pela polícia do que um homem branco. Assim, as diferentes justificativas que os homens trans dão para utilizar o packer revelam que as dinâmicas corporais transmasculinas estão articuladas com noções de gênero, raça e sexualidade.

Dito isso, vamos retornar as descrições das técnicas de modificações corporais. Alguns homens trans utilizam o pump (figura 07), uma bomba de sucção que pode ser feita retirando a parte do bico de uma seringa (geralmente a mesma utilizada na aplicação da testosterona) e serve para estimular o crescimento do clitóris.

**Figura 07** - Diferentes tipos de Pump

Fonte: Cartilha de Saúde do Homem Trans e Pessoas Transmasculinas. Disponível em: <<http://redetransbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Cartilha-Homens-Trans.pdf>>. Acesso em: 31 de jan. 2018

Durante as minhas observações não presenciei relatos sobre o uso do pump. O que fica evidente é que o crescimento do clitóris está mais associado ao uso da testosterona do que ao uso do pump.

Os homens trans utilizam diferentes fármacos a base de testosterona. A Deposteron® (Figura 08<sup>28</sup>) e a Durateston® são as mais consumidas devido ao baixo custo e o fácil acesso. Uma caixa de Deposteron® com três ampolas custa em média 38 a 42 reais e cada ampola de Durateston® custa de 8 a 10 reais. As doses de T são feitas em ciclos que duram entre 15 e 21 dias a depender dos objetivos, do tempo de aplicação e das mudanças desejadas. A Nebido® pode custar entre 400 a 500 reais e sua aplicação é feita a cada três meses, segundo os homens trans essa é a que menos agride o organismo e a que apresenta efeitos colaterais mais amenos. Esses três tipos de testosterona são injetáveis, mas alguns homens trans usam também testosterona em gel que é passada diariamente nos ombros ou na barriga, a mais consumida é o Androgel®. As

<sup>28</sup> Júlio enviou pra mim essa imagem durante nossas conversas pelo *Whatsapp*.

testosteronas podem ser compradas em farmácias com a receita médica ou de forma clandestina quando funcionários dessas farmácias fazem a retirada do produto e repassam por um preço duas ou três vezes maior que o convencional.

Esse conhecimento dos diferentes modos de usar a testosterona é amplamente compartilhado pelos homens trans em espaços de sociabilização como em eventos, palestras e sobretudo pela internet. Durante o evento da Semana da visibilidade Trans participei de uma oficina de “autoaplicação hormonal” organizada pelo coletivo Transgredir. Esta oficina tinha como público alvo pessoas trans e travestis, mas curiosamente a maioria dos presentes eram homens trans. O médico que estava mediano essa atividade iniciou perguntando quais eram as principais dúvidas sobre o uso dos hormônios pois, segundo ele, os estudos na área médica sobre os efeitos do uso da “T” por homens trans ainda são incipientes. As dúvidas giraram em torno das diferentes formas de uso dos hormônios, do tempo necessário, dos ciclos realizados, da forma de aplicação, da comparação entre marcas diferentes e da ingestão de determinados alimentos que podem aumentar “o nível de T no sangue”. A medida que os homens trans iam fazendo as perguntas eles também descreviam como utilizavam e que tiveram acesso a esse conhecimento através de outros homens trans que estão a mais tempo nesse processo e que tiravam muitas dúvidas em grupos do *Facebook* como no “Hormônios para trans” e em grupos do *Whatsapp* como o “Grupo de homens trans Bahia” ou “Homens trans baianos”. Assim, espaços como esses são fundamentais para troca e construção do conhecimento técnico das transformações corporais fomentando a autonomia das pessoas trans no processo de transição.

**Figura 08** – Ampolas e caixa de testosterona



Fonte: Arquivo pessoal

A testosterona é muito valorizada entre os homens trans, pois através do seu uso contínuo eles vivenciam mudanças significativas em seus corpos. As principais mudanças físicas observadas por eles são: o crescimento de pelos do rosto formando a barba e o bigode<sup>29</sup>. Cresce também os pelos das pernas, das nádegas, do peito e até mesmo das costas. Gustavo, Leo e outros homens trans observam também que há uma redistribuição da massa muscular e da gordura corporal que disfarça as “curvas” da cintura e do quadril e que dão um aspecto “quadrado” ou “reto” ao corpo:

Gustavo: Eu via muitos caras falando da dura, da durasteston e ai eu comecei a usar e graças a deus a partir daí então comecei a sentir mudanças no meu corpo. O meu rosto está ficando um pouco mais quadrado, a voz não mudou tanto quanto eu gostaria, mas não é mais aquela voz tão fina, fiquei com mais

---

<sup>29</sup> Alguns homens trans utilizam também o Minoxidil, um vasodilatador que estimula o crescimento da barba e do bigode.

exposição de músculos, meu corpo foi tomando mais um formato masculino e isso me deixou bem contente, bem satisfeito.

Leo: A mudança corporal ela é muito grande e para mim particularmente foi incrível. Eu tinha quadris enormes e agora eu não tenho mais quadris enormes, fiquei reto. A questão de crescer a barba para mim é fantástica, eu adoro a barba. A questão da voz não mudou muito, ainda tenho uma vozinha meio... mas não me incomoda nada. [...] Sobre hormonização eu acho que é um complemento, para mim como Leo, do que eu buscava de ter barba, de perder o quadril, porque a Nebido ela faz isso, ela faz isso com o corpo, eu não tenho o quadril que eu tinha antes. E ter barba para mim é outra coisa que eu sempre quis, que eu sempre almejei e quando eu vejo ela, mesmo que falhada, eu me namoro.

Marcelo percebe alterações na voz com o uso da testosterona:

E a mudança assim que eu percebo é minha voz. Por que as pessoas falam que está ficando mais grave. O pelo ainda está demorando pra sair, deve ser por conta da genética também. Mas devagarzinho está aparecendo.

Alguns homens trans observam também mudanças comportamentais como o aumento da irritabilidade, da libido sexual e da disposição:

Gustavo: Uma coisa que eu percebi bastante, foi em relação ao humor que oscila muito, não só quando está perto de aplicar a próxima dose, mas na primeira semana seguinte a aplicação e eu sei que eu estou ficando mais rustico, digamos assim. Eu fico um pouco mais irritado, mais impaciente. Mas isso foi uma coisa que aprendi a lidar com o tempo. Na questão do desejo sexual você fica um pouquinho assim... mais sensível para algumas coisas [risadas]. No começo a gente estranha muito, mas depois a gente acaba achando um ponto de equilíbrio e as coisas vão se tornando um pouquinho mais natural.

Marcelo: A irritabilidade ficou maior, a falta de paciência sabe? Tem hora que eu estou muito estressado. Eu percebo que depois que eu aplico eu fico muito irritado. Sobre aquele nervoso. Percebi também que a libido também sobre muito. Minha esposa fala que se eu pudesse eu transava de manhã de tarde e de noite. Aí eu falo: "não é. É uma coisa que dá que sei lá... que sobe." Aí eu fico pensado: "Porra, agora eu entendo o que o caras cis passam na puberdade. Os adolescente que ficam naquela fase de querer ficar só transando. É bem por aí." Então, você já consegue entender melhor o outro.

Leo: Na questão sexual não mudou muito, não mudou nada, para mim não teve aquele efeito que os moleques dizem que tem de querer ficar toda hora fazendo sexo, isso pra mim não aconteceu. Para mim a testosterona é um complemento do meu processo.

Os possíveis efeitos colaterais causados pelo uso da testosterona não são comentados com frequência, os resultados considerados positivos são mais

valorizados do que os negativos. Júlio, por exemplo, diz que não gostou do surgimento de espinhas e do crescimento de pelos na barriga, nas coxas e na bunda, ele só queria ver crescer sua barba e bigode. A primeira reação de Vitor ao ser indagado sobre a sua experiência com a testosterona já elimina de cara os possíveis efeitos indesejados: “Testosterona amor real! Não teve nada que eu não tenha gostado. Amo muito, muito mesmo!”. Esse sentimento de felicidade e euforia com a T também é descrito por Breno:

[...] eu pesquisei e os meninos disseram que a Depo [Deposteron] é menos agressiva que a Dura [Durateston]. Aí eu comecei com a Depo. E o bom é que eu não tive medo. Quando eu tomei a primeira aplicação aí eu pensei: “agora eu dei o pontapé inicial para que a felicidade comece a surgir”. Então é como se a cada aplicação fosse renovada a esperança, porque, por mais que sua vida seja complicada, para mim é uma forma de você estar feliz, estar se sentindo bem com você, com seu corpo, com as mudanças, com tudo. Então me senti realizado. Na primeira vez eu estava tão feliz que não sabia para quem falar, para quem contar.

Esse sentimento de felicidade e entusiasmo com o uso da T também faz parte das experiências com a cirurgia plástica de masculinização das mamas: a mamoplastia masculinizadora, muito conhecida também por mastectomia apelidada pelos homens trans de “mastec”. Marcelo, por exemplo, sonha com que realizará sua cirurgia:

Eu queria sair do hospital e ir direto para a praia sabe? Eu imagino chegando na praia, aquela cena de cinema, chegando assim e tirando a camisa na frente de todo mundo. No dia que acontecer isso comigo é eu tirando a camisa e chorando. Pra mim vai ser assim o máximo. Vai ser melhor do que ganhar sozinho na mega sena.

A “mastec” é a cirurgia mais desejada e a mais realizada entre os homens trans. Eles investem bastante esforço e dinheiro para a sua realização, pois apesar de ser oferecida pelo SUS, existe todo um protocolo determinado pelo “processo transexualizador”, o que pode levar anos para ser realizada, sem falar nas longas filas de espera. Então, muitos homens trans optam em fazer essas cirurgias em clínicas particulares de estética. É bastante comum circular pela internet “vaquinhas” *on-line* para arrecadar dinheiro. Eu participei de várias campanhas desse tipo, compartilhei inúmeras vaquinhas para meus contatos do *Facebook* e do *Whatsapp*, já vendi bilhetes da rifa feita por Breno para conseguir

pagar a sua cirurgia. Existem várias técnicas para a realização da mamoplastia<sup>30</sup> e é comum ver circular nas redes virtuais de homens trans essas diferentes técnicas, algumas delas podem deixar cicatrizes evidentes na região do tórax. Leo explica bem a sua relação com sua cicatriz resultado da mastectomia:

As mamas elas diziam, mostravam o que eu não era, quem eu não era. E as pessoas falam assim: “nossa Leo, ficou com a marca muito grande né? Cara, essa aqui é minha cicatriz de guerra, por ter vencido uma guerra, porque foi uma guerra. É uma luta diária, de você com você mesmo, quando você não tem o seu corpo adequado ao que você é. Eu sempre falei da questão do direito ao nosso corpo. Se eu tivesse nascido com seis dedos, eu teria o direito de tirar um. Porque que eu não tenho direito de tirar uma coisa que pra mim me faz mal e não me pertence? Então eu me namoro muito, eu sou gordinho e na cirurgia sobraram umas pelancas aqui, mas nada tira de mim a satisfação de me olhar, de me enxergar, de me ver. Então a relação com meu corpo é essa, de me namorar o tempo todo. Eu me namoro, eu me vejo.

Além da mastectomia outras cirurgias podem ser feitas pelos homens trans. Como a histerectomia que consiste na retirada do útero e a cirurgia de redesignação sexual. Essas cirurgias são feitas com menos frequência, sendo a última menos desejada pelos homens trans, pois segundo eles, os resultados são insatisfatórios. Leo deixa isso bem claro em sua narrativa:

Eu não tenho interesse nenhum em fazer a faloplastia, primeiro porque ela ainda está em caráter experimental. Ao meu ver o que me identificava como mulher eram as mamas. Então para mim não faz diferença nenhuma fazer essa cirurgia de alta complexidade totalmente invasiva e ter algo que não é funcional. Eu brinco muito e falo: “por que eu vou ter um pinto que não funciona? sendo que eu posso ter vários pintos de várias cores, de vários tamanhos, torto pra lá, torto pra cá, que dança, que acende no escuro, vários pintos.” Nós somos homens trans que temos também nossos privilégios, podemos ter vários pinto se quisermos ter pintos.

---

<sup>30</sup> Descreverei aqui em linhas gerais os quatro tipos mais comentados pelos homens trans. uma das mais desejadas por eles justamente por não deixar cicatriz evidente, é a periaerolar, recomendada para homens trans com “intrusos” pequenos. Nessa técnica retira-se o tecido mamário pela auréola, onde é feito um corte no bico do peito. Outra técnica é conhecida como “disco voador”, aqui o tecido mamário é retirado através de cortes redondos pelo mamilo que se estende para a lateral do peito lembrando o formato de um disco voador, tendo a auréola reposicionada. Essas técnicas são menos popular entre os homens trans. Sendo uma das mais divulgadas entre eles é conhecida como “sorriso”, nesse procedimento retirasse a mama por um corte em que a cicatriz lembra o desenho de um sorriso ou “smile”. Já a técnica do “T invertido” pode ser realizada em quase todos os tipos de seios, retirando o tecido mamário através de um corte que desce pelo mamilo e atravessa o tórax, lembrando o formato de um “T ao contrário”.

Durante as minhas observações de campo não presenciei nenhum debate mais profundo sobre esse tipo de cirurgia. As conversas dos homens trans sobre modificações corporais giram em torno dos diferentes usos e efeitos da T e dos resultados da mastoplastia que, segundo eles, são mudanças que garantem uma leitura social mais próxima do corpo masculino cisgênero. O desinteresse dos homens trans na cirurgia de redesignação sexual é peculiar, pois desloca a forma como historicamente foi concebida a categoria “transexual” e por comparação a de “travesti” (BARBOSA, 2015).

A construção das categorias, “transexual” e “travesti”, são produtos das ciências biomédicas do Século XX<sup>31</sup> (ARÁN, 2006; ARÁN, Zaidhaft, Murta, 2008; ARÁN, Murta, Lionço, 2009; Bento, 2017; Leite Junior, 2008) e que, dentre outras coisas, sedimentaram a ideia do “transexual verdadeiro” caracterizado a partir de uma condição mental particular em que as pessoas são profundamente infelizes com suas genitálias e com o gênero que lhes foi atribuído, além de não apresentarem habitualmente prazer sexual através dos genitais e quando assim o fazem são pela lógica da heterossexualidade, com isso, essa noção acaba excluindo as próprias pessoas trans que se inserem nessa categoria (Murta, 2014). Assim, as classificações trans são complexas e revelam um campo em constante disputa. No Brasil, por exemplo, esses termos podem assumir diferentes sentidos a partir do contexto em que são evocados. Como demonstra Jorge Leite Jr. (2008) o caso brasileiro conota uma particularidade em relação a outros países, pois aqui o que se entendi genericamente por “travesti” como sendo aquela pessoa que não deseja realizar cirurgia de redesignação sexual mesmo adotando uma identidade feminina, utilizando nome feminino, ministrando hormônios e injetando silicone nos seios, quadris e bunda a fim de feminilizar seus corpos, pode ser entendida nos manuais internacionais de medicina como “transexual secundário”,

---

<sup>31</sup>Essa construção biomédica levou ao entendimento da transgeneridade como uma patologia e consequentemente entrou para o rol da Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS). Quando este texto estava sendo finalizado a OMS anunciou oficialmente que retiraria as identidades trans da lista de transtornos mentais, sendo realocada para o CID-11 como “incongruência de gênero” para um capítulo que envolve “condição relativa à saúde sexual”. (Disponível em: <http://www.nlucon.com/2018/06/oms-finalmente-anuncia-ter-retirado.html>. Acesso em: 18 de junho de 2018. )

demonstrando uma descontinuidade entre as rígidas classificações oficiais e a fluidez das identificações cotidianas. Além disso, a imagem da travesti foi sendo construída historicamente no país associada a condição de marginalização social, racial e a prostituição, enquanto o discurso sobre transexualidade:

[...] possui uma aura mais “higiênica”, forjado nos laboratórios e consultórios da Europa e dos Estados Unidos e ainda pouco disseminado popularmente em suas especificidades teóricas, pode se afirmar que o termo “transexual” possui um capital linguístico mais valorizado que o termo travesti, podendo ser mais facilmente convertido em capital social e, desta forma, sendo capaz de abrir ou fechar portas segunda a maneira como as pessoas se auto-identifica ou é identificada. (LEITE JUNIOR, 2008, p. 211)

Além é claro desses termos as vezes serem mobilizados pelos movimentos sociais como sinônimos na tentativa de conquistar políticas públicas que atendam as demandas específicas dessa população. Nesse sentido, concordo com Maria Izabel Oliveira (2015, p.103) quando diz que:

[...] as classificações trans compõem um vocabulário complexo, uma vez que são produzidas dentro de contextos culturais específicos e possuem um caráter político, sendo mobilizado de acordo com as circunstâncias e estratégias dos atores, seja para oferecer uma feminilidade legítima [no caso da mulheres trans e travestis] ou pela atuação de certos segmentos militantes, reivindicando reconhecimento para suas demandas.

Como pontuado por Barbosa (2015) e observado nesta pesquisa, no caso das transmasculinidades não há a existência de “travestis masculinos”, sendo “travesti” uma identidade ligada as feminilidades. Assim, como exposto anteriormente, os homens trans ao se referirem as suas experiências não fazem a clássica distinção entre “travesti” e “transexual” a partir do desejo ou não da realização de cirurgias de redesignação sexual. Com isso, do ponto de vista desses homens trans não é a presença ou a falta de um pênis que os fazem homens. Breno, por exemplo, relata que discutiu com algumas pessoas de sua família, pois estavam questionando a sua masculinidade pelo fato dele ter uma vagina, Breno rebate os comentários de seus parentes afirmando que a masculinidade não é sinônimo de pênis:

Porque as pessoas acham que masculinidade é você ter um pênis, se você não tem um pênis você não é um homem. Aí antes de sair do grupo do *whatsapp* eu falei assim: “Então vamos imaginar que tenha um homem que nasceu com pênis, se ele sofrer um acidente e acabasse tendo que amputar o pênis ele ia

deixar de ser homem por causa disso? Então, eu não me sinto uma mulher e não é ninguém que vai me obrigar a ser.” Aí eu sai do grupo.

Assim, os homens trans não só negam estrategicamente a existência do pênis para compor suas masculinidades como buscam formas particulares de nomear e lidar com seu órgão genital.

### 2.3 “Nomeie, se aproprie, se integre a seu corpo”

Neste tópico será abordado a forma como os homens trans buscam nomear partes específicas de seus corpos. Tomo como ponto de partida a experiência relatada por Samuel em ministrar uma oficina intitulada “Oficina de Ginecologia Natural Transmasculina” que ocorreu durante o evento em comemoração à Semana da Visibilidade Trans organizado pelo coletivo Transgredir. Quando fiquei sabendo da oficina, tentei logo me fazer presente, mas essa atividade foi preparada exclusivamente para homens trans ou pessoas transmasculinas sendo vetada a participação de pessoas cis. Mesmo assim tento negociar a minha participação. Com a delicadeza de quem precisa dizer um não, recebo uma mensagem do Samuel no chat privado do *Facebook* me explicando detalhadamente os motivos pelos quais minha presença não seria aceita naquele momento:

[...] espaços relacionados a genitais, menstruação, ginecologia... costumam ser um espaço relativamente denso e que as vezes dispara violência para algumas pessoas. [...] A ideia é que tenhamos um primeiro momento para falar de nossos corpos e sobre a falta de discussão sobre ginecologia para homens trans. compreendo q cada um atribui o nome q deseja e q melhor reflete sua identidade ao seu genital... enfim, eu vou trazer um depoimento pessoal nesse sentido tb, sobre buceta, no meu caso e falar o q me motivou a fazer essa oficina. e tb ouvir das pessoas que se inscreveram. Esse será um espaço de troca e podem aparecer questões mto íntimas e relacionadas a violência, inclusive. Disse tudo isso p te falar que, por ser o primeiro espaço q nos reuniremos p falar do tema, por n saber do conforto das pessoas em relação a esse tema, e pelo meu próprio conforto tb, msm entre nos trans, eu prefiro que esse seja um espaço inicial apenas com pessoas trans, entende? essa será uma oficina introdutória. falaremos de algumas questões como infecção, menstruação, cólica. irritações, banhos de

assentos<sup>32</sup>... então, de minha parte, esse momento está reservado para uma troca de vivências e informações com pessoas trans masculinas. [...] Super tenho disponibilidade em contribuir pra pesquisa, só gostaria de prezar por uma privacidade um pouco maior para esse espaço específico. Vou indo dormir, boa noite! <3

Este modelo de grupo de discussão é bem próximo daquilo que ficou conhecido como “grupos de consciência” característico do feminismo de segunda onda. Estes grupos eram formados exclusivamente por mulheres que discutiam sobre suas próprias vidas com o objetivo de ampliar a consciência de forma coletiva (PEDRO; WOLFF, 2007). Os homens trans não são pioneiros nessa prática, um grupo formado exclusivamente por homens homossexuais pesquisado por Fernandes (2008) também reunia-se para discussões de interesse coletivo e estreitamento dos laços sociais. Fica evidente que a principal característica desses grupos é ser exclusivo para um determinado grupo ou identidade social, sendo assim tive que buscar estratégias para acessar as informações sobre a oficina conversando com o próprio Samuel posteriormente. A conversa foi gravada e ocorreu em sua casa durante o lanche da tarde onde tomamos café e comemos beiju. Na ocasião da entrevista Samuel dividia apartamento com alguns colegas, pois sua família mora no interior da Bahia e ele veio para a capital estudar. A ideia da oficina surgiu a partir da experiência vivenciada por ele em outra oficina que ocorreu em 2015 durante o congresso “Desfazendo Gênero” em Salvador. Esta primeira oficina tinha como público alvo homens trans, mas foi ministrada por uma mulher cis e foi aberta a todas as pessoas. Eu participei dessa oficina e me recordo que haviam poucos homens trans na sala e durante uma das primeiras atividades foi distribuído papel e lápis coloridos para que desenhássemos nossas genitálias. Samuel relata que esse processo de desenhar foi significativo para ele e que surgiu muitas dúvidas na forma gráfica que ele representaria seu corpo, pois durante uma parte de sua vida ele leu sua genitália como se fosse um “pênis”, mas que naquele momento isso já não fazia mais sentido:

Eu vou colocar o que? Uma interrogação? Posso não colocar nada, posso me recusar a fazer essa atividade. Isso ficou girando na minha cabeça. [...] Em 2015 eu sai com uma grande

---

<sup>32</sup> Banho de assento é um banho em que a pessoa senta em uma bacia ou banheira contendo água morna e ervas medicinais que auxiliam no tratamento de doenças na região da genitália.

dúvida de como representar a imagem e acabei desenhando uma buceta, mas não sabia como nomear.

Essa primeira experiência o estimulou a pesquisar sobre o assunto e ele acabou tendo acesso a “ginecologia natural” voltada para mulheres cis, a oficina não foi só um lugar de compartilhamento de experiência, mas um espaço de produção dos corpos:

E quando vamos procurar esse tipo de conteúdo só achamos coisas do tipo: “coisas de mulher”, “bolsa de mulher”, “clube da Lulu” ou somente médicos falando. Acabei assistindo alguns documentários também, mas todo o recorte é para um corpo cis de mulher. E esses discursos ficam parecendo que quem só menstrua, engravida é mulher. Discutimos a importância de utilizar isso para produzir outros discursos com a marca dos nosso corpos. [...] Tive dificuldades em encontrar linguagem masculina sobre o assunto, a imensa maioria é voltada para um corpo de mulheres cis. Tivemos que reescrever os textos, adaptar. Conseguimos achar alguns desenhos e um é bem legal que fala que partes do corpo que não são nomeadas tendem a ser silenciadas.

O desenho que Samuel está se referindo encontra-se nas figuras 09, 10, 11 e 12 e integrou um zine criado por ele e foi distribuído aos participantes da oficina. Segundo o olhar de Samuel, a oficina permitiu aos homens trans refletirem sobre as formas de como lidar com seu corpo, sobretudo com suas genitálias e que tivessem mais autonomia nos auto cuidados corporais, por isso foram compartilhadas receitas de chás e banhos de assentos, cuidados específicos com esse corpo com base nos processos de modificação corporal (figura 10). Como já dito anteriormente os homens trans observam uma mudança física na genitália com o uso prolongado da testosterona. Essa mudança é ponto de reflexão para os homens trans a partir do debate sobre a nomeação desta parte específica do corpo. Samuel relata que a nomeação foi pautada durante a oficina e o objetivo era levantar uma discussão sobre as diferentes formas de nomear as genitálias para que estas não fossem uma parte invisibilizada de seus corpos:

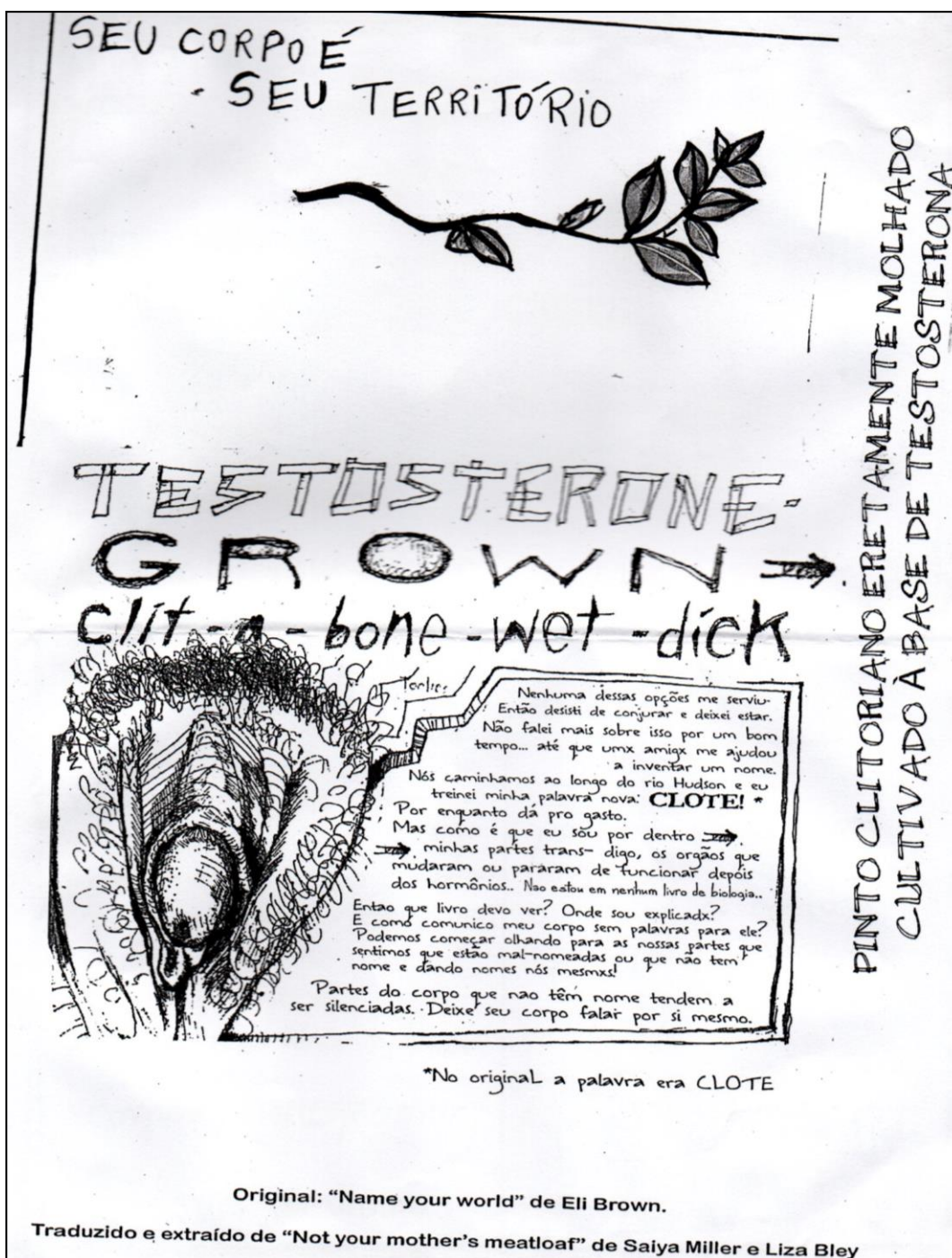
[...] outro te aceita enquanto homem trans, mas você não pode mencionar o órgão, é um terceiro muito distante, que se você puder sempre invisibilizar. Nas minhas experiências parecia muito mais tranquilo para as outras pessoas ouvirem muito mais pinto ou algo relacionado a um genital de um homem cis, do que falar buceta ou nomear de uma outra maneira. Discutimos isso também, como é para cada corpo, como se nomeia. Porque tem isso também, se transforma, com a hormonização se transforma e as prática sexuais podem ajudar nesse processo de

transformação física também. Foi muito interessante para mim como discutimos esse processo da nomeação como esse processo de nomear ou não nomear e de poder tensionar essas nomeações mais colocadas reflete nisso de deslegitimar a nossa masculinidade e de não poder colocar na roda, por exemplo, falar buceta, buceta era muito proibido, era impronunciável. [...] Eu não acredito que o acesso a essas discussões vão radicalizar a forma como você enxerga seu corpo. Mas eu também me preocupei em não criar um espaço que a gente saísse dali falando: “eu tenho buceta e buceta é maravilhoso.” A proposta não era essa, mas era de dizer que buceta também poderia ser uma das possibilidades, mas é uma das possibilidades. Tanto, que o que estávamos fazendo em tom de brincadeira, que não era brincadeira, era nomear, era construir outro nome com a possibilidade de mesclar ou não.

Os nomes sugeridos durante a oficina foram “Pireca” que seria a junção dos termos “pica” (genitália dita “masculina”) e “xereca” (genitália dita “feminina”), e “Buau” uma mistura entre “buceta” (genitália dita “feminina”) e “pau” (genitália dita “masculina”) (figura 12). Não houve um consenso na escolha do nome, afinal a proposta era que cada homem trans denominasse seu corpo com a palavra que melhor o identificasse, para o Samuel:

Foi importante ver homens trans ali falando que era tranquilo ter uma vagina e sentir prazer com isso. Mas também pensar que essa coisa da nomeação não é algo progressivo, positivo. De por exemplo, só for bom quando disser: ‘tenho vagina’, não. E porque também não posso tratar no masculino? Não existe um lugar para se chegar. Hoje eu tenho uma relação muito mais ambígua, para mim é uma buceta, mas também eu atribui outras características próprias do meu corpo. Mas eu pensei muito nisso também, tipo que depois de um tempo, de discutir, de ter acesso a militância, de ver vídeo, de ler zine, de trocar experiências com outros homens trans, você vai “aceitar”, não! Eu acho que esse processo de autonomia da nomeação é muito importante. Para mim por exemplo, hoje é muito mais suave, me sinto mais apropriado, mas antes não era e o antes também era legítimo. Mas em algum momento o outro já não rolava mais, não era nem um e nem o outro, a interrogação era o que mais representava. E também é claro que hoje eu não tenho a mesma buceta que eu tinha aos 15 anos, radicalmente é diferente.

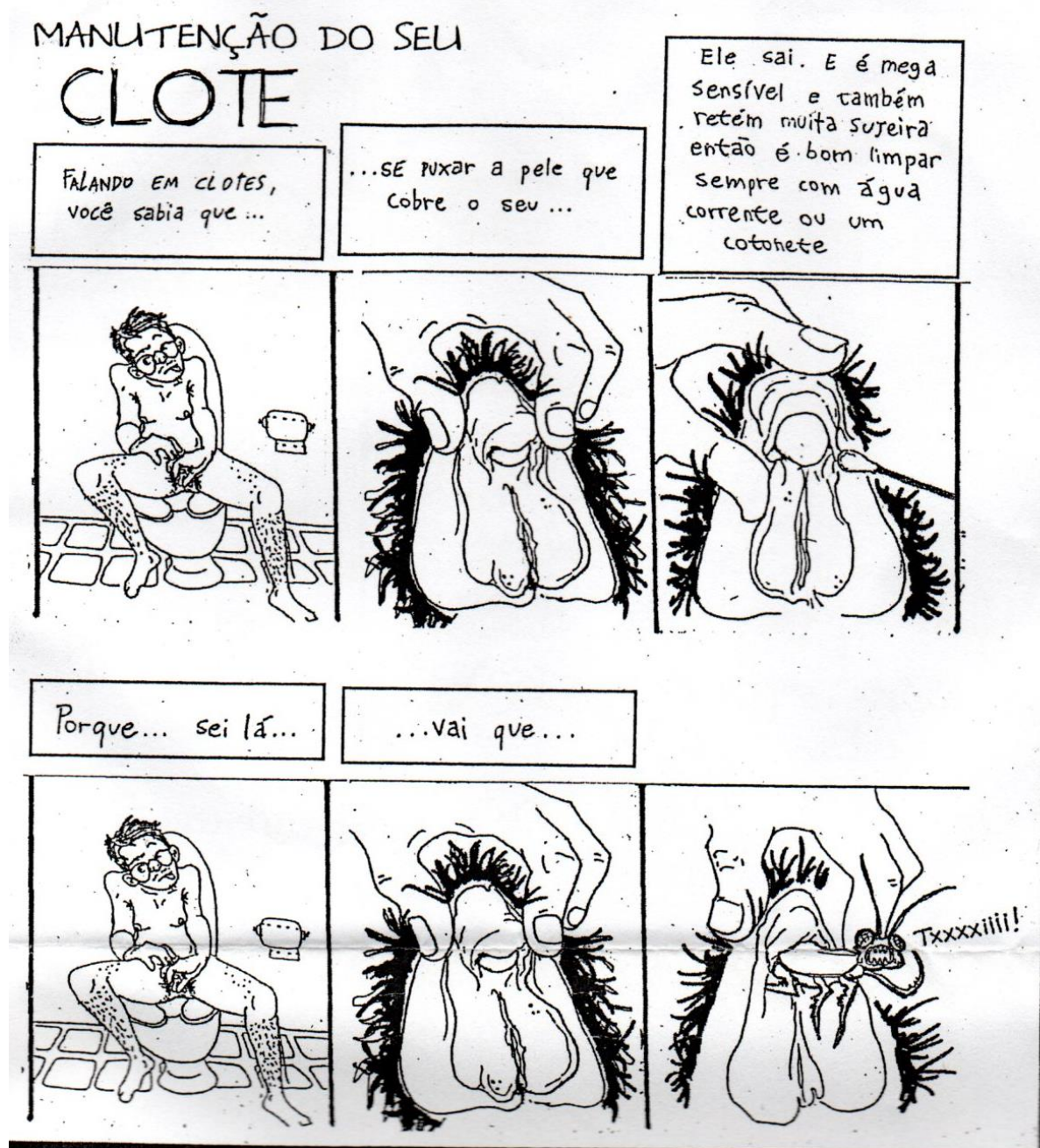
Figura 09 - Seu corpo é seu território<sup>33</sup>



Fonte: Arquivo pessoal

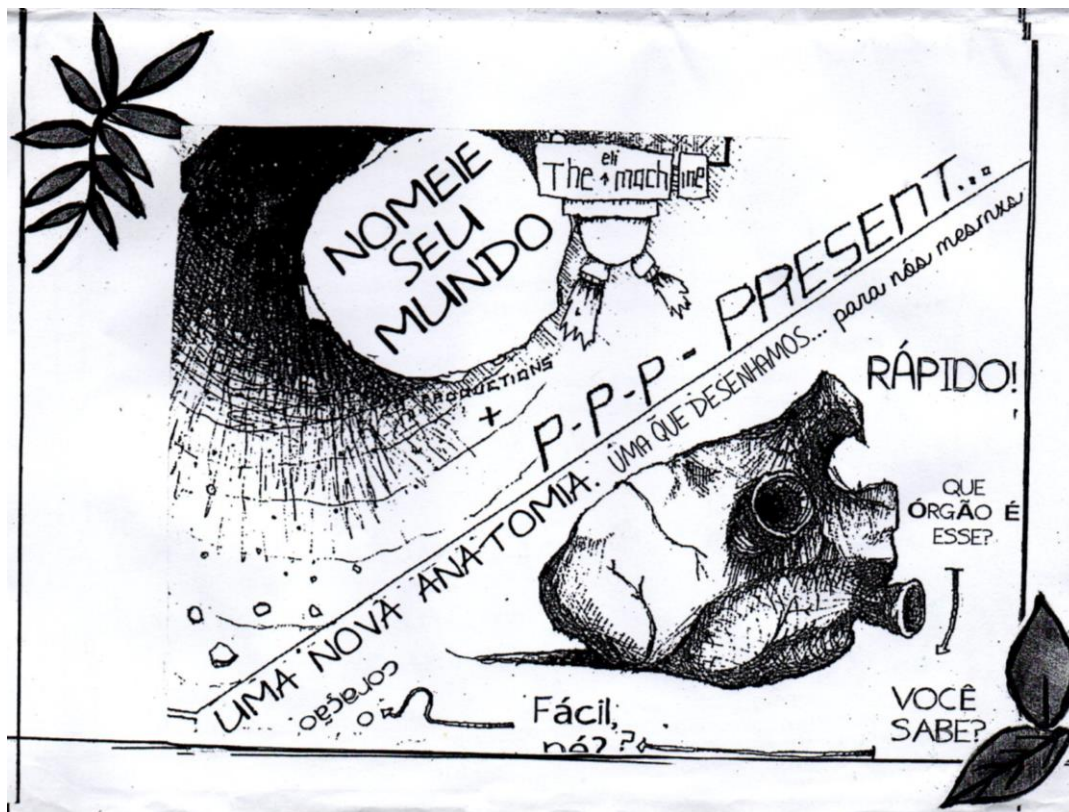
<sup>33</sup> Transcrição do texto da Figura 09: "Nenhuma dessas opções me serviu. Então desisti de conjurar e deixei estar. Não falei mais sobre isso por um bom tempo... até que umx amigx me ajudou a inventar um nome. Nós caminhamos ao longo do rio Hudson e eu treinei minha palavra nova: CLOTE! Por enquanto dá para o gasto. Mas como é que eu sou por dentro. Minhas partes trans – digo, os órgãos que mudaram ou pararam de funcionar depois dos hormônios... Não estou em nenhum livro de biologia... Então que livro devo ver? Onde sou explicadx? E como comunico meu corpo sem palavras para ele? Podemos começar olhando para as nossas partes que sentimos que estão mal-nomeadas ou que não tem nome e dando nomes nós mesmxs! Partes do corpo que não têm nome tendem a ser silenciadas. Deixe seu corpo falar por si mesmo."

Figura 10 - Manutenção do "clote"



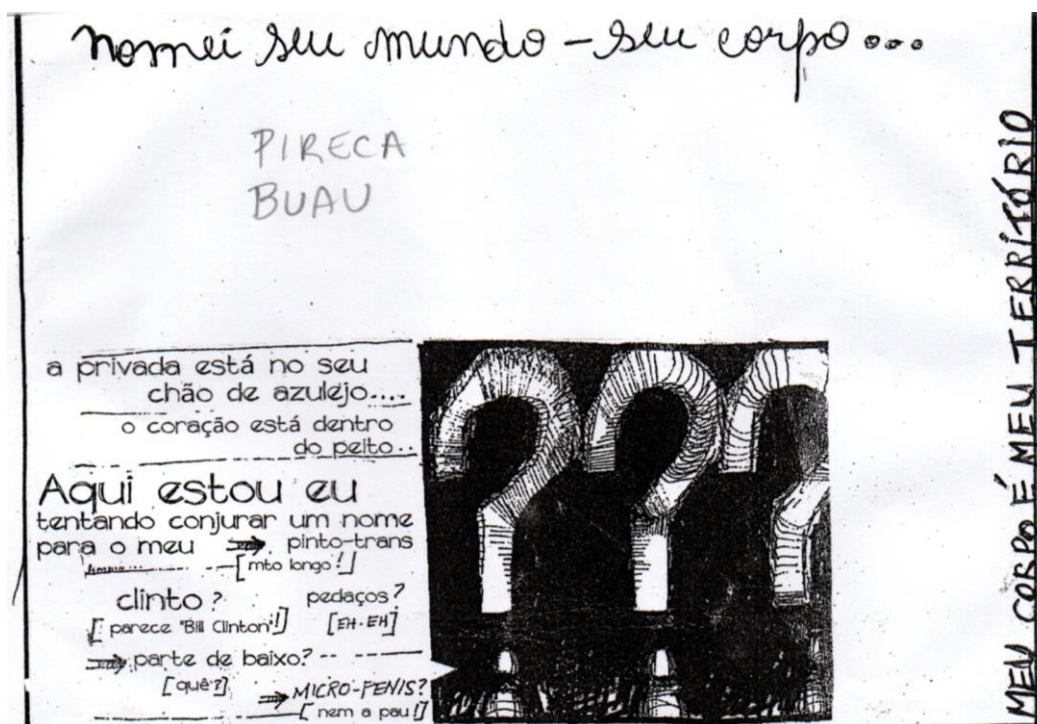
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11 - Capa do zine



Fonte: Arquivo pessoa

Figura 12 - Nomeie seu mundo, seu corpo



Fonte: Arquivo pessoal

O esforço de nomear descrito por Samuel durante a oficina reflete as possibilidades que os homens trans tem de criar diversos significados para seus corpos de forma coletiva. Não existe uma única maneira de significar seus corpos, podendo inclusive mudar ao longo do percurso de transição de gênero. Eles utilizam o que já é dado para se referir aos genitais ditos “masculino” ou “feminino”, podem mesclar os dois ou buscar um termo neutro. O mais importante não é como se nomeia, mas o próprio ato de nomear em si já é ele significativo. Há uma necessidade em marcar a materialidade do corpo para que possam existir homens de “buceta”, homens com “clitóris regado a testosterona”, homens de “pireca” ou “buaú”, ou seja, é preciso dar um sentido a essa materialidade corpórea para que ela não se torne invisível, inexistente.

Foi apresentado aqui as nomenclaturas utilizadas pelos homens trans para descrever o próprio corpo que é, ao mesmo tempo, uma elaboração mental, simbólica e classificatória. A maior parte dos homens trans com os quais mantive diálogo não demonstram uma rejeição explícita de suas genitálias, diferente dos seios que aparecem como sendo o causador de muito desconforto. É importante notar que não é a rejeição ou aceitação de suas genitálias que fazem os homens trans se considerarem enquanto homens, nem tampouco o gênero de seus parceiros ou parceiras sexuais. Sem dúvida, com já apontado por Ávila (2014), as transmasculinidades brasileiras são múltiplas e embora o que a autora rotula como a “transexpêriencia” seja individual, ela se constrói e é produzida coletivamente, marcada pelo contexto da vida social nos quais os homens trans estão inseridos.

#### **2.4 “Eu sou um homem de vagina, eu não sou lésbica, eu não sou mulher”**

Eu, Carine, Rodrigo e Flávio estávamos saindo de uma atividade organizada pelo coletivo Transgredir como parte do “Fórum Social Mundial” que ocorreu em Março de 2018 em Salvador. Já era noite e, por isso, Carine nos ofereceu uma carona para casa. Aceitamos prontamente. Dentro do carro conversávamos sobre o evento, fofocávamos sobre algumas pessoas e, não sei bem como a conversa foi tomar esse rumo, mas começamos a falar sobre

nossas preferências ao buscar um parceiro ou parceira sexual. Papo vai, papo vem. Rodrigo conta que desde a infância sempre preferiu mulheres e começa a narrar uma experiência que viveu quando tinha mais ou menos seis ou sete anos de idade. A história era mais ou menos assim: uma mulher jovem, amiga de sua família foi morar um tempo na casa onde ele passou sua infância. Como tinha muita gente morando na mesma casa como seus tios, tias e alguns primos, na hora de dormir, para poder acomodar todo mundo, ele, que era criança, tinha que dividir a cama com alguém. Em uma dessas noites essa mulher foi dormir com o Rodrigo. Ele conta que ela estava com uma saia, mas não estava com calcinha e essa mulher começou a “roçar” a vagina em sua perna. Rodrigo diz que estava fingindo que estava dormindo e deixou ela continuar e que estava gostando. No dia seguinte, ele disse que acordou se sentindo o homem da relação, saiu com ela para comprar carne no açougue e pegava na cintura dela como se estivesse namorando. Segundo Rodrigo, hoje ele entende que essa situação poderia ser enquadrada como pedofilia, mas que mesmo assim ele não se sentiu violentado, não sabe dizer ao certo o porquê, mas acha que foi pelo fato dela não ter tocado em sua genitália. Rodrigo disse, também, que só lembrou desse fato depois da sua transição de gênero, período em que ele começou a perceber que desde criança já se “sentia como um homem”. Essa história de Rodrigo, como a de outros homens trans, chama atenção pelo fato de que as memórias de infância também são marcadas por lembranças que envolvem a sexualidade e erotismo as quais parecem validar o sentimento de pertencimento ao gênero masculino. Assim como Rodrigo, Leo sempre se sentiu atraído por meninas quando criança, ele conta que quando tinha nove anos:

[...] eu fazia catecismo. A minha irmã era muito namoradeira e nossa mãe era muito rígida, ela era muito braba então, isso não era permitido. A minha irmã começou a namorar um menino no catecismo, na igreja que a gente ia todo sábado. E eu arrumei uma namoradinha, aí minha irmã me ajudou e meu nome seria João nessa história. Durante o ano inteiro do catecismo eu namorei essa menina como João, mas veio um problema sério porque chegou o dia da primeira comunhão e eu com aquele vestido, por causa disso e do meu vizinho ela descobriu minha mentira. Aí foi complicado, bem complicado, foi a primeira vez que eu senti transfobia bem pesado, com surra, com xingamentos, foi terrível.

Durante a sua infância Breno também pensava sobre a sua atração por mulheres:

Eu ficava pensando: “Sou um sapatão.” Mas eu não tinha com quem conversar. Quando eu ia para a casa da minha avó tinha as minhas primas que eu brincava, aí tinha o pai, a mãe e o filho. Eu sempre era o pai. E eu me perguntava: “Porque eu sempre sou o pai?”. E isso me fazia sentir como o macho da casa. Era uma brincadeira que eu gostava, apesar do povo sempre achar que a gente estava brincando de ousadia, mas não era.

A sexualidade na infância não aparece em todas as narrativas. Gustavo e Vitor, por exemplo, narram esse momento da vida somente a partir do sofrimento por não gostar de brincadeiras ou roupas ditas de menina (tema já abordado anteriormente), a questão da sexualidade só aparece a partir da vida adulta. Isso mostra que apesar de na infância alguns já apontarem suas preferências sexuais, essas experiências são dinâmicas e podem inclusive mudar ao longo da vida. Júlio, por exemplo, sempre se reconheceu enquanto lésbica, mas após a transição começou a se relacionar com homens:

Júlio: Eu descobri que eu era bissexual quando eu fiquei com o Henrique. Desde então continue ficando com homens, eu não entendi foi nada no início, porque quando eu era fulana eu não gostava de homens e eu só queria mulheres. Aí eu me assumi Júlio e gosto de homens e de mulheres. Hoje eu já aceito que sou bissexual.

Anne: Então não só a sua identidade de gênero mudou, mas a sua orientação sexual também mudou. É isso?

Júlio: Isso. Eu confesso que hoje eu tenho mais preferência com homens do que com mulheres, mas eu não deixei de ser Bi. Só a preferência que muda. Mas sim, eu sou bissexual.

Vitor, por exemplo, conta que quando engravidou ele era uma “pessoa hetero cis”, ou seja, era uma mulher cisgênera heterossexual e que depois da separação do seu casamento com Eduardo (o outro pai de sua filha), ele começou a se relacionar com mulheres e passou a se reconhecer enquanto lésbica e que hoje, após assumir uma identidade masculina é heterossexual, pois continua preferindo se relacionar com mulheres. Nas palavras dele:

Quando eu engravidei eu ainda era uma pessoa hetero cis. Eu demorei para ter coragem para tomar algumas posturas. [...] Depois que eu me separei que eu passei por esse processo de reorganizar a minha vida e aí na sequencia que eu comecei a me relacionar com mulheres. [...] Mas o Vitor nunca namorou, nunca. Eu posso até brincar falando que eu pegava mais mulher como lésbica do que como homem. [...] Sou um homem trans heterossexual. Eu não gosto de definições, nem de rótulos porque isso reflete as limitações, mas eu não me considero uma pessoa bi ou pansexual porque eu tenho esse gosto por mulheres. É como eu me vejo nesse momento apesar de eu não

querer me limitar a isso. Eu por exemplo não vejo como limite se eu conhecer um cara e o cara for legal e se me chamar atenção de alguma forma, eu: “poxa, eu não vou ficar com ele, não vou porque sou hetero.” Entende? Mas realmente hoje minha orientação é gostar de mulheres, por conta dessa configuração eu me considero um homem hetero.

Diante do exposto nos deparamos com a lógica nativa de termos de referência em que são baseadas a relação entre sexo, gênero e sexualidade. É nesse sentido que os homens trans possuem sexualidades diversas e podem se identificar como heterossexuais, gays, bissexuais, pansexuais entre outros, mas não como lésbica. Dizer que um homem trans é uma lésbica estaria erroneamente os identificando como mulheres e nesse sentido estaria deslegitimando suas masculinidades. Leo deixa isso evidente em sua narrativa:

Hoje eu namoro virtualmente uma menina que depois de um tempo ela me contou que era lésbica e houve na minha cabeça um susto, porque, por mais que eu goste de estar com ela, de conversar com ela, eu fico preocupado como ela me enxerga, isso é muito importante pra mim, como a pessoa me enxerga. Eu sou um homem de vagina. Eu não sou lésbica, eu não sou mulher, eu sou um homem de vagina. E a gente teve uma conversa muito, muito séria e um dado momento ela falou que gostava de fazer uma coisa e que gostaria de fazer comigo na cama. E aí eu falei assim: “olha a gente para de conversar agora, porque no meu corpo ninguém toca.” Isso é uma coisa que eu tenho que trabalhar em mim. Ao mesmo tempo que minha cabeça fala que em quatro paredes vale tudo, eu não consigo me liberar para algumas coisas. E aí eu sinto que estou perdendo, a oportunidade de conhecer meu corpo diferente, porque eu falo as coisas que eu acredito mas não consigo trazer pra mim. Por exemplo: a minha masculinidade, não está na forma como eu transo. Se eu sou ativo, passivo, flexível sei lá o que. Eu consigo falar disso tranquilamente, mas não consigo ter essa ação. Hoje eu estou me permitindo pensar em deixar rolar e isso começou a ficar mais forte, conversando com os meninos dessa nova geração. Porque eu sou daquela geração que tinha lésbica ativa e lésbica passiva. Eu estou trabalhando isso na minha cabeça e conversando com os meninos e vendo que isso não vai influenciar na minha sexualidade, na minha masculinidade. A minha masculinidade vai ficar intacta, mas é um processo que eu estou passando e que os meninos novos tem me ajudado muito.

É assim que Breno, Marcelo, Carlos, Vitor, Gustavo e Leo se consideram heterossexuais ao relatarem suas preferências por mulheres. Dentre os que se consideram pansexual e bissexual está, respectivamente, Samuel e Júlio. São esses que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens e com mulheres. Assim, não é o fato deles terem se relacionado sexualmente com

outros homens em algum momento da vida ou por atualmente preferirem homens como parceiros sexuais que eles não se reconheçam enquanto homens. O que está em jogo aqui é como se denomina essas relações.

Além disso, a sexualidade para os homens trans está diretamente ligada a reprodução, não só pelo fato deles afirmarem que uma pessoa engravida através do ato sexual, mas engravidar antes ou depois da transição parece conter aspectos distintos de suas sexualidades. Assim, homens trans podem engravidar na medida em que não realizaram a histerectomia, não usam testosterona ou que interromperam a terapia hormonal por algum motivo e pelos que não utilizam nenhuma forma de contraceptivo, este tema será explorado no próximo capítulo. Aprofundarei, a seguir, o aspecto relacional ligado a esfera do parentesco e da reprodução que envolve a transição de gênero.

### 3. “O NOME DELE É GUSTAVO E É A MINHA MÃE”

Uma das coisas que eu acho ser realmente importante sobre parentesco [...] é que parentesco é, para a maioria das pessoas – contemporâneas, modernas, “tradicionalistas”, rurais, urbanas –, parentesco é realmente onde se produz boa parte do seu material imaginativo. Enfim, é também onde elas vivem suas vidas, mas é onde elas pensam sobre o futuro, o passado, onde elas especulam sobre o que poderia ser se tudo fosse maravilhoso, mas também o que é terrível em suas vidas. Porque as famílias na maioria dos lugares também são fonte de dor, dificuldade e sofrimento. [...] Mas, de forma ordinária, todos os dias as pessoas utilizam muito do seu trabalho imaginativo através do parentesco ou relacionalidade. Em outras palavras, eles pensam sobre os relacionamentos que têm. E isso é realmente uma parte importante disso tudo.

Janet Carsten (2014, p. 156)

Este capítulo trata das dinâmicas relacionais em torno da gravidez e da transgeneridade. Analiso aqui como as formas de vivenciar a constituição do gênero, descritas no capítulo anterior, estão contextualizadas no mundo relacional que envolve a reprodução, a sexualidade e o parentesco, observando como esses processos são elementos importantes que conectam as pessoas. Argumento, portanto, que a transgeneridade é relacional, uma vez que, o processo de transição de gênero envolve também uma (re)criação das relações ligadas a esfera do parentesco. Com base nas narrativas<sup>34</sup> que serão apresentadas a seguir fica evidente que mesmo não se identificando como homens no momento da gestação essa experiência é relatada como parte da transição de gênero. O significado que os homens trans dão ao gestar, parir e amamentar seus bebês é incorporado a própria narrativa de constituição da

---

<sup>34</sup>Também percebi nas narrativas a importância de considerar as diferentes relações estabelecidas entre os homens trans e os parentes “de sangue”, os amigos, os “considerados” parentes no percurso da transição de gênero. Pretendo explorar esses aspectos em futuras pesquisas, visto que agora estou focando na experiência de reprodução entrelaçada com os processos identitários.

masculinidade. Assim, o foco desta análise está na experiência reprodutiva desses homens trans, que por sua vez é imprescindível contextualizá-la na relacionalidade, já que cada momento da transição de gênero marca a experiência da reprodução e a relação com os parentes, os amigos, os parceiros e parceiras sexuais. Para além dos homens trans que passaram pela experiência da gravidez, constatei que eles elaboram coletivamente a potência que há em seus corpos de gestar e parir através da metáfora do cavalo-marinho que será melhor explorada ao longo deste capítulo.

A seguinte reflexão feita por Breno ilustra o modo como os homens trans ao recriarem seu corpo e sua identidade estão cuidando de suas relações sociais, uma vez que para Breno ele não seria “feliz o suficiente para terminar de criar a filha” se parasse com a transição:

Eu já pensei em parar [com a transição] sabe? Mas se eu parar agora ou se eu voltar para a caixinha do esquecimento eu não vou ser feliz o suficiente para terminar de criar ela [filha]. Porque tudo que eu faço é sempre pensando primeiro nela. Eu acho que até hoje se eu me privei tanto de ir buscar uma coisa que eu sabia que não era só o fato de eu gostar de garotas, que tinha algo a mais, foi por causa disso. Às vezes eu tinha medo, ainda tenho, mas hoje menos. Medo do que eu ia achar, medo do que eu poderia encontrar, dessa coisa do que o novo iria me proporcionar. Porque é uma coisa que você está no lado obscuro, aí chega uma parte que você vê que: “Nossa! isso é o que estava me faltando!”. Só que daí, isso aí já vai trazer outras consequências, ainda mais quando a pessoa tem filho. Porque eu já falei para minha que as únicas opiniões que importam para eu tomar alguma decisão é a dela e de minha filha.

A preocupação de Breno nas consequências que a transição pode trazer para os outros demonstra que essa (re)criação não é feita sem tensões. Todas as histórias que ouvi contam momentos de conflito, violência e tristeza com algum parente, muitas vezes a família aparece como um espaço sombrio, onde a existência de pessoas trans não faz sentido dentro da lógica de parentesco que exige cada qual do seu lugar, exercendo uma função pré-estabelecida. As pessoas trans quebram esse protocolo e assim como na reprodução em que “tudo vira uma bagunça” quando um corpo transmasculino engravida, “tudo vira uma bagunça” nas relações familiares quando a transgeneridade se torna pública. A questão central é: “como uma pessoa que era reconhecida socialmente como mulher, como mãe, reivindica o lugar do masculino?” Essa não é uma questão só minha, é uma questão também dos próprios homens

trans. Gustavo, por exemplo, buscou respostas para essa mesma pergunta quando começou a compreender o que era a transgeneridade:

E aí uma vez eu vi na TV algo falando sobre transtorno de identidade de gênero e aí depois eu fui pesquisar na internet para saber o que era isso. E aí foi quando eu conheci o famoso João Nery e aí eu comecei a falar com ele: “João eu li um pouco sobre você e eu me identifiquei pra caramba, só que eu tenho uma filha.” E aí uma coisa que ele falou e eu levo isso pra mim, para o resto da minha vida: “o fato de você ser mãe não te faz menos homem, você é homem, você é mãe e você pode ser os dois sem problema nenhum.” E a partir daí eu fui procurar ajuda [...] aí eu fui e comecei com todo o processo e aí depois que eu comecei a me aceitar e a me entender, entender todas as coisas, porque eu me sentia diferente, porque eu não gostava, porque não aceitava.

A resposta dada por João Nery resume bem o que os homens trans reivindicam: a gestação é vivenciada como algo complementar a masculinidade. Para Júlio, por exemplo, engravidar foi motivo de grande confusão, descrito por ele como um momento de grande bagunça. Deste modo, durante a gravidez transmasculina são borradas as fronteiras entre masculino e feminino, paternidade e maternidade, ao passo que há uma manutenção dos processos de masculinização com a reprodução.

### **3.1 “Tudo virou uma bagunça para todo mundo quando engravidei”**

A experiência da gestação narrada pelos homens trans está diretamente relacionada com a dinâmica corporal que envolve o “percurso da transição” e as diversas experiências sexuais. Antes de analisarmos em mais detalhes essas experiências é preciso evidenciar que somente Júlio engravidou após autoidentificação como homem trans; já Marcelo, Breno, Leo, Gustavo, Carlos e Vitor engravidaram “antes da transição”. As narrativas dos que engravidaram antes se diferenciam a partir das suas identidades sexuais no momento da gestação. Gustavo, Carlos e Vitor estavam em um relacionamento heterossexual quando gestaram, já Marcelo, Breno e Leo engravidaram enquanto mulheres lésbicas. Essas informações estão sintetizadas no quadro abaixo - figura 13.

**Figura 13** – Gravidez, identidade de gênero e sexualidade dos homens trans numa perspectiva temporal

Nome	Identidade gênero/sexualidade ao engravidar *	Estado conjugal na gravidez	Como engravidou	Interrupções da gestação	Tipo de parto	Nº de filhos	Identidade gênero/sexualidade hoje*
Júlio	Homem trans bissexual	Solteiro	Relação sexual com amigo	Tentou interromper, mas não conseguiu	Cesária	1	Homem trans bissexual
Breno	Mulher cis lésbica	Solteiro	Relação sexual com primo	Não teve	Normal hospitalar	1	Homem trans heterossexual
Marcelo	Mulher cis lésbica	Casado	Relação sexual com o amigo. Não tinha dinheiro para inseminação	Não teve	Normal hospitalar	3 (1 gestado e 2 de sua companheira)	Homem trans Heterossexual
Leo	Mulher cis lésbica	Solteiro	Sofreu estupro corretivo	Escolheu não abortar	Cesária	1	Homem trans heterossexual
Carlos	Mulher cis bissexual (mas “preferia” mulheres)	Namorava	Relação sexual com namorado	Fez um aborto antes de ter os dois filhos	Normal hospitalar e Cesária	4 (2 gestados e 2 de sua companheira)	Homem trans heterossexual
Vitor	Mulher cis heterossexual	Namorava	Relação sexual com namorado	Não teve	Cesária	1	Homem trans heterossexual
Gustavo	Mulher cis heterossexual (se relacionou com mulheres antes)	Namorava	Relação sexual com namorado	Não teve	Normal hospitalar	1	Homem trans heterossexual

\* Categorias dinâmicas – ver capítulo dois

Gustavo narra que por conta da pressão da família, principalmente de sua mãe, começou a frequentar a igreja e lá conheceu um rapaz com o qual começou a namorar para “manter a aparência para a família”. Ele conta como foi sua experiência:

Aí um dia quando eu já tinha tido a Manu [sua filha], eu consegui buscar ajuda para poder me entender. Eu via que assim, eu estava vivendo uma farsa, porque eu ia para a igreja, mas não era aquilo. Como eu nunca tinha tido experiência de relacionamento com homem e eu estava indo para a igreja e minha mãe pediu para eu conhecer um rapaz e eu conheci esse rapaz que é o pai da minha filha. E aí alguma coisa não batia. [...] Eu tinha carinho por ele e aí em troca de ter a aparência para a minha família e para todo mundo a gente mantinha relação de namorado [...]. Eu era virgem até então. [...] E aí teve uma vez que ele chegou em mim e disse: “Olha, é o seguinte, eu sou homem, tenho minhas necessidades. Ou a gente parte para uma coisa muito mais séria ou então pra mim não vai dar mais.” Aí eu falei: “Putá merda e agora? Não vai ter jeito.” E aí foi quando eu tive a minha primeira relação sexual, que foi quando veio o nascimento da Manu. Quando eu me vi grávido a minha família falou: “E aí você vai casar?” e ele falava: “Vamos casar” e eu falava: “Putá que pariu”. [...] E eu falava: “Eu não quero que a minha filha cresça sem o pai presente”, digamos assim. Fui e marquei o casamento. Lembro como se fosse hoje, marquei para o dia 01 de Dezembro, mas alguma coisa me falava: “Não faz isso, você não vai ser feliz, você não vai fazer ele feliz, a sua filha não vai ser feliz.” Aí eu cheguei pra ele e falei: “Não vou casar mais. Não quero mais.” [...] Aí eu me separei. Porque eu sabia que eu estava vivendo uma farsa.

Carlos apresenta uma narrativa que se aproxima da de Gustavo. Apesar dele já saber que “gostava de mulheres” se relacionou com alguns homens por conta da pressão familiar:

Eu já me relacionei com homens, porque antes eu era bissexual. Mas nunca gostei. Eu me relacionava com homens, experiência normal, mas eu nunca gostei da situação que ele tinha... [aponta para a região da genitália]. Para mim era nojento. Mas tive que ficar porque minha mãe não queria uma filha como um filho, uma filha sapatão, porque antes eu me entendia como lésbica, porque eu não sabia que era trans. Ela não queria. Eu queria usar as roupas que os caras usa, aí eu comecei a mudar bem depois, porque os parentes ficavam em cima antes e eu não podia. Mas com 15 anos quando eu vivia aquela situação toda eu beijei uma mulher e tinha gostado, isso lá na Febem, envolvido lá no movimento. A gente ia no banheiro e lá mesmo a gente ficava, só beijo mesmo, porque naquela época eu não sabia mais o que fazer e beijava. Depois eu fugi de lá, deixei ela lá infelizmente e fui seguir minha vida.

Carlos passou por diferentes relacionamentos com homens com os quais teve diferentes experiências, a primeira delas foi a interrupção de uma gestação, pois ele não encontrou apoio necessário do então namorado:

Eu conheci um menino quando eu tinha 17 anos, ele tinha 19. E isso tudo era eu tentando com homem por causa de parente. Eu namorei com ele dois anos e meio e tive um filho com ele. Mas ele não quis. Eu fui lá e falei pra ele que estava grávida e ele não quis. Falou que não estava preparado para ser pai, para cuidar de uma criança, cuidar de uma família, que ele tinha que pensar no futuro dele. Até hoje isso é crime né? [Nesse momento diminui o tom da voz]. E eu pensei: “Se você não quer, eu também não quero, porque eu não vou ficar.” Porque a cabeça eu não tinha, entendeu? Não tinha como eu ficar. Fui e procurei uma amiga lá onde eu morava que ela faz essas coisas. Eu queria tirar. Ela enfiou uma sonda. Aí você fica com a sonda durante 24 horas. Depois de 8 horas já começa a fazer efeito. Eu comecei a sentir dores, contrações. Ela falou que só puxa em casos críticos mesmo. E depois “pá”! A dor amentou e eu puxei e joguei fora no lixo, pra não constar no hospital, mas se você tomar o remédio consta. Aí eu fui parar no hospital que ela me levou. Eu me arrependo até hoje, porque era para ele está com 20 anos já. Eu me arrependo do que eu fiz, porque na época eu não queria nem saber, fui lá e fiz.

Depois disso Carlos terminou o namoro. E continua sua narrativa até chegar o momento em que ficou grávido do seu primeiro filho, o Nino:

Então nesse período todo, foi passando a idade. Eu toquei, com 22 anos, em um grupo de samba lá em São Paulo. Me envolvi com o pai do meu filho, o primeiro. Aí eu conheci um grupo de samba, porque eu já tocava nessa época. Aí eu fui e conheci o pai do Nino. Me envolvi com ele e depois de um tempo descobri que estava grávido de novo. Aí eu fui lá e falei pra ele, esse aceitou, mas eu não gostava dele, só foi um momento.

Carlos conta ainda como engravidou novamente:

Quando eu fui embora eu conheci o pai da Carol [sua segunda filha]. Primeiro eu cheguei lá no Litoral e fiquei morando em uma casa de aluguel, trabalhei em um restaurante. Nessa época eu usava roupa curta mesmo. Foi quando conheci o pai da Carol, ele era mais velho e eu tinha 22 anos, ele tinha 48. [...] O pai da Carol já era diferente, a gente tinha um companheirismo, uma amizade. A gente viveu 13 anos de convivência, 3 anos de casado e o resto de amizade. Depois desses 3 anos ele percebeu que eu gostava de mulher. E ele veio falar pra mim: “você gosta de menina, pode seguir seu caminho se você quiser.” Ele me deu oportunidade de seguir a minha vida e continuar convivendo lá. Eu não gostava do sexo com homem, eu nunca gostei, só queria conviver. Eu achava nojento, me sujava e eu não gosto dessa situação comigo. Mas eu convivi né? Eu agradeço a Deus por ter me dado esses dois filhos. Eu comecei a me vestir masculino já com ele, comecei a me livrar

das roupas femininas. Aí eu fui me assumindo, fui tentando namoradas, várias, porque eu não ficava só com uma. Ele ficava com meu filho e minha filha, ele ajudou a criar o Nino. Então, foi uma convivência boa. Ele virou pra mim e falou assim: “Em vez de você ficar com várias, você arruma uma só que eu te ajudo a seguir sua vida.” Foi quando eu comecei a falar com a Tânia [sua esposa] pela internet.

Vitor também conta que mesmo se sentindo “diferente” namorou com o Eduardo com quem teve sua filha:

Quando eu engravidei eu ainda era uma pessoa hetero e cis. Eu demorei muito para ter coragem para tomar algumas posturas, mesmo eu me sentindo diferente e tinha aquela coisa toda da família. Eu comecei a namorar o Eduardo quando eu tinha uns 14 ou 15 anos, mais ou menos. Ele é mais velho, ele já era maior de idade. Mas era um namorinho de portão, não era assim aquela coisa, não era nem um pouco adultizado. [...] Então foi isso que de certa forma favoreceu nosso relacionamento, apesar de que eu ainda não tinha esses conflito [da transgeneridade] à tona. [...] Eu engravidei quando eu tinha uns 18 ou 19 anos. É um susto, é um baque, eu não estava esperando, apesar de que a gente sabe muito bem como se faz um bebê, mas não era o que eu pretendia para a minha vida naquele momento. Depois que passou o choque, eu curtir bastante a ideia. [...] Mas eu nunca tive nenhuma rejeição, tipo: “não quero, vou tirar”. [...] A nossa separação foi por outros motivos que não tem relação nem com a questão afetiva, nem com a questão de identidade de gênero, foram outras circunstâncias que levaram a isso. Depois que a gente se separou, que eu passei por esse processo de reorganizar minha vida e aí na sequência que eu comecei a me relacionar com mulheres.

Fica evidente nas narrativas acima que para os que engravidaram antes de se autoidentificarem como homem o que justifica o relacionamento que culminou na gestação é a “pressão da família”. Para se manter uma “aparência” ou mesmo por não saber dar sentido ao sentimento de “diferença” (descrito anteriormente). Para os que engravidaram antes da “transição” mas se identificavam como lésbica há uma tensão entre o ser lésbica e a gravidez. Essa tensão fica evidente na relação sexual com homens, o que por um momento poderia colocar à prova sua identidade lésbica. Para aqueles que escolheram engravidar como é o caso de Marcelo as pessoas o questionavam:

Eu sempre tive o desejo de ter filho. [...] Aí eu disse que já estava na hora, porque depois a gente fica velho e o risco de gerar uma criança é maior. [...] E cheguei e falei [para ex-esposa] poxa vamos ter um filho, só que ela não queria engravidar e eu não via problema nenhum em ter um filho. E aí o pai do Joaquim [filho] era muito amigo nosso e eu falei: “poxa, a gente está decidindo aqui que gostaria de ter um filho e eu acho que você

é o pai ideal para meu filho. [...] Pronto. Transamos de boa. Engravidei do Joaquim. Só que ela ficou muito enciumada com o menino e acabamos nos separando. Quando a gente se separou Joaquim tinha 7 ou 8 meses. Pronto aí eu fiquei criando o Joaquim sozinho. [...] E na época que engravidei eu recebi muitas críticas porque as pessoas que diziam ser minha amiga falavam que nunca tinha visto um sapatão ter filho, que isso não existia. Eu dizia que não tem problema nenhum a gente gerar um filho se a gente pode. Se eu tivesse dinheiro a gente faria inseminação, como eu não tenho e nem ela tinha a gente foi fazer pelo meio natural e isso aí eu não vejo problema nenhum. E a minha ex dizia que não queria [engravidar]. Mas eu quero. Eu perguntei a ela se ela ia achar uma traição da minha parte ou falta de amor. Ela disse que não. Porque a gente só tinha duas situações para eu gerar um filho: inseminação ou natural.

O fato de ser lésbica na época em que gestou também foi uma questão para Breno. Ele conta que sua preocupação era como ele iria contar para sua mãe que “mesmo gostando de mulheres” ele ficou grávido, e ainda do primo:

Dez anos atrás eu não tinha essas certezas que tenho hoje. Eu fiquei na psicose de como é que eu gostando de menina acabei engravidando. Minha preocupação era mesmo contar para minha mãe. Teve até uma tia que falou assim: “eu achei que você nem gostasse disso. Porque se engravidou é porque gosta.” [...] Porque assim, quando eu falei com minha mãe, estou esperando um bebê, eu não queria falar de quem era, porque ele é meu primo. Foi um acidente, uma coisa que aconteceu. [...] Aí mainha ainda falou assim comigo: “em hipótese alguma você vai tirar essa criança.” Eu disse: “em qual momento foi que eu te disse que ia fazer isso?”. [...] Aí eu falei para mainha, aí quando ela foi conversar com minha tia, todo mundo: “Não, não é dele”. Como se eu andasse na esquina fazendo e acontecendo na esquina com um e com outro. [...] A minha sorte é que a menina nasceu a cara do outro pai. E eu acho que o pai sempre sabe que é. Eu não tinha dúvida porque sabia que não tinha tido relação com nenhuma outra pessoa.

A experiência de Leo é distinta, pois ele foi vítima de um estupro corretivo que acabou ocasionando na gestação. O estupro corretivo é o abuso sexual contra mulheres lésbicas e homens trans. Soares (2016), em sua pesquisa com lésbicas, observa que o estupro corretivo é uma prática comum contra as lésbicas masculinizadas. Esse tipo de violência pode ser caracterizado como:

É a prática hedionda de estuprar lésbicas para curar a sua sexualidade. O agressor pune a mulher por descumprir a obrigatoriedade da heterossexualidade, sentindo-se afrontado no lugar de referente. O domínio masculino e heterossexual arbitra o poder de violentar mulheres que se ausentam da norma, para obriga-las à correção de conduta e impor-lhes que gostem do sexo oposto. (SOARES, 2016, p. 145):

Os homens trans também podem ser vítimas dessa violência, uma vez que ao construírem suas masculinidades em um corpo que é visto socialmente como feminino, estão sujeitos a serem estuprados para que “concertem” sua identidade de gênero e voltem a ser “mulheres de verdade”. Leo conta em detalhes o que aconteceu com ele:

Quando eu tinha 19 anos eu estava cursando o 2º ano do ensino médio, no interior, numa escola pública. Todo sábado a escola abria a quadra, então eu ia com meus amigos para jogar bola. Nesse dia meus amigos não foram, mas eu queria jogar bola e eu fui. Eu sempre usei o banheiro dos meninos, tranquilamente sabe? Nunca tive problema com isso, nunca me questionaram isso. Nesse dia eu estava jogando bola e fui no banheiro e os caras que estavam jogando bola foram juntos, sabiam que eu era lésbica. Quando eu entrei no banheiro os quatro me estupraram, me bateram muito, me humilharam bastante, enfiaram minha cabeça no vaso sanitário. Bom, vou falar abertamente com você. Eu levei pinto em todo lugar que eu tinha buraco no corpo. Foi muito violento, foram momentos horríveis. Eu não sei quanto tempo durou, porque eu não consigo mensurar isso, mas foram momentos terríveis. Me lembra muito aquele filme “Meninas não choram<sup>35</sup>”, porque no final de tudo os caras me ameaçaram, de me matar se eu contasse pra alguém. Eu lembro de ter ficado e eles bateram em minhas costas e falaram assim: “Isso fica entre nós. Não leva mal”. Mas eu estava bem machucado, estava com boca cortada, o olho roxo, meu braço estava com luxação porque um deles pisou no meu braço e eu fiquei ali um tempo, pensando no que eu ia falar em casa, porque se eu chegasse em casa e contasse, eles iam me matar, na minha cabeça era isso. [...] Eu nunca contei isso pra ninguém até meus 30 anos, eu acho. Aí passou acho que dois meses mais ou menos isso e não vinha minha menstruação. Eu fiquei apavorado, bem apavorado. Ai eu fui no médico e descobri que estava grávido.

Leo opta em não interromper essa gestação:

E por uma decisão minha, pessoal, nada de religião, nada disso, mas pessoal mesmo eu decidi não fazer aborto, porque na minha cabeça a criança não tinha culpa de nada do que tinha acontecido. Eu resolvi levar essa gravidez adiante, minha mãe achou que eu tinha mudado, minha mãe achou que eu tinha virado mulher! Ela me ajudou muito nessa questão da gestação.

Os motivos pelos quais ele toma essa decisão não ficaram claros, preferi não explorar essa questão por se tratar de um assunto delicado para o Leo. Admirei a sua confiança em me relatar a violência sofrida. No final da entrevista agradei por isso, ele respondeu dizendo que ao contar para as pessoas sobre

---

<sup>35</sup> Esse filme conta a história de um homem trans que ao se relacionar com uma garota e é vítima de um estupro corretivo.

o que aconteceu tem o ajudado a lidar melhor com essa situação. Fica evidente na narrativa de Leo que não só o estupro tinha a função de “corrigir” a sua sexualidade, mas a sua gestação foi interpretada por sua mãe como algo que também iria “corrigir” a sua masculinidade. Mas não foi isso que aconteceu. O que se sucede é uma experiência marcada pela tensão entre a “masculinidade latente” nesse momento da vida e a gestação:

Não foi uma gestação tranquila porque na minha cabeça, homem não engravidava e na minha cabeça eu era um homem, as mudanças corporais elas me afetavam muito. Quando eu ia comprar roupas, as roupas de gestante era só vestido, vestido. Eu falei não, não vou. Aí fui numa costureira e mandei fazer uns macacões assim, bem masculinos. Eu lembro que eu estava tomando banho e de repente começou a sair leite do meu peito e eu comecei a gritar: “mãe socorro! Está acontecendo alguma coisa errada!”. E aí minha mãe falou: “para de ser besta, isso é leite”. Quando eu estava fazendo o pré-natal, eu fiz o pré-natal certinho, eu lembro de ter conversado com o médico e falado pra ele que jamais, em momento algum eu faria parto normal, que eu pagaria a cesária.

Em diálogo com a narrativa de Leo, percebi que a gravidez transmasculina borra as fronteiras entre a feminilidade (aqui posta pela gravidez) e a masculinidade (aqui representada pelo “sentir-se homem”). Para Breno, por exemplo, continuar utilizando roupas largas, performando uma masculinidade durante a gravidez se tornava cada vez mais difícil:

Eu sempre gostei de usar roupas largas. Aí quando eu engravidei e continuei usando minhas blusas largas e o povo ficava falando que eu estava querendo esconder a gravidez.

Para Gustavo a pior parte da gestação foi a amamentação por conta da “disforia com o peito”:

Graças a Deus a gestação foi bem tranquila. Quando a Manu nasceu ela foi uma recém nascida bastante tranquila, não tinha cólica, dormia a noite inteira, acordava de três em três horas para mamar como é o normal. Mas para mim foi bem difícil na parte da amamentação. Porque eu sempre tive uma disforia muito grande, nem sei porque tem gente que não gosta de usar esse termo. Então, disforia, desconforto em relação ao meu peito. Então, eu amamentava ela chorando e ela não tinha uma pega muito boa, acabou machucando um do bicos e aí sangrava, foi bem horrível. Eu falo que essa parte de gestação, barriga, ficar em consulta, ficar fazendo aquele maldito exame de toque, foi péssimo.

Carlos também conta que não gostava de amamentar:

Eu dava logo era mamadeira. Não tive dificuldade em amamentar, mas quando eles estavam mamando eu ficava

rezando para terminar logo porque eu nunca gostei dos meus peitos.

Leo não conseguiu amamentar a sua filha por conta do seu incomodo com os seios:

E ai veio as coisas engraçadas de ser pai e mãe. Eu lembro que eu estava lá no quarto da maternidade e uma mulher trouxe a Priscila, na época ainda se embrulhava a criança como um charutinho, e colocou assim na cama, eu fiquei olhando assim. Aí ela começou a chorar, chorar, chorar, e eu falei: “cara o que é que eu faço meu deus do céu, que eu faço.” Ai a enfermeira veio e falou assim: “nossa, porque que essa criança chora tanto?” E eu falei: “não sei, começou a chorar, eu não sei.” Ai ela falou assim: “você já amamentou?” Eu falei: “ninguém trouxe a mamadeira.” Aí a mulher falou assim: “Não!” E pôs a mão no meu peito: “É aqui que ela vai mamar”. Eu dei um tapa na mão da mulher e falei: “aqui ninguém toca, nem ela. Aqui ninguém vai tocar!” Ai eu conversei com minha mãe e falei que não queria. Minha mãe brigou comigo, ai minha namorada na época, escondido, comprou uma bombinha de tirar leite. Então a Bruna tomou leite materno sim, até um ano e meio de idade, mas sempre de bombinha na mamadeira. No meu corpo, principalmente na área dos seios ela não tocaria, como ninguém nunca tocou, a não ser aqueles caras que me fizeram todo aquele mal.

Com base nas narrativas apresentadas até agora fica evidente que mesmo não se identificando como homens no momento da gestação, essa experiência faz parte do processo de transição. O significado que esses homens dão ao gestar, parir e amamentar seus bebês é incorporada a própria narrativa de constituição subjetiva da masculinidade. Para Júlio também não foi muito diferente mesmo já se autoidentificando como homem trans no momento da gestação. Ele conta que engravidou do seu amigo “por acidente”:

Quando eu engravidei eu já me reconhecia como homem e na época fazia dois meses e meio usando o androgel [...]. E eu parei, parei para começar da forma correta, porque eu fazia por conta própria e nisso eu acabei engravidando. [...] Não foi algo planejado. Era um sonho que eu queria realizar futuramente, um pouco mais pra frente, depois que eu terminasse a faculdade. Mas eu acabei transando com meu melhor amigo, que hoje não é mais. Ele é um pai péssimo. Mas eu nunca tinha transado com um homem cis, eu era virgem, digamos assim. Foi um momento que a gente bebeu e transamos sem camisinha. Uma falha humana, aí aconteceu. Ele foi meu namorado quando eu era fulana, aí eu terminei porque estava descobrindo que gostava de mulheres, aí eu me transformei no Júlio e a gente ficou, a gente transou eu sendo Júlio.

A gestação para Júlio foi um momento bem difícil porque ele não contou com o apoio das pessoas e por isso tentou interromper, sem sucesso, a

gestação. Ele conta ainda que durante a gestação sofreu com a possibilidade do Davi nascer com má formação óssea, o que ele atribuía como possível consequência das tentativas de aborto o que lhe causou um sentimento de culpa e aflição:

Saber da gestação foi um dos piores momentos da minha vida, porque eu estava afastado pelo INSS por conta dos meus problemas de visão e eu não estava recebendo fazia quase um ano. E eu perdi totalmente o controle da minha vida, eu perdi totalmente o foco das coisas que eu tinha. Eu estava fazendo faculdade, eu parei, eu não consegui continuar. Eu não sei explicar, eu só sei que eu fiquei perdido totalmente. Eu tentei abortar três vezes. Hoje é uma coisa que eu me arrependo muito de ter tentado fazer. Eu tinha tomado a pílula do dia seguinte no mesmo dia do jeito certinho, mas não deu certo. Eu tentei abortar três vezes e não deu. [...] Eu passei uma gestação muito turbulenta, porque todas as ultrassons desde a primeira até a última aparece má formação dos ossos do Davi, ele ia vim deformado tanto dos braços como das pernas e isso me afligiu muito, porque eu pensava que era consequência das tentativas de aborto. [...] O que me pegava também era o fato do pai de Davi não ter me ajudado em nada. Ele me sujou muito, porque ele soube das tentativas de aborto. Ele me ameaçou, falou para a minha família, falou para a rua inteira.

Enfim, chegada a hora do parto. Júlio narra que teve o seu nome social respeitado pela equipe médica que o acompanhou e que teve ajuda de sua mãe com os cuidados com o bebê:

Aí eu fui para o hospital lá na Avenida Paulista. É um hospital muito bom, fui atendido pelo Dr. Lucas [nome fictício] e ele sempre respeitou a minha identidade de gênero, desde o início que eu fui eu pedi para ele me chamar como Júlio. Ele que fez meu parto, ele me chamava como Júlio e todos os médicos que estavam lá me chamavam como Júlio que eram os anestesistas, os enfermeiros, o ginecologista. Eu fiquei muito nervoso porque eu tenho fobia de agulhas e aquela agulha entrando na minha espinha. [...] O meu parto cesariano foi tranquilo, eu passei um pouco de mal porque eu fiquei muito nervoso [...] Fiquei três dias no hospital, sai na segunda-feira, ganhei na sexta-feira, tranquilo. A recuperação é ótima quando você está anestesiado, depois que passa a anestesia, você até pra rir você sofre, pra fazer xixi, pra andar, pra fazer um monte de coisas. Mas eu tive o auxílio de minha mãe, minha mãe me ajudou muito, não tenho nada a reclamar em relação a isso.

Quando Júlio contou para as pessoas, principalmente de sua família, que estava grávido foi um momento difícil e confuso:

Eu descobri a minha gestação com dois meses de gravidez. E foi em um momento que eu tinha que contar para a minha família. Primeiramente eu tinha contado para duas primas

minhas e elas não estavam acreditando. Foi uma coisa assim que deu um impacto. Eu era aquela pessoa que ninguém imaginaria que iria ter um filho por eu ser quem eu sou. Então, foi um impacto muito grande na minha família quando eu contei. Aí ninguém entendeu mais nada. Meu pai achou que eu ia casar com o cara, achando que eu ia voltar a ser a fulana. Mas se enganou e ficou decepcionado e ficou dois meses sem falar comigo de novo. Minha mãe ela ficou um mês sem falar comigo. [...] E por incrível que parece a minha avó aceitou melhor que todo mundo da minha família. [...] Quando ela [a mãe] estava começando a aceitar [a sexualidade lésbica] eu engravidei e isso acabou bagunçando a cabeça dela. Não só a dela como a de todos. [...] Tudo virou uma bagunça para todo mundo quando eu engravidei. Eles respeitavam, mas não queriam que eu usasse hormônios estando na casa da minha avó, no caso eu teria que seguir a minha vida e isso demorou um pouquinho.

Diante das narrativas fica evidente que a vivência da gestação e do parto está contextualizada e construída com base na relação com as outras pessoas. É relevante para os homens trans o que suas mães pensaram no momento em que contaram sobre a nova gravidez e também a leitura social que as pessoas fizeram desse momento, principalmente através das roupas que escolheram usar durante a gestação. A experiência desses homens trans se aproximam das experiências de jovens negras de Salvador analisadas por McCallum e Reis (2006) e das mulheres de Riachão no Sul da Bahia acompanhadas por Rezende (2015), pois essas experiências aparecem, também, relacionadas com contextos mais amplos que envolvem a família, os profissionais de saúde, o Estado. Nesse sentido amplo, gestação e parto é compreendido como um processo relacional (MCCALLUM; REIS, 2006). Contudo, diferente dessas mulheres, os homens trans dão sentido a reprodução como uma experiência que constitui suas masculinidades. Eles narram esse momento a partir de elementos que remetem a construção do que é ser homem para eles. A masculinidade está o tempo todo em cena: na hora da dificuldade em amamentar; no conflito com a gestação porque “na minha cabeça eu era homem e homem não engravida”; no momento em que se submetem a relacionamentos com outros homens para “esconder” da família que “gostam” de mulheres; no momento em que são vítimas do estupro para “corrigir” suas condutas sexuais e de gênero. Ao se autoidentificarem como homens a reprodução não é negada, mas incorporada a própria trajetória de “transição de gênero”, pois nesse contexto ela está, estrategicamente, associada com a testosterona, com o binder, com o packer, com a mastectomia, com o sentimento de diferença na infância, com a sexualidade. Assim, a gravidez se

torna um símbolo que compõe de forma individual e coletiva o que é ser um homem trans. Até mesmo aqueles que não gestaram buscam dar sentido a potência que há em seus corpos de engravidar através da metáfora do cavalo-marinho, como veremos a seguir.

### 3.2 Cavalos-marinhos

Durante as entrevistas lancei a seguinte pergunta: “como é para você ser um homem e ter engravidado?” As respostas eram quase sempre as mesmas: “Não mudou nada!”. Júlio deixa isso muito claro em sua fala:

Não mudou nada, eu ter engravidado não me fez mais homem ou menos homem, continuo a mesma coisa. Eu ainda queria ser o Júlio, eu ainda pensava em usar hormônio, tirar os seios. Mas diante da sociedade, o povo não entendia muito bem. Era engraçado, no início era mais de boa porque eu sempre fui gordinho, então a barriga foi aparecer de fato mesmo quando eu tinha sete meses, aí quando eu entrava no ônibus, por exemplo, eu não pedia lugar nem nada, eu continuava em pé, eu não via necessidade, aí quando eu pegava o ônibus as pessoas olhavam pra mim com aquela dúvida: “ela está grávida, ela está com buxo de cerveja? É gorda? Tem algum problema?” [...] Então em relação a isso foi bem tranquilo, não me deixou mais masculino, nem menos masculino.

Breno me explica como algumas pessoas questionam sua masculinidade pelo fato dele ter uma filha. Em sua fala ele destaca a temporalidade e a mudança que faz parte do processo de transição:

E ainda tem gente que fala: “mas você tem uma filha”. E daí? As coisas mudam, eu não nasci desse tamanho, não nasci com esse peso que tenho hoje. As coisas mudam com o passar do tempo, você vai se encaixando, se descobrindo, buscando um lugar pra você.

Carlos fantasia com a possibilidade de gestar novamente, mas agora tendo uma imagem mais masculina:

Anne: Como é para você ser um homem e ter engravidado?

Carlos: Pra mim isso não afeta em nada. Não pesou na minha transição. Se a Tânia quisesse um filho, eu até teria pra ela, mas ela disse que não quer. [...] Eu ficaria grávido de boa. Mesmo com a aparência mais masculina.

Leo responde de forma semelhante trazendo a imagem do cavalo-marinho como possível símbolo dos homens trans:

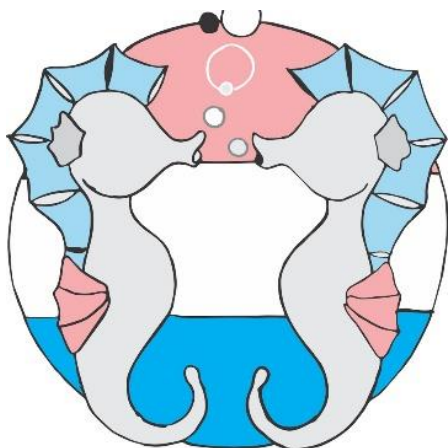
Na época em que eu fiquei grávido, eu não me identificava como homem trans, então assim não foi uma coisa que afetou, abalou, nada. Hoje menos ainda. Eu sempre lutei pelos direitos reprodutivos e sexuais dos homens trans [...]. Na minha masculinidade isso não muda em nada e até acho que posso usar a frase seguinte: “somos os homens do futuro, os homens trans são os homens que não são machistas, que vivem sua sexualidade tranquilamente e que podem engravidar, somos os homens do futuro”. [...] Quando eu falo sobre isso eu falo que nós somos os homens cavalos-marinhos, eu gosto desse termo, eu acho que o símbolo dos homens trans é ser o cavalo-marinho. Nós temos o direito de termos nossa sexualidade, de se quisermos ter filhos, do modo tradicional ou não, por fertilização. O direito sexual e reprodutivo que eu defendo é esse: a liberdade do meu corpo, o corpo é meu, minha regra, eu faço com ele o que eu quiser.

A lógica que faz referência ao cavalo-marinho está na associação entre gravidez e masculinidade. Assim explicam Thomaz e Diogo em uma entrevista ao site NLucon (2016):

Cavalo-marinho é uma espécie em que o macho engravida e ele não deixa de ser macho por isso. Assim como nós, homens trans, não deixamos de ser homens pela possibilidade de engravidar.

Thomaz e Diogo são homens trans, que moram no litoral de São Paulo e são os idealizadores de um canal do *Youtube* intitulado “Cavalos-marinhos” (a figura 14 mostra a logomarca do canal). Os vídeos postados por eles são para discutir assuntos que perpassam a vida cotidiana dos homens trans. É a partir disso, que os homens trans com os quais eu tenho dialogado dão sentido a potência que há em seus corpos de gestar e parir com suas masculinidades.

**Figura 14 - Cavalos-marinhos**



Fonte: <<https://www.youtube.com/channel/UCvzq0gMa96qxMpkxWXYVVRA>>  
Acesso em: 20 nov. 2016

A metáfora do cavalo-marinho utilizada pelos homens trans é uma crítica aos paradigmas culturais vigentes em que gestar e parir está relacionado com o ser mulher e mãe através do retorno a natureza. De maneira similar, mas em um contexto distinto do universo aqui pesquisado, Alzuguir e Nucci (2015) analisam um blog utilizado por mães que se reconhecem como “mamíferas”. Nas discussões *on-line* as autoras observam que há um ideário de humanização do parto e da amamentação pautado no retorno à biologia. Essas mães questionam, entre outras coisas, as noções machistas que reduzem a vagina e os seios aos prazeres sexuais masculinos. Assim, segundo as autoras:

A “quebra do paradigma cultural” (aquele que corromperia o curso natural do corpo feminino) é reivindicada através da defesa de um retorno à biologia dos seios e da vagina, às funções para as quais foram originalmente feitas, quais sejam, amamentar e parir, respectivamente. (ALZUGUIR; NUCCI, 2015, p. 231)

O que quero destacar com essa comparação com a “rede das mães mamíferas” é que em outros contextos culturais também há esse retorno a biologia para dar sentido e significado as experiências sociais da reprodução. Os homens trans ao buscarem na natureza a imagem do cavalo-marinho estão reafirmando que é possível associar masculinidade e gestação, para eles é tão legítimo um homem engravidar que até no mundo animal isso é possível. É interessante perceber como a potência que há nos corpos transmasculinos de

gestar não é vista como algo que negue a masculinidade dos homens trans, mas eles (re)significam isso a partir das suas vivências e experiências. Assim, a gestação não deve ser compreendida como um fenômeno biológico restrito a feminilidade ou que possui uma associação direta com a maternidade. Engravidar também faz parte do que é ser esse tipo de homem.

É notório que esses homens trans “bagunçam” com as categorias binárias de gênero ao, por exemplo, trazer para o rol das masculinidades a gestação, a amamentação e o parir. Essa “bagunça” é feita dentro do contexto social que esses homens trans vivem, o que justifica, em certa medida, as violências relatadas por eles como sendo o resultado desse movimento de “bagunçar” as categorias sociais já pré-estabelecidas. Isso inclui, também, a relacionalidade, pois aqui há um processo de reinvenção de novas categorias.

### **3.3 Violência familiar**

Quando me encontrei com Carlos para realizarmos a entrevista ele estava com o semblante preocupado e um pouco triste, perguntei a ele se havia acontecido algo. Ele começou contando da preocupação com sua moradia, relatando que metade da casa que mora atualmente com sua mulher e filhos, foi paga pela irmã dele, mas que recentemente começou a existir atritos por parte de sua irmã, que começou “procurando problemas”. Perguntei que tipo de problema era, mas ele não respondeu em detalhes e só me contou que não fala direito com essa irmã desde que começou com a transição, pois ela não respeita “fica chamando de ela, fulana”. Carlos disse ainda que estava com planos de reformar a casa, principalmente de colocar piso e pintar as paredes e que ele mesmo faria isso, só gastaria dinheiro com o material, mas que agora com esse problema com a irmã nem sabe se seria recompensador fazer esse investimento. Carlos muito indignado conclui: “eu não sei porque minha irmã fica jogando na minha cara isso. Tem que ajudar, fazer o bem, sem olhar a quem. Depois a gente corta relação e fica dizendo que não pode porque é parente. Mas parente de verdade mesmo não faz isso.” Durante a entrevista Carlos retoma esse ponto do conflito com a irmã e contextualiza melhor o que aconteceu:

Quando eu cheguei lá e ele [pai] me olhou, me viu masculino, olhou pra ela [irmã] e disse: “Se eu soubesse que você estava assim eu não tinha mandado você vim pra minha casa.” Fiquei lá na casa dele de um dia para o outro. Essa minha irmã que está jogando na minha cara a casa, falou que tinha uma casa alugando e ficamos lá um tempo. Aí ficamos dois anos nessa casa morando de aluguel. Aí minha irmã chegou lá dizendo que tinha uma casa vendendo barato. Era três mil: “eu dou mil e vocês pagam o restante.” A gente aceitou. Quem pagou o restante foi a Tânia que quem conseguiu emprego até hoje é ela. Aí a gente foi arrumando lá. Aí nessa casa a gente tem dois anos.

Continuamos a conversa e perguntei se tem mais algum parente que ele não tem uma boa relação:

Não... É mais a minha irmã mesmo que fica falando fulana, ela. Eu nem falo com ela. Ela fala: “Mas ela não se aproxima de mim, parece que você é mais minha irmã do que ela”. Isso ela fala com a Tânia. Eu só fico olhando pra ela, não falo nada. Eu já cansei de explicar pra ela que estou no tratamento hormonal, já estou no processo de mudar meu nome. Sexta agora eu já vou no cartório pra mudar meu nome, vou levar os documentos que falta e ela vai ficar nessa?

A questão do conflito com a família (principalmente com a de origem) é recorrente quando se trata de pessoas LGBT's, sobretudo a partir da revelação pública da identidade sexual ao “sair do armário”, fato que caracteriza a particularidade da homofobia familiar (SCHULMAN, 2010) - como já apontado no capítulo 01. Alguns dos homens trans que assumiam uma identidade lésbica antes da transição de gênero narraram para mim o momento de saída do armário da sexualidade para algum membro familiar. Essa experiência é marcada por violência e constrangimento. A família de Marcelo, por exemplo, não aceita até hoje sua sexualidade e muito menos a sua identidade de gênero. Foi sempre muito difícil para ele conversar com a mãe sobre esse assunto. Durante uma de nossas conversas ele me contou na adolescência ele assumiu uma identidade lésbica para a mãe e a primeira reação dela foi agredi-lo fisicamente. “De lá pra cá eu vim travando essa luta toda com ela e com minha família e depois que eles viraram evangélicos tudo piorou”, conta Marcelo com ar cabisbaixo. De todas as histórias que ouvi a de Leo foi a que me chamou mais a atenção, quando sua mãe descobriu que ele estava namorando uma menina ele foi excluído do convívio com seus irmãos mais novos, Leo foi literalmente exilado do parentesco (para usar uma expressão da Kath Weston):

Na minha adolescência minha mãe descobriu o relacionamento que eu estava tendo com uma menina. Foi bem ruim porque ela me expulsou de casa, ela não aceitava de jeito nenhum, e meus irmãos com medo de mamãe, evitavam falar comigo. Uma vez minha mãe pegou eu com uma menina dentro do meu quarto fazendo sexo e era a minha primeira namorada inclusive. Eu apanhei muito. Ela fez uma coisa do tipo... a minha irmã mais nova era pequenininha e ela falou que não queria eu perto da minha irmãzinha. Ela separou minhas coisas, garfo, colher, faca, prato, toalha, copo. Ela pegou um esmalte e colocou a letra L, que eu só poderia usar aquilo. E isso, como eu vou dizer, afetou a nossa família dentro de casa porque meu pai achava um absurdo o que ela estava fazendo e acabou que quase eles terminaram o casamento por causa disso. Ela falava que a culpa era dele, porque ele sempre disse que eu era o filho homem e “olha o que nasceu”, essa era a frase da minha mãe. Eles quase se separaram.

Além da sexualidade muitos homens trans precisam também “revelar” diante da família a sua identidade de gênero. A revelação pública da transgeneridade, principalmente para alguém família, também envolve conflitos e tenções. Alguns como Júlio não contam diretamente e simplesmente vão mudando:

Me assumi diante da família foi muito bizarro. Eu nunca cheguei para a minha família e falei: “Eu sou transgênero”. Não, eu nunca fiz isso. Eu simplesmente fui mudando. Mudei rede social, mudei meu visual, eu pedia para me chamar de Júlio. [...] para os meus pais eu nunca cheguei a esse ponto de falar essas coisas. Eu só falei que eu era lésbica quando eu me assumi e foi muito difícil, bem difícil. Meu pai que é tudo para mim, literalmente tudo, ele se afastou, ficamos mais ou menos três meses sem se falar. Com a minha mãe eu não fazia muita questão, porque ela nunca foi muito presente na minha vida. Valia mais a opinião do meu pai do que da minha mãe. Hoje ele é mais de boa. Antes ele falava que eu era doente, que eu precisava me tratar, que eu sofri algum abuso [...]. Hoje ele ainda acha que eu sou doente, mas ele não fala mais, ele falava antes. Hoje ele meio que se conformou. Ele fala pra mim que não tem mais o que falar, porque eu já sou adulto e se é o que me faz bem é o que importa para ele.

Leo também narra como foi difícil lidar com o pai quando soube que ele era um homem trans:

Acho que em 2009 ou 2010 quando eu fiz a cirurgia de histerectomia saiu no jornal, um jornal de grande circulação daqui do estado, uma foto minha dizendo que eu era o primeiro homem trans a fazer a cirurgia e colocou meu nome social. Como o meu nome social é o mesmo que do meu pai, meu pai me ligou e me proibiu de usar o nome dele, que era uma vergonha isso para ele. Então teve uma época na minha vida que eu deixei de usar o Almeida que era o sobrenome dele e só

usava Leonardo Silva. E mesmo sendo meu pai, ele colocou uma foto minha no *Facebook* em uma época que pra mim nunca existiu, eu estava muito mulher, eu acho que foi uma foto que eu estava grávido. E ele escreveu assim: “essa é a minha filha, parabéns minha filha, você sempre será a minha filha querida”. Quando eu vi isso no *Facebook* eu liguei pra ele e rompi com meu pai durante dois anos. Eu não liguei, eu não conversei, eu bloqueei do *Facebook*, bloqueei do telefone, bloqueei de tudo. Pra mim, tem que estar do meu lado só quem me respeita. Não é nem quem me aceita, porque aceitar é uma opção, mas respeitar é um dever. Depois disso eu e meu pai conversamos e ficou tudo bem e depois de um tempo ele faleceu.

Os homens trans com os quais conversei parecem viver num jogo constante de assumir sua identidade de gênero. Esse jogo fica cada vez mais complexo quando se adquire cada vez mais a “passabilidade cis”. O que pode garantir, por um lado, que pessoas trans “passem” despercebidas em determinados espaços, mas isso não as isenta da ameaça constante da violência que podem sofrer caso suas identidades sejam “reveladas”. Segundo Eve Sedgwick (2007) os armários são constantemente construídos para pessoas gays e lésbicas, pois a cada novo encontro, a cada nova pessoa conhecida ou a começar a trabalhar em um lugar diferente, por exemplo, exige que pessoas gays e lésbicas façam sempre cálculos se devem ou não “se assumir” naquele novo espaço, até mesmo aqueles que são assumidos lidam cotidianamente com pessoas que ele não sabe se sabem ou não. Obviamente o armário não é uma característica exclusiva da vida de pessoas lésbicas e gays. Utilizo aqui a metáfora do armário na tentativa de compreender melhor o que meus interlocutores vivenciam em suas famílias ao ter que lidar constantemente com a “revelação” de sua identidade de gênero. O que observei é que ao revelarem suas identidades há uma tensão nas relações, como descreve Breno:

Porque quando eu falei a ela [mãe] em relação a começar a transição ela disse: “é isso, você tem pensar na sua filha, você senta e conversa com ela.” Porque ela fala assim, na verdade isso é conversa de mãe de homem trans: “Eu pari fulana e vai ser fulana pelo resto da vida. Eu que te dei banho quando você era criança e eu sei o que você tem aí. [...] Quando eu falei que era homem trans para a minha mãe, ela nem parou para ouvir direito. Na época ela estava na igreja e olhou pra cima e disse: “Senhor, se fosse para eu ter um varão, um filho mais velho, porque o senhor não me deu?” E eu estava do lado dela e aquilo me machucou bastante. Minha irmã estava na hora e ela também é evangélica. Minha irmã depois falou assim: “tu vai fazer mastec, tu vai crescer barba, tu vai retificar seu nome, mas eu acho que eu nunca vou conseguir te tratar no masculino.” Mas

minha irmã é mais mente aberta. E eu não vou chegar abrir a cabeça da pessoa e falar que ela tem que me tratar assim ou assado. [...] Eu deixei muita gente de mão que não me apoiaram, que me apedrejaram, que começaram a me julgar, inclusive gente de dentro da minha própria família.

Nesse sentido, a transgeneridade se torna a balizadora das relações de parentesco em que o corpo ganha centralidade. Marcelo, por exemplo, conta como sua família reage ao achar que ele já estava com barba:

Os meus parentes do Rio não me respeitavam enquanto lésbica, imagina hoje. Eles vão dizer que eu estou possuído pelo diabo, então eu não quero passar por isso, eu não preciso sofrer mais. Então eu excluí e bloqueei do Face<sup>36</sup>. Para você ver, eu tinha baixado um aplicativo pelo celular para colocar barba na foto, fiquei me divertindo vendo como eu iria ficar. Aí tinha uma foto que estava bem parecida com uma barba verdadeira e postei a foto. Rapaz, minha tia viu e isso deu um babado lá em casa. Minha tia pegou e mandou a foto para o zap<sup>37</sup> de meu irmão que mostrou a minha mãe. Meu irmão me passou um zap: “quer dizer que agora você está de barba?” Eu disse que ainda não, mas daqui a pouco sim. Esse pessoal é idiota, porque eu tinha uma foto do dia anterior sem e no outro dia eu estou com a barba cheia [risos]. Aí minha mãe fica falando que na vida pessoal tudo bem, mas que não é para eu colocar isso no face. E foram inventar de dizer para ela que eu ia fazer a cirurgia, ela veio me perguntar se eu já tinha cortado o peito fora, ficou falando para eu não fazer, porque eu nasci assim. Aí eu vou lá e desligo o telefone. Aí ela veio me perguntar se eu já tinha feito, eu disse que não, porque não tenho 15 mil para dar [...]. E ela disse que se eu quiser andar assim, ser desse jeito, que seja bem longe dela.

Contudo, apesar dos relatos de violência por parte de algum membro da família os homens trans que conversei mantém proximidade com a rede de parentesco.

A aceitação ou rejeição por parte de algum membro da família significa estar disposto, ou não, a mudar as formas e as modalidades de relacionamento junto com as mudanças corporais. Kath Weston (1991) observa, no caso de pessoas gays e lésbicas, como a revelação da identidade sexual diante da família revela a própria relação de parentesco, em que a “aceitação” confirmaria a ideia de solidariedade e amor que compõe o parentesco e a “rejeição” romperia com os laços familiares. Assim, o que se inicia como uma aparente jornada ao

---

<sup>36</sup> Abreviação da palavra *Facebook*.

<sup>37</sup> Abreviação da palavra *Whatsapp*.

autoconhecimento (sou gay ou sou lésbica) acaba revelando na realidade o que o outro é para mim. No caso dos homens trans, ter sua identidade de gênero negada significa também romper com alguns laços familiares. E ter sua identidade “aceita” implica que as pessoas ao seu redor participem do processo de transição, aceitar implica transicionar junto.

### **3.4 “Não transicionamos sozinhos”**

“Você sabe né amigo? Que não transicionamos sozinhos. Nossa família também transiciona junto.” Essa foi uma frase que ouvi durante um dos eventos organizados pelo coletivo Transgredir enquanto dois homens trans conversavam sobre o fato da mãe de um deles ter “aceitado” sua condição de pessoa trans e passou não só a respeitá-lo, mas a corrigir e explicar as outras pessoas como deveriam tratá-lo, contudo não foi fácil para ele e nem para a mãe, precisaram passar por isso juntos até ela compreender o que de fato acontecia. Assumir uma nova forma de ser e estar no mundo a partir da transgeneridade tem impactos significativos nas relações com outras pessoas, principalmente naquelas que são consideradas enquanto parte da família ou como sendo parentes, contudo o “transicionar junto” não quer dizer necessariamente que todos ao redor vão, a partir de um determinado momento, passar a tratá-los de uma forma que não era feita antes. É o que relata Breno ao me explicar o porquê optou em permanecer morando no mesmo bairro que nasceu e viveu desde criança:

[...] Eu não queria deixar ela [filha] afastada disso, assim como eu estou passando por uma transição eu queria que ela passasse junto comigo, ela e minha mãe. Então eu optei em ficar em casa. Para elas verem as primeiras coisinhas que estão começando a mudar, para elas terem noção que eu estou mudando, eu quero logo que a barba nasça para as pessoas verem logo que eu não sou aquela pessoa que eles viram, que as coisas mudam, que eu estou mudando. Está sendo difícil para mim, porque ficam o tempo todo me tratando: “ela para lá, ela para cá.”

As transformações corporais resultantes do movimento de transição não são vivenciadas sozinhas, há uma preocupação de que os outros participem

dessa transição também<sup>38</sup>. Marcelo ao me relatar sobre os primeiros efeitos que a testosterona está fazendo em seu corpo conta como é a participação de seus filhos e da sua companheira nesse processo:

Meus filhos estão mais ansiosos para ver a minha barba do que eu. Essa semana mesmo a Vanessa estava comigo sentada no sofá e ela olhou, olhou, chamou a mãe e disse: ‘Mãe a barba dele está crescendo mesmo!’ Ai Rosana disse: ‘olha Marcelo a Vanessa está encantada com sua barba.’ Eu disse: ‘Sai Vanessa, vai olhar a barba de Gustavo [namorado da Vanessa], você nunca viu uma barba nascer não?’ Aí ela: ‘Poxa esse bagulho funciona mesmo!’. Eles me perguntam sobre a cirurgia [mamoplastia masculinizadora], perguntam se o hospital [ambulatório] daqui já está liberando, que eu preciso juntar dinheiro logo. Frederico [um homem trans] que recentemente fez, eu mostrei a foto a elas. Elas falaram: “poxa ele deve estar muito feliz.” Aí eu: “poxa, imagino como deve ser a sensação de liberdade poder tirar a camisa.” Ela: “não ligue que o seu dia também vai chegar.” Então, eles também torcem por mim. Eu não digo tanto pelo Joaquim, mas Vanessa e Fábio. Vanessa principalmente, ela nota cada mudança. Mas de uma forma geral os três torcem bastante.

Para Vitor a transição nunca é solitária, as mudanças vivenciadas por ele também são mudanças coletivas:

Quando uma pessoa está em transição todas as outras pessoas em volta dela também estão em transição. Cada um no seu tempo, cada um no seu entendimento, cada um no seu ritmo, cada um com seus pontos. Eu tive que lidar com a minha transição e também tive que lidar com a transição de cada um, o que cada um estava absorvendo dessas minhas mudanças e como isso refletia nas suas rotinas, a maneira como me enxergava antes, a maneira como me tratam agora. A minha mãe demorou um tempo para absorver, para processar. Tem um dos meus irmãos que para ele foi automático, foi na hora. Uma transição reflete em outras transições de amigos próximos, eventualmente se você estiver trabalhando, toda a sua vida muda por conta das mudanças que você está fazendo em si. Isso é uma espécie de espelho, então tudo que você faz pra você, as mudanças que você está sofrendo vai acabar refletindo na vida dos outros.

A transgeneridade aqui não aparece como um fenômeno desassociado da relação com os outros, inclusive ela pode ser fundamental para o outro e não só para si mesmo. No relato de Breno mencionado no início deste capítulo a transgeneridade aparece como algo necessário para que ele possa continuar

---

<sup>38</sup> Além das pessoas ligadas a esfera do parentesco, existem outras que participam do processo de transição, como por exemplo, os seguidores virtuais dos canais do *Youtube* onde muitos homens trans expõe suas transformações corporais, assunto explorado no capítulo dois.

exercendo seu papel de cuidador da filha: “se eu parar agora [...] eu não vou ser feliz o suficiente para terminar de criar ela.” A medida que as mudanças físicas vão ficando mais evidente há uma tensão maior nas relações de parentesco, principalmente em situações públicas, como narrada por Gustavo:

Agora hoje isso impacta um pouco da minha vida e na vida dela de uma certa forma. Porque na nossa rotina, no nosso dia-a-dia ela me chama de mãe e isso não me incomoda, mas quando a gente está em ambiente público e ela me chama de mãe as pessoas ficam olhando. Ou então os amiguinhos dela da escola questionam: “Mas você chama seu pai de mãe? Qual o nome do seu pai? Porque você chama seu pai de mãe? Você não tem mãe? Sua mãe morreu?”. Aí ela nessa volúpia do saber uma criança de seis anos, na maturidade que ela tem, [...] ela fala bem sucintamente: “A minha mãe era uma menina e agora ela é um menino. O nome dele é Gustavo e é a minha mãe.” [...] Agora quando a gente está na rua ou então acontece, porque [...] eu não aparento ter a idade que eu tenho e aí quando a gente vai sair as pessoas falam: “É seu irmão, é seu tio, é seu primo?” e ela fica tipo assim sem saber o que falar se é pai, se é mãe. E no começo ela falava: “não, é minha mãe.” e o povo falava: “como assim é sua mãe?” [...] Eu falo: “Manu para evitar esse tipo de pergunta filha, para não ficar chato para você e nem pra mim, fala é meu pai e pronto e acabou.” Hoje em dia ela fala: “é meu pai” e aí no nosso dia-a-dia eu sou mãe.

Não só Gustavo, mas Vitor também relata que viveu situação semelhante com sua filha:

Depois que eu comecei a ter de fato uma aparência mais masculina e as pessoas na rua começavam a falar e a me indicar: “o seu pai, fala com seu pai.” Ela automaticamente foi entendendo que algumas situações ela deveria me tratar como pai. Eu nunca impôs a minha filha que ela me tratasse como homem, que ela tinha que me chamar de pai, isso foi espontâneo e ela absorveu cada uma dessas fases muito bem e foi muito natural tudo isso. A minha transição também foi uma transição muito natural para ela [...]. Tanto que quando a gente está em casa ela me chama de mãe, quando ela me liga, me manda mensagem ela me chama de mãe e quando a gente está na rua ela me chama de pai. É uma coisa tranquila, natural, eu nunca forcei ela a nada, ela percebeu nas diferentes situações como ela precisa agir, para que ela também não me constranja e para que ela também não fique constrangida com qualquer coisa.

Carlos também narra situações parecidas das vivenciadas por Vitor e Gustavo:

Eles [filhos] me chamam as vezes de mãe, as vezes de pai. Eu acho normal, deixo no tempo deles, porque isso é uma evolução. E eles tem medo de agressão, de eu ser agredido por conta da violência. Uma vez no ônibus um dos meus filhos me chamou de

mãe e as pessoas do ônibus me olharam estranho, de cara feia, ai eles perceberam que me chamar de pai também era por proteção.

Os processos corporais não são desassociados das relações com as outras pessoas. Isto não é exclusivo das experiências e vivências trans, mas é pertinente pontuar para não pensarmos na transgeneridade como um processo somente individual e egocêntrico (HERAULT, 2016). Transicionar junto significa dar um outro sentido ao corpo o que pode afetar outras pessoas tencionando as relações de parentesco. Nesse sentido, as relações de parentesco não são imutáveis e o corpo passa a ocupar um lugar central, pois enquanto esses homens trans estão construindo seus corpos, eles estão (re)construindo relações sociais e por conseguinte, novas relações de parentescos.

### 3.5 Ser pai, ser mãe, ser pãe

Para mim a grande pergunta é: “Como sua filha te vê?” Ela me vê como a mãe dela. Ela foi criada assim, já sabe quem é o pai, quem é a mãe, já nasce naquilo ali. Então para você desconstruir, parece que o sêmen já é... parece que o óvulo quando é fecundado já vem com aquela coisa que o pai é assim e a mãe e assim. Então para você ir desconstruindo a mente tem que ser aos poucos. Eu não vou chegar e bum, jogar uma bomba de vez na cabeça dela, vou deixar ela ir se adaptando. E conforme eu for mudando ela vai reparar.

Esta foi uma reflexão levantada por Breno ao ser indagado por mim sobre a forma como ele se relaciona com sua filha depois da transição. Para os homens trans que engravidaram antes da transição, como Breno, é difícil se desvincular daquela figura da “mãe” e por isso eles buscaram estrategicamente outras formas de (re)significar essas relações. Assim, alguns homens trans fazem uso do termo de parentesco “pãe” como forma de dar sentido e significado a relacionalidade derivada da gravidez em um corpo transmasculino.

Anne: Eu vi que você colocou uma postagem no *Facebook*, uma foto que tinha você e sua filha, acho que foi do aniversário dela.

Breno: Eu fiz um post no dia do aniversário dela e eu tinha feito um post anterior que acho que alguém comentou que independente que eu fosse mãe ou pai que o respeito que ela tivesse por mim seria o suficiente.

Anne: Eu reparei que você colocou pãe... alguma coisa assim...

Breno: Foi! Coloquei entre aspas. É assim que os meninos acabam meio que identificando os trans, os homens trans que já tiveram uma gestação.

Breno me conta como é para ele e outros homens trans ser pai e mãe:

Breno: Então, é meio que um termo que os meninos acabam usando, pelo fato de estar no meio de... de você ter gerado uma criança e a maioria das crianças vão te chamar de mãe e você está naquele meio da transição de alguma coisa que te intitularam ao nascer para uma coisa que você se sente bem, então você está passando do feminino para o masculino né? Aí você fica naquele meio termo, a criança até ela começar a entender, ela vai ficar entre o pai e a mãe dela, só que a gente acabou adotando esse termo de pãe.

Anne: E então você teve contato com essa palavra com o convívio com os meninos trans?

Breno: É... isso aí... tipo nas redes sociais, nos grupos do *Facebook*. Mas tem homens trans que são meio travados em relação a isso. Eles dão a entender que querem ter filhos já que eles podem gerar os próprio filhos porque não né? Mas tem pessoas que são travadas. Tipo, já está pensado no que os outros vão pensar deles e a gente meio que conversando, conversando, acabou que no meio dessa conversa toda surgiu o termo e a gente ficou na brincadeira de pãe, de pãe, aí eu postei lá.

Anne: Eu já ouvi mulheres cis falarem também...

Breno: É... eu já ouvi também. É pelo fato de, como estou te falando, de ser pai e mãe ao mesmo tempo. Se considera pai porque o povo acha que quem tem que arcar com as despejas com tudo tem que ser o pai, a mãe tem que criar já que ela gerou e concebeu e tal então... ai quando você faz as duas coisas, que você cuida do seu filho, que você trabalha, que faz as coisas dentro de casa, que vai buscar ele e tal, eles generalizam que você é pãe, porque você está fazendo a função do pai e a função da mãe.

Anne: Ahhh, aí vocês acham que isso cabe na questão trans?

Breno: É... Também... é como eu te falei, pelo fato daquela transição toda e pelo fato de que a maioria dos homens trans não tem o apoio do outro pai, no caso do fecundador, com as crianças.

Breno não foi o único a utilizar “pãe” como forma de tentar explicar a relação que ele tem com sua filha. Gustavo disse que quando contou para a Manu sobre sua transgeneridade ela dizia que ele era menina e menino, mas com o passar do tempo quando as primeiras mudanças corporais começaram a surgir como resposta ao tratamento hormonal, Manu ficou muito triste, dizendo que não queria que Gustavo “virasse” um menino, pois tinha muito medo de perder a mãe.

Gustavo diz que deixa Manu bem à vontade em relação a isso, mas que em algumas situações acaba ficando constrangedor para ele:

[...] eu gostaria muito que ela [Manu] me visse como pai, mesmo já tendo o outro dela, mas que não fosse algo imposto. E principalmente por conta do constrangimento que eu passo sempre quando nós saímos e ela me chama de mãe e as pessoas olham tipo, como assim mãe?

Para Gustavo ser pai ou mãe é:

Olha, pra mim é uma questão de figura representativa mesmo, porque em questão de educar, a função teoricamente deveria ser igual. Eu como pãe tento exercer o lado mais firme que normalmente os pais tem, e o lado mais sensível que as mães tem. Ser pãe para mim é isso, é ser pai e mãe, sem classificação de gênero.

O ato de dar outro nome as relações que são estabelecidas anteriormente a “transição de gênero” demonstra a necessidade de dar outro sentido as relações de parentesco que foram pré-estabelecidas. Apesar do “pãe” ser utilizado por pessoas cis, o que é destacado pelos homens trans é o exercício das funções ditas de pai e mãe ao mesmo tempo ou demonstrando que essas funções não precisam de gênero para serem exercidas.

Assim, as categorias de parentesco não são fixas e são também resultado de negociações, de mudanças. Com isso, há uma participação (seja ela negativa ou positiva) dos familiares no processo de transgeneridade. O que nos leva a compreender que os processos corporais não são desassociados das relações com as outras pessoas, o corpo não só nos individualiza, mas nos conecta com os outros. A “transição” de gênero é um processo que permite construir novas relações com outras pessoas, (re)descobrimo um lugar habitável com os outros e a (re)construir ligações feitas anteriormente.

Comparando essa perspectiva com a pesquisa de Souza (2013), já descrita no primeiro capítulo, em que as mulheres trans canadenses não reivindicam e nem desejam ocupar o lugar de mães, pois elas continuaram se autodenominando como pais, mesmo se autoidentificando enquanto mulheres. De forma diferente os homens trans apontam um desejo explícito em serem tratados como pais, mesmo que essa possibilidade seja apontada por eles como algo difícil de ser alcançada. O uso do “pãe” aparece como forma de dar sentido a essa relação em que características consideradas femininas e masculinas

estão em jogo e estão em constante conflito. Fato que corrobora com a pesquisa de Fernanda Cardozo (2006; 2007), ao apontar que no caso das travestis de Porto Alegre que possuem filhos as terminologias de parentesco com que suas posições são definidas em relação as crianças não são fixas e são possíveis de renegociação, podendo ser chamadas de tios/tias ou primas. Dessa forma, algumas travestis estudadas por ela acabam por ocupar lugares diferentes nas relações de parentesco. Assim, uma pessoa ao engravidar não se torna automaticamente uma mãe, os sentidos de paternidade e maternidade podem mudar ao longo da vida dos sujeitos.

Com base nas narrativas apresentadas aqui fica evidente que mesmo não se identificando como homens quando engravidaram essa experiência faz parte do processo de masculinização, demonstrando que a transgeneridade não envolve só aspectos subjetivos ligados as transformações corporais, mas que ela também está inserida nos modos relacionais ligados ao parentesco e a reprodução.

Com este capítulo concluo a análise sobre as dinâmicas relacionais que envolve as transformações corporais, a sexualidade, o parentesco e a reprodução para homens trans que passaram pela experiência da gestação. A seguir apresento uma síntese dos principais temas abordados nesta dissertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido nesta pesquisa, vimos que as relações de parentesco em que os homens trans estão inseridos está relacionada com as dinâmicas corporais que envolve a transgeneridade, a sexualidade e a gravidez. Vimos, também, que o processo de transição de gênero não é linear, nem homogêneo e que está atravessado pelos marcadores sociais da diferença, sobretudo pela dinâmica racial brasileira. Esta ideia de transição de gênero está pautada na noção de corpo plástico, que pode ser moldado e transformado para que reflita aquilo que vem de dentro: o sentimento de pertencimento ao masculino. As diferentes técnicas de modificações corporais utilizadas pelos homens trans toma como base a materialização dos corpos que ao mesmo tempo produz e é produzida pelas diferentes nomenclaturas, pela internet, pelas práticas sexuais, pelo útero, pela testosterona, pela gravidez e pela relação com os filhos e filhas. Ao negarem estrategicamente a existência do pênis, os homens trans buscam formas particulares de nomear seu órgão genital. A sexualidade vivenciada pelos homens trans não está ligada a lógica do “penetrar” e “ser penetrado”, o que está em jogo é a forma como a relação sexual e os casais são denominados, não cabe chamar um homem trans de lésbica, uma vez que a identidade lésbica faz parte do rol das feminilidades. Eles se consideram enquanto heterossexuais, gays, pansexuais, bissexuais dentre outras possibilidades, mas não enquanto lésbicas. A preocupação é como se denomina essas relações e não o gênero do parceiro ou da parceira sexual.

Apresentei nesta dissertação o sistema de nomenclaturas que os homens trans utilizam para descrever o próprio corpo. As relações também sofrem o mesmo tipo de processo de reclassificação, como no uso do termo “pãe”, em decorrência desse trabalho de transformação corporal que ao mesmo tempo subverte e está pautado na lógica de gênero e sexualidade hegemônicas. Assim, enquanto esses homens trans recriam seus corpos e tornam pública a sua transgeneridade eles estão recriando relações sociais.

Esses homens trans dão sentido a reprodução e a gravidez como uma experiência que constitui suas masculinidades. Nas narrativas apresentadas aqui sobre a gestação vimos que para os homens trans que passaram por essa

experiência a masculinidade (mesmo que ainda não assumida nesse período) está o tempo todo em cena. Assim, ao se autoidentificarem como homens a gravidez não é negada, mas incorporada ao próprio percurso de transição de gênero. Os homens trans fazem isso buscando simbolicamente na natureza a imagem do cavalo-marinho como forma de legitimar essa masculinidade capaz de gestar. Além disso, a gravidez em um corpo transmasculino borra as categorias binárias de gênero já pré-estabelecidas. O que inclui também as relações de parentesco, pois há um processo de reinvenção de novas categorias, como a utilização do termo “pãe”. Essa recriação sem dúvida não é de forma simples e tranquila, pois ouvi em campo muitos relatos sobre violência familiar. Assim, a transição de gênero não é vivenciada de maneira isolada, pois há uma participação (seja ela negativa ou positiva) das outras pessoas.

A história de Carlos contada no início desta dissertação reflete como a dinâmica da transgeneridade é vivenciada de modo conjunto com os membros da família. No início de sua transição e apesar de contar com parte do apoio de seus filhos e filhas, Tânia, sua companheira, ainda encontrava barreiras para tratá-lo no masculino, mas mesmo diante das dificuldades eles permanecem juntos como uma família. Pouco antes do término da minha atividade de campo participei do “Transquênique” um piquenique organizado por pessoas trans que ocorreu no início de 2018 no Parque da Cidade em Salvador. Na véspera do encontro fiz um bolo de fubá com goiabada para colaborar com o lanche coletivo. Fui uma das primeiras a chegar no piquenique e mesmo com o tempo nublado e chuvoso apareceu aproximadamente umas 20 pessoas. Após a roda de pessoas formada, dos lanches servidos e das bandeiras trans e LGBT hasteadas Carlos chega com sua família. As crianças pareciam entusiasmadas com a ideia do piquenique e não tiravam os olhos dos brinquedos espalhados pelo parque. Durante a roda de apresentação, Tânia se colocou enquanto esposa de Carlos, destacando que agora ela já tinha se habituado em tratá-lo somente no masculino e o quanto a convivência com outras pessoas trans a ajudou nesse processo. Neste momento dava para notar o sorriso no rosto de Carlos, diferente do tempo em que lamentava quando ela o tratava no feminino.

Nesta fase final da minha pesquisa percebo mais nitidamente que a transgeneridade perpassa as relações familiares e que essas, por sua vez, são

constantemente atualizadas podendo ser modificadas ao longo do tempo. Assim, Carlos e os outros homens trans que deram vida a este trabalho seguem vivenciando sua transgeneridade, modificando seus corpos, construindo suas masculinidades e narrativas próprias que atendam aos seus desejos. Eles seguem mostrando que dentro desses processos inacabados é possível dar novos sentidos e significados a suas existências, ao mesmo tempo que recriam novas formas de ser e estar no mundo com os outros.

## REFERÊNCIAS

ABA. Associação Brasileira de Antropologia. **Código de ética do antropólogo**. 2012. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/?code=3.1>>. Acesso em: 13 de agosto de 2017.

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.513-523, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

ALMEIDA, Miguel Vale de. O casamento entre pessoas do mesmo sexo: Sobre "Gentes remotas e estranhas" numa "sociedade decente". In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 153-168.

ALZUGUIR, Fernanda Vecchi; NUCCI, Marina Fischer. Maternidade mamífera? Concepções sobre natureza e ciência em uma rede social de mães. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.217-238, 14 set. 2015. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n1p217>

ANGONESE, Mônica. **“Um pai trans, uma mãe trans”**: direitos, saúde reprodutiva e parentalidades para a população de travestis e transexuais. 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ARÁN, Márcia. A TRANSEXUALIDADE E A GRAMÁTICA NORMATIVA DO SISTEMA SEXO-GÊNERO. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p.49-63, jan. 2006.

ARÁN, Márcia; Zaidhaft, Sérgio; Murta, Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.70-79, abr. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822008000100008>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000100008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000100008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 02 fev. 2018.

ARÁN, Márcia; Murta, Daniela; Lionço, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p.1141-1149, jun. 2009.

ARÁN, Márcia; Zaidhaft, Sérgio; Murta, Daniela. Transexualidade: CORPO, SUBJETIVIDADE E SAÚDE COLETIVA. **Psicologia e Sociedade**, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 1, p.70-79, out. 2008.

ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades**: A emergência de novas identidades. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BARBOZA, Heloisa Helena. Proteção da Autonomia Reprodutiva dos Transexuais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.549-558, maio 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2012000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200015)>. Acesso em: 04 ago. 2016.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 3. ed. Salvador: Devires, 2017.

BERNARD, H. Russell. Participant Observation. In: BERNARD, H. Russell. **Research Methods in Anthropology**: Qualitative and Quantitative Approaches. New York: Altamira Press, 2006. p. 342-386.

BOURCIER, MH/Sam. Queer commons. In: GROSSI, Miriam Pillar; FERNANDES, Felipe Bruno Martins (Org.). **A força da "situação" de campo**: ensaios sobre antropologia e teoria queer. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018. p. 9-14.

BUSTAMANTE, Vania Nora. **Cuidado infantil e construção social da pessoa**: Uma etnografia em um bairro popular de Salvador. 2009. 307 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

BUSTAMANTE, Vania; MCCALLUM, Cecilia Anne. Cuidado infantil na relação entre adultos e crianças na periferia de salvador. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p.506-515, set. 2011.

BUSTAMANTE, Vania; MCCALLUM, Cecilia Anne. O cuidado de grávidas e bebês no contexto do Programa de Saúde da Família: um estudo etnográfico. **Interface**: Comunicação, Saúde e Educação, São Paulo, v. 14, n. 34, p.607-618, jul. 2010.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172

\_\_\_\_\_. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p.219-260, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a10.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2016.

CAMPBELL, Baird. **Learning to be Trans on YouTube**. 2017. Disponível em: <<http://blog.castac.org/2017/02/trans-on-youtube/>>. Acesso em: 09 maio 2017.

CARDOZO, Fernanda. Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO,

Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 233-252.

\_\_\_\_\_. Sobre afetividades e crianças: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC. **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 27, p.1-9, dez. 2006.

CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. **R@u: Revista de Antropologia da UFSCAR**, São Carlos, v. 2, n. 6, p.103-118, jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Introduction: After Kinship. In: CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge, 2004.

\_\_\_\_\_. Introduction: Cultures of relatedness. In: CARSTEN, Janet (Org.). **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship**. UK: Cambridge University Press, 2000. p. 1-20.

CARVALHAL, Tito. E agora... o que te faz homem? In: GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS (Org.). **Nós Trans: Escrivências de resistência**. Belo Horizonte: Litera Trans, 2017. p. 52-53.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 02, n. 17, p.9-79, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a02.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2017.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **“Encontros tudo a ver”**: Reflexo dos grupos de consciência do Feminismo de Segunda Onda na produção do sujeito político do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG). In: IX ENCONTRO NACIONAL DA ABHO, São Leopoldo, 2008. p. 33 - 45.

FONSECA, Claudia. “Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco”. **Estudos Feministas**, 2008.

\_\_\_\_\_. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p.05-31, jun. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15356>>. Acesso em: 27 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. 1999, n.10, pp. 58-78

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais: um manual prático. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. Petropolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GINSBURG, Faye; RAPP, Rayna. **Conceiving the New World Order: The Global Politics of Reproduction**. Berkeley, University of California Press, 1995.

- GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 21, n. 1, p.261-280, 2003.
- GROSSI, Miriam Pillar. Gênero, sexualidade e reprodução. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 293-340.
- GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- HEILBORN, Maria Luiza et al. Aproximações Socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p.13-45, jun. 2002.
- HÉRAULT, Laurence. **Le mari enceint: construction familiale et disposition corporelle**. **Critique, Centre National des Lettres**, p.48-60. 2011. Disponível em: <[https://hal.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/737028/filename/Le\\_mari\\_enceint\\_VP.pdf](https://hal.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/737028/filename/Le_mari_enceint_VP.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- HOWE, Cymene. Queer Anthropology. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, [s.l.], p.752-758, 2015.
- IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos; ORLEANS, Roberto Ghignone de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 25, n. 4, p.773-782, abr. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2009000400008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2009000400008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 27 out. 2017.
- KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e a cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2008. p. 18-35.
- KUPER, Adam. David Schneider: La biología como cultura. In: KUPER, Adam. **Cultura: La versión de los antropólogos**. Barcelona: Paidós, 2002. p. 147-187. Disponível em: <[https://tristesantropicos.files.wordpress.com/2013/05/kuper\\_-\\_cultura.pdf](https://tristesantropicos.files.wordpress.com/2013/05/kuper_-_cultura.pdf)>. Acesso em: 27 set. 2015.
- LEITE JUNIOR, Jorge. "Nossos corpos também mudam": sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. 2008. 230 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LUCON, Neto. **Homens trans lançam canal “Cavalos-Marinhos” e falam sobre LGBT, negritude e vivências**. 2016. Disponível em:

<<http://www.nlucon.com/2016/10/homens-trans-lancam-canal-cavalos.html>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. A procriação e a gravidez, segundo as crenças e os costumes dos nativos. In: MALINOWSKI, Bronislaw. **A vida sexual dos selvagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. Cap. 7. p. 181-219.

MARCELIN, L. H. A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano. **Mana**, v.5, n.2, p. 31-60, 1999.

MARKHAM, Annette; BUCHANAN, Elizabeth. **Ethical Decision-Making and Internet Research: Recommendations from the AOIR Ethics Working Committee (Version 2.0)**. 2012. Disponível em: <<https://aoir.org/reports/ethics2.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MCCALLUM, Cecilia; BUSTAMANTE, Vânia Nora Dejo. Parentesco, gênero e individualização no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. In: **Etnográfica**, vol. 16, 2012.

\_\_\_\_\_; REIS, Ana Paula dos. Re-significando a dor e superando a solidão: experiências do parto entre adolescentes de classes populares atendidas em uma maternidade pública de Salvador, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p.1483-1491, jul. 2006.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea: Revista de Sociologia da Ufscar**, [s.l.], v. 6, n. 2, p.275-297, 2016. Editora Cubo Multimedia.

\_\_\_\_\_. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos: Revista de Pós-Graduação de Ciências Sociais**, Natal, v. 12, n. 2, p.09-22, dez. 2011.

MORRE, Henrietta L., "Anthropology and Gender Studies", Fardon, Richard et. al. (Ed.), **The SAGE Handbook of Social Anthropology**, Thousand Oaks: Sage Publications, p. 212-226, 2012.

MOUTINHO, Laura. "Raça", Sexualidade e Saúde: Discutindo Fronteiras e Perspectivas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p.191-196, jan. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v14n2/v14n2a02.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. **Cadernos Pagu**, [s.l.], n. 42, p.201-248, jun. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000100201&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332014000100201&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 18 dez. 2017.

MURTA, Daniela. Entre o "transexualismo verdadeiro" e a diversidade das experiências trans: uma discussão crítica sobre a produção da identidade transexual universal. In: SILVA, Daniele Andrade da; HERNANDEZ, Jimena de Garay; JUNIOR, Aureliano Lopes da Silva; UZIEL, Anna Paula. (Org.). **Feminilidades: corpos e sexualidades em debate**. 1ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014, v. 1, p. 63-82.

NERY, João Walter. **Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois**. São Paulo: Leya, 2011.

\_\_\_\_\_; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências. **História Agora: A revista de história do tempo presente**, v. 16, n. 2, p.139-165, jan. 2013.

NONATO, Murillo Nascimento. **As masculinidades dos homens transexuais como formas alternativas de ser homem**. In: Desfazendo gênero, 2, 2015, Salvador. **Anais**. Salvador: UFBA, 2015. p. 1 - 5.

OLIVEIRA, Maria Isabel Zanzotti de. **Nas margens do corpo, da cidade e do estado: educação, saúde e violência contra travestis**. 2015. 130 f. Dissertação (mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Melissa Barbieri de. **Famílias compostas por pessoas Trans: o que muda nesta configuração familiar?**. In: SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 4, 2015, Salvador.: UNEB, 2015. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/enlace06-01.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

PATRIARCA, Letzia. **As corajosas: etnografando experiências travestis na prostituição**. 2015. 130 f. Dissertação (mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. **Ressignificar e empoderar o corpo: Homem trans grávido e os desafios da adequação**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO O GÊNERO, 2., 2015, Salvador. **Anais**. Salvador: UFBA, 2015.

PELETZ, Michael G. Kinship Studies in Late Twentieth-Century Anthropology. **Annual Review of Anthropology**, [s.l.], v. 24, n. 1, p.343-372, out. 1995.

PINA-CABRAL, João de; SILVA, Vanda Aparecida da. **Gente Livre: consideração e pessoa no Baixo-Sul da Bahia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Nas Fronteiras do Natural: Gênero e Parentesco. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p.1-18, jun. 1998.

\_\_\_\_\_. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiás, v. 11, n. 2, p.263-274, jul. 2008.

RAMOS, Jair de Souza; FREITAS, Eliane Tânia (org.). Etnografia Digital. *Antropolítica*, Niterói, v. 1, n. 42, p.08-15, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/544/pdf>>. Acesso em: 30 maio 2018.

REDE NACIONAL DE PESSOAS TRANS BRASIL (Brasil). **Saúde do homem trans e pessoas transmasculinas**. Brasília: Núcleo de Homens Trans da Rede Trans Brasil, 2018. Disponível em: <<http://redetransbrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Cartilha-Homens-Trans.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

REZENDE, Patrícia de Souza. **A reprodução enquanto um processo biossocial**: estudo etnográfico em uma vila do baixo-sul baiano. 2015. 225 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Pública, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a "economia política" do sexo. Recife: Sos Corpo, 1993. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1919>>. Acesso em: 25 out. 2014.

SAHLINS, Marshall. **What kinship is and is not**. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

SANABRIA, Emília; EDMONDS, Alexander. Entre saúde e aprimoramento: a engenharia do corpo por meio de cirurgias plásticas e terapias hormonais no Brasil. **História, Ciências, Saúde-manguinhos**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.193-210, mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO).

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Aspectos éticos nas pesquisas qualitativas. In: GUERRIERO, Iara Coelho Zito; SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; ZICKER, Fabio (Org.). **Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 47-52.

SCHNEIDER, David. **Parentesco Americano**: uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes, 2016.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas**, Natal, v. 1, n. 5, p.67-78, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, n. 1, p.19-54, jan. 2007

SILVA, Diogo Sousa. **“Existe uma barreira que faz com que as pessoas trans não cheguem lá”**: itinerários terapêuticos, necessidades e demandas de saúde de homens trans no município de Salvador – BA. 2017. 177 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SOARES, Gilberta Santos. **Sapatos tem sexo?** metáforas de gênero em lésbicas de baixa renda, negras, no Nordeste do Brasil. 2016. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos do Núcleo de Estudos da Mulher, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SOUZA, Érica Renata de. Papai é homem ou mulher? Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e a homoparentalidade no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 56, n. 2, p.397-430, set. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/82527/85502>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

STRATHERN, Marilyn. Necessidades de pais, necessidades de mães. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 3, n. 2, p.303-329, jun. 1995.

\_\_\_\_\_. **O gênero da dádiva:** Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

TARNOVSKI, Flávio Luiz. "**Pais assumidos**": adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo. 2002. 114 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002.

UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam. Conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.481-487, set. 2006.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 123-132.

VERGUEIRO, Viviane. **Despatologizar é descolonizar**. 2015. Disponível em: <<https://transactivists.org/2015/10/26/viviane-vergueiro-despatologizar-es-descolonizar/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VIEIRA, Elisabeth Meloni et al. Gravidez na adolescência e transição para a vida adulta em jovens usuárias do SUS. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 51, n. 25, p.1-11, jan. 2017.

YANAGISAKO, Sylvia; COLLIER, Jane. Gender and Kinship reconsidered: Toward a unified analysis. In: BOROFKY, Robert. **Assessing Cultural**

**Anthropology.** Hawaii Pacific University: Mc Graw-Hill College, 1994. p. 190-203.

WESTON, Kath. **Families we choose:** Lesbians, gays kinship. New York: Clumbia University Prees, 1991.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p.123-147, jul. 2006.

**GLOSSÁRIO**

Binder	Colete ou faixa feito de tecido elástico que tem a função de comprimir e esconder o tamanho dos seios.
Packer	Prótese peniana usado pelos homens trans com função de urinar em pé, fazer sexo e volume na roupa.
Pump	Bomba de sucção que pode ser feita retirando a parte do bico de uma seringa (geralmente a mesma utilizada na aplicação da testosterona) e serve para estimular o crescimento do clitóris.
“T” / Testosterona	Fármaco a base de testosterona, principal hormônio utilizado pelos homens trans.
Intrusos	Palavra muito usada pelos homens trans para se referir aos seios.
Minoxidil	Vasodilatador que estimula o crescimento da barba e do bigode.
Monstruação	Neologismo das palavras monstro e menstruação
Pireca/Buau/Clote	Essas palavras fazem referência ao clitóris
Mamoplastia masculinizadora/ Mastectomia/ “Mastec”	Cirurgia plástica de masculinização dos seios

## APÊNDICE A

### TÓPICO GUIA PARA ENTREVISTA

Apresentar os objetivos da pesquisa  
Apresentar o TCLE detalhadamente  
Perguntar se tem alguma dúvida sobre a pesquisa  
Pedir permissão para gravar a entrevista

#### DADOS PESSOAIS

Idade, Raça, Ocupação profissional, Escolaridade, Orientação afetiva sexual, Religião

#### IDENTIDADE

História de vida  
Infância  
Adolescência  
Amigos, escola, trabalho  
Questões familiares

#### RELAÇÕES PARENTAIS

Quem faz parte da família  
Relação com a família/parentes (antes e depois da transição)  
Relação com filho/a  
Cuidados com filho/a  
Relações afetivas/sexuais (antes e depois da 'transição')  
Relação com cônjuges

#### CASA

Onde mora  
Com quem mora  
Relação com as pessoas que moram na mesma casa  
Relações com vizinhos  
Parentes moram próximo ou mudou-se para longe

#### REPRODUÇÃO/GRAVIDEZ

Como engravidou (antes ou depois da transição)  
Descoberta da gravidez  
Processo de gestação  
Gravidez e cuidados com o corpo e saúde  
Cuidados familiares  
Experiência do parto  
Cuidados pós-parto

Cuidados com o bebê  
Ser homem e ter engravidado

## CORPO

Escolha do nome: faz uso do nome social ou já é 'retificado'

Modificação corporal: Binder, packer, pump, minoxidil, outros

Relatar a experiência no uso com cada um (pontos positivos e negativos)

Terapia hormonal: Mudanças observadas, onde acessa, porque faz uso, o que espera, quais os efeitos colaterais

Realização de cirurgias: Motivo da realização (ou não) ou as expectativas para realizar

Relação com o corpo antes e depois da 'transição' (auto cuidado)

Relação com as modificações corporais e a reprodução (Saúde Reprodutiva)

Pergunta final (Efeito "bola de neve")

Você conhece outros homens trans que engravidaram ou que estejam grávidos?

Agradecer a participação na pesquisa

## APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado,

O Sr. está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa denominada “Homens grávidos: parentalidades trans e reprodução” que tem por objetivo analisar a formação de famílias trans no Brasil a partir dos homens trans que estão grávidos ou que engravidaram. A pesquisa justifica-se por abordar um tema pouco explorado e para tanto, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com homens trans que estejam grávidos ou que tenham gestado, as entrevistas serão gravadas em aparelho de áudio para posterior transcrição. Será realizada observação participante nos locais de convivência de homens trans na cidade de Salvador/BA e exploração em sites e mídias sociais, com anotações e registros em diário de campo. Esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a temática pesquisada, de forma que o conhecimento construído a partir dele possa contribuir para a população de homens trans.

As informações e opiniões emitidas por você e outros participantes serão tratadas anonimamente, ou seja, a sua identidade será omitida em todas as fases da pesquisa, principalmente na apresentação e publicação dos resultados. Esses resultados serão utilizados para fins acadêmicos e publicações em eventos científicos (congresso, simpósio, seminário), em livros, revistas, periódicos, artigos e afins, sendo o principal resultado a elaboração da dissertação que será defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia (PPGA/UFBA). Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os resultados também estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa.

Para participar deste estudo o Sr. não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr. tem assegurado o direito a indenização. O Sr. terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua

participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade.

Sua participação nessa pesquisa não envolverá riscos ou danos a sua pessoa, mas caso se sinta afetado emocionalmente, poderemos pausar ou interromper a sua colaboração a partir da sua escolha. Caso tenha dúvida posterior ou sinta-se prejudicado, poderá contatar a pesquisadora responsável através dos contatos que seguem neste termo ou poderá contatar sua orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Cecilia McCallum, pelo e-mail XXX. O senhor também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) localizado na **Rua Basílio da Gama, s/n – 2º andar. CEP: 40110-040 Salvador/Bahia. Horário de funcionamento: 2ª a 6ª feira, das 08 às 15h, através do e-mail: [cepisc@ufba.br](mailto:cepisc@ufba.br) ou do telefone (71) 3283-7419. O CEP** existiu nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos visando salvaguardar a dignidade, a integridade, os direitos, a segurança e o bem-estar do sujeito da pesquisa e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido segue em duas vias, uma destinada ao pesquisador e outra destinada ao colaborador voluntário. Além disso, todas as páginas deste termo deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo participante, após a sua leitura e aceitação para participar da pesquisa. Assim, aceitando participar e não tendo dúvidas sobre a pesquisa, solicitamos a sua autorização para analisar e fazer uso das informações prestadas.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de identidade \_\_\_\_\_ fui informado dos objetivos da pesquisa “Homens grávidos: parentalidades trans e reprodução”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Anne Alencar Monteiro  
Pesquisadora responsável  
Tel: XXXX  
E-mail: XXX

Salvador, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_